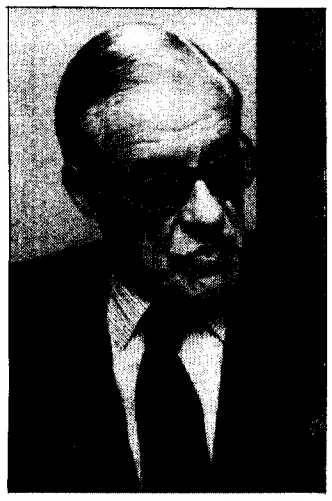
Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 276 Quinta-feira, 29 de Janeiro de 1987 Preço 40$00



Novo bastonário dos médicos

À segunda a vitória foi de vez

pág. 6

FILIPINAS

Rebelião termina sem derramamento de sangue

Págs. 12 e 13

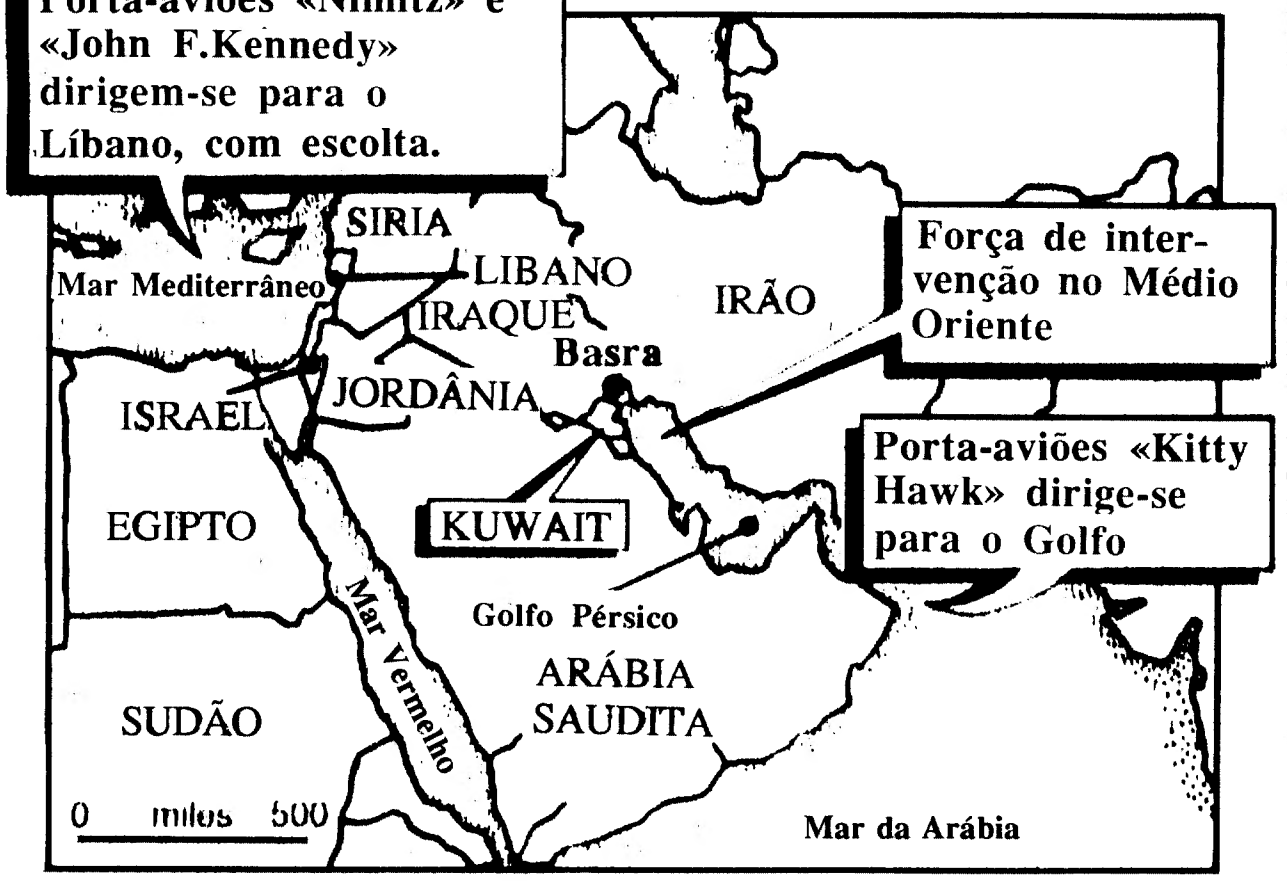
DÓLAR

Queda de 2.90 escudos em dois dias

Pág. 24

Movimento de intimidação?

ESQUADRA AMERICANA ENVIADA PARA O GOLFO



Forças navais norte-americanas estão a tomar posições no Mediterrâneo, ao largo do Líbano, e no Golfo Pérsico, próximo do Kuwait. Esta deslocação de unidades navais — três grandes porta-aviões estão envolvidos — ocorre após se terem verificado novos raptos de cidadãos americanos em Beirute e no momento em que a extensão da guerra Irão-Iraque começa a ameaçar as fronteiras do Kuwait. Trata-se, à primeira vista, de movimentos intimidatórios, destinados a reiterar o apoio norte-americano aos países árabes moderados, depois das dúvidas que se levantaram na sequência na venda de armas ao regime dos ayatholas.

Págs. 12 e 13

Em dia de chuva tudo é azar

Desastre perturba Linha de Sintra autocarro esbarrou contra TIR

A chuva, se a há, é a culpada de tudo. Ou, pelo menos, agrava os acidentes de percurso do dia a dia, serve-nos de bode expiatório. Assim aconteceu com o descarrilamento de uma carruagem, ontem, em Campolide, que se reflectiu nas ligações ferroviárias da linha de Sintra até à manhã de hoje. E sucedeu também que um autocarro se despistou esta manhã, e acabou por chocar contra um camião TIR, com um saldo de dez feridos.Se mesmo um caso «simples» como um de um eixo que se parte, com chuva é outra coisa...

Pág. 7

Acidente, mais um, desta manhã de chuva. Pouco antes um autocarro colidiu com um camião TIR e fez dez feridos.

Em parte devido à situação militar israelita e aos ses constantes esforços diplomáticos para evitar o isolamento a nível mundial, o sigilo tornou-se numa forma de viver para o governo de Telaviv.

ISRAEL: secretismo e negócios de armamento

Jonatham Immanuel

ISRAEL é um país que gosta do sigilo. O ministro dos Negócios Estrangeiros israelita argumentou recentemente que «não existe nenhuma política externa que seja completamente do domínio público». Mas mesmo por esses padrões, a inclinação de Telaviv para a espinagem e contra-espionagem parece excessiva.

A primeira página de uma edição recente do conceituado diário «Haaretz», por exemplo, incluía as seguintes notícias: a transferência secreta israelita de armas para o Irão; alegada ajuda secreta israelita aos rebeldes em Moçambique; uma notícia sobre o julgamento, secreto, de Mordechai Vanunu, acusado de revelar segredos nucleares israelitas; uma conferência secreta, em Washington, sobre a utilização dos escassos recursos de água, envolvendo Israel e o Iraque; uma entrevista, na prisão, com Jonathan Pollard, o analista dos serviços secretos, condenado por passar informações americanas para Israel; uma notícia sobre o auxílio dissimulado de Israel e da CIA aos «Contras» da Nicarágua, desde 1981; uma recapitulação das acusações, em Nova Iorque, contra um traficante israelita de armamento, sediado nas Bahamas.

Foi um dia noticioso fora do vulgar, mas mais invulgar ainda é haver um dia em que não surja nenhuma notícia envolvendo operações secretas israelitas.

Israel, que em tempos esperou tornar-se «uma luz entre as nações», habituou-se a conduzir os assuntos públicos na escuridão, negociando anonimamente com regimes dúbios, que tratam Israel como um pária nos foros internacionais.

O primeiro-ministro Yitzhak Shamir defendeu esta política num recente encontro de editores d revistas, dizendo que «o direito do público de saber é importante, mas o governo tem o dever de defender os seus cidadãos e isso por vezes significa manter secretos certos factos».

Apesar de ser um argumento válido, «o dever de defender parece frequentemente significar a protecção da confidencialidade de outros Estados e manter o silêncio acerca de embaraçosas vendas de armas». O armamento transformou-se numa exportação de 1,2 biliões de dólares, e numa alavanca de política externa, envolvendo frequentemente regimes como o do Chile, da Guatemala e do Irão, que têm dificuldade em conseguir armas através dos canais normais.

As exportações de armamento cresceram com a tentativa de Israel de se tornar militarmente auto-suficiente. Têm aumentado de 20% por ano, desde 1967, de acordo com analistas estratégicos israelitas.

Os motivos originais eram económicos, mas foram quase certamente influenciados por considerações políticas, criando um mundo de diplomacia secreta, longe do conhecimento do público e mesmo de alguns membros do governo israelita.

Todo o sigilo mantido em torno deste negócio, não impediu o apareciamento de notícias envolvendo 800 negociantes de armas israelitas, licenciados pelo governo, de que as vendas incluíam assistência prática aos compradores, como para depor ou fomentar golpes de Estado em países como o Gana, Moçambique, Nicarágua e Uganda.

Muitos políticos israelitas têm uma predilecção natural pelo sigilo. Shamir chefiou o grupo clandestino «Lehi» e foi um operacional do serviçosecreto Mossad, em Paris, durante 10 anos.

Nomeou David Kimche, um ex-elemento do Mossad, de origem britânica, para chefiar os serviços diplomáticos israelitas. Foi Kimche quem apresentou oficiais norte-americanos a trficantes de armas iranianos com ligações directas a elementos «moderados» do governo dos ayatollahs.

Shimon Peres, que trocou de lugar com Shami em Outubro, não é também estranho à diplomacia secreta. Cultivou o hábito durante uma distinta carreira no Ministério da Defesa, onde se tornou director-geral adjunto aos 29 anos e dirigiu as equipas de desenvolvimento nuclear israelita e de aqusição de armas, nos anos 50 e 60.

Shamir, Peres, e o ministro da Defesa, Yitzhak Rabin, decidem que armas podem ser vendidas e onde, levando a cabo decisões de política externa conhecidas somente por eles e por um círculo restrito de confidentes, militares e homens de negócios.

A maioria dos governos auxiliados têm sido ditaduras de direita. Notícias de forças rebeldes auxiliadas têm incluído, maioritariamente, guerrilhas antimarxistas. Mas nenhuma destas notícias, incluindo as ligações militares com a África do Sul, têm sido tão anómalas como as vendas de armas ao Irão, sancionadas por Israel. Teerão é o mais duro oponente ideológico de Israel no mundo de hoje, opondo-se mesmo à sua existência e apoiando ataques terroristas contra interesses israelitas espalhados um pouco por todo o mundo.

Existe no entanto pouca controvérsia pública acerca do silêncio do governo nestes assuntos. O público aceita o sigilo com base na segurança, enquanto vendas de armas são frequentemente confundidas com questões de segurança.

Grande parte das discussões levadas a cabo na Imprensa, nas semanas mais recentes, acerca das alegadas bombas nucleares israelitas e das ligações de Telaviv com o Irão, têm-se centrado, não na ligitimidade de Israel possuir armas nucleares ou de armar regimes hostis e apoiantes do terrorismo, mas sim na negligência que trouxe esses assuntos ao conhecimento do público.

A política secreta de apoiar o Irão na Guerra do Golfo, foi iniciada em 1981 pelo então ministro da Defesa, Ariel Sharon, que nesse período fez também diversas viagens à América do Sul e à América Central, incluindo as Honduras, país vizinho da Nicarágua e base dos «Contras».

Um ano antes da invasão israelita do Líbano, na esperança de esmagar a Organização de Libertação da Palestina e reduzir a influência soviético-síria, Sharon afirmou que os interesses israelitas se identificavam com os do Irão. Posteriormente, nesse mesmo ano, Israel assinou um memorando estratégico de entendimento com os Estados Unidos.

Os políticos da oposição, incluindo Peres, rejeitaram, como arrogante e perigosa, a asserção de Sharon de que Israel, tal como os Estados Unidos, tinha interesse directo em conter a influência soviética no Médio Oriente e um pouco por todo o lado.

Estes políticos expressaram, publicamente, os seus temores, meses antes da invasão do Libano, de que o acordo estratégico com Washington poderia levar Israel a acções militares não ligadas com a segurança imediata do país, em favor dos interesses globais dos Estados Unidos.

A asserção de Peres, Shamir e Rbin de que Israel estava somente a prestar um serviço humanitário a Washington, ajudando a assegurar a libertação dos reféns, fez abortar qualquer inquérito sobre as implicações políticas do negócio de armas com o Irão e de outras vendas de armas.

De acordo com o diário «Maariv», fontes do Ministério da Defesa acreditam que o caso do Irão já afectou as exportações militares para outros países e poderá enfraquecer a influência diplomática do país.

JOVENS PENSADORES

Ana Maria Maia Goes
26 anos,
estudante no ISLA (tradução)

"A virgindade está na cabeça"

É verdade que somos mais românticos?
— Sim. A vida está cada vez mais dura e é preciso escapar um pouco à realidade. Temos uma certa precisão em vivermos intensamente. A paixão é uma necessidade, é de facto muito importante podermos apaixonar-nos, e isso acontece-me frequentemente.
Mas porque é que se está a passar assim, tens uma ideia?
— É talvez uma reacção à falta de ideais. Já não temos nada por que nos guiarmos, não sobra nenhuma metafísica. As pessoas perderam-se ao usarem a liberdade.
Como assim?
— Fala-se demasiado de sexo e faz-se demasiado sexo. É isso: vive-se de mais o sexo e o ser humano não comporta tanto. O sexo vicia.
Está a acontecer, portanto, uma reacção contra o amor livre e a revolução sexual que começou nos anos 60?
— Eu não sou contra o amor livre. Foi bom e necessário, só que se forçou muito. Pronto: foi o ideal dos anos 60, nós agora precisamos de outro.
Há por aí muito amor platónico. O que pensas?
— É compreensível que se queira o amor platónico, mas também é um erro.
A fidelidade volta a ser um valor fundamental?
— Bem... melhor será a fidelidade que não é imposta, que acontece naturalmente.
E se a própria natureza de uma pessoa o leva a não ser «fiel»?
— Nesse caso acho que deve seguir as suas tendências. Não considero que isso destrua o valor da fidelidade, apenas o atrasa.
A virgindade continua a ser importante, no teu ponto de vista?
— Sim. Mas faz-se de conta que não é: para se parecer moderno. Os portugueses estão muito agarrados a essas coisinhas. Olha: a virgindade está na cabeça das pessoas. Pode-se ser puro sem se ser virgem. E há muita virgem manhosa.
Se pudesses no que é que contribuíasde modo a podermos ser um pouco mais puros?
— Incentivaria a luta pela perfeição.
Mas será possível, a perfeição?
— Claro que não, mas aproximar-nos-íamos mais do que funciona como um modelo de perfeição. Aliás, é isso o que interessas: criar.

Perdido o campeonato, mudar de equipa

Ulisses Garrido*

O governo de Cavaco Silva é como aquelas equipas de futebol que antes de iniciado o campeonato prometem mundos e fundos. *Quem os ouve, seus adeptos ou não, julga que o campeonato está no papo.*

Trata-se de uma jogada psicológica, propaganda que põe as outras equipas em respeito e galvaniza a opinião pública.

Iniciado o campeonato, começam a surgir os resultados menos bons.

Nessa altura, ainda se arranjam desculpas como falta de entrosamento, etc.

Mas as declarações públicas são «à Meirim». Tudo na maior, somos os melhores da Europa, da CEE e arredores! Derrotas ficam a parecer vitórias! Os números têm novas leituras (como se o que contasse não fossem os pontos somados na classificação geral!).

Mais para diante, aquilo que parecia ser apenas transitório, começa-se a transformar em definitivo: **a equipa não passou de um «bluff» e os maus resultados acumulam-se.**

É exactamente o que se passa com o governo de Cavaco Silva, que prometeu mundos e fundos e afinal apenas tem vindo a piorar as condições de vida e de trabalho de muitos milhares de trabalhadores, em contradição clara com as condições financeiras favoráveis que permitiriam brilharetes mais consistentes.

Então sucedem-se as declarações públicas: «dizem mal de nós! São mal intencionados! Somos os melhores da CEE».

Dá-se a ideia dum governo na crista da onda.

Mas, a equipa de Cavaco Silva nem sequer alterna os bons resultados com os maus. É uma equipa que alcança, por norma, maus resultados e de vez em quando, muito de vez em quando, lá consegue um brilharete.

Que interessa a uma equipa dar uma vez 5 sem resposta, se antes e depois perde o resto dos jogos?

As falas do presidente da Direcção não bastam, não conseguirão enganar sempre os adeptos. As culpas são dos outros, do árbitro, etc. culpas próprias é que não!

Os campeonatos ganham-se mantendo uma regularidade vitoriosa.

Não é o que acontece com a equipa de Cavaco Silva que, por exemplo, na área laboral perdeu todos os confrontos.

Na batalha contra o **desemprego,** o governo Cavaco Silva saiu claramente derrotado: são mais de 500 mil os desempregados (em Lisboa mais de 121 000).

No confronto com o **trabalho precário,** o governo Cavaco Silva foi miseravelmente derrotado: em cada 5 novas admissões, 4 são **contratos a prazo** que já representam 13% da população activa; o recrutamento de **mão-de-obra ao dia, à tarefa e à peça** são hoje generalizados.

O Governo perdeu ainda a batalha contra os **salários em atraso:** mais de 100 mil trabalhadores continuam nessa situação (em Lisboa, em 260 empresas, cerca de 22 mil trabalhadores estão com salários em atraso).

E estes eram, afinal, os jogos decisivos que o Governo perdeu. E o pior é que os tem perdido por culpa própria, numa altura em que estavam reunidas as condições para sair vitorioso desses confrontos.

Os adeptos, que somos todos nós, estamos, muito naturalmente, descontentes com a equipa e seus líderes.

O Governo, no entanto, conseguiu alguns golos: aumentou as pensões e aplicou o salário mínimo a partir dos 18 anos. Dois golos que, sabe-se, não resolveram os desafios (as reformas continuam de miséria e os jovens sem emprego!) e resultaram de factores externos à equipa (no caso foi a luta que os trabalhadores moveram com persistência).

A equipa de Cavaco Silva deixa muito a desejar. Os trabalhadores consideram que não tem correspondido às expectativas. Os adeptos viram-lhe as costas. Tem sido vaiada.

Os trabalhadores são responsáveis: confiam nas potencialidades do clube (o País) mas não querem esta equipa (o Governo).

No futebol, quando as coisas começam a correr mal, dá-se uma «chicotada psicológica». Tomam-se medidas.

O treinador é substituído. Veja-se o caso do Farense, do Elvas e do Sporting.

Nos governos, ressalvadas as devidas diferenças, **tem de se substituir o 1.º Ministro e com ele toda a equipa.**

É o que os trabalhadores desejam, depois de 14 meses a confirmar o desperdício de oportunidades que Cavaco Silva tem levado a cabo.

É por isso que no dia 31 vão sair à rua: por emprego certo, por salários em dia, por uma vida melhor.

Em equipa que não ganha, há que mudar o treinador.

Em governo que não presta, há que mudar a equipa.

*** do Conselho Nacional da CGTP-IN**

Educação e ensino: Outras questões além do Português

Luís Miranda Rocha

Um excessivo empolamento da questão do Português nas escolas tem deixado num plano secundário de preocupações outras disciplinas que, não sendo ou não passando por ser fundamentais, essenciais, no sentido em que se pode considerar uma língua fundamental ou essencial, têm no entanto uma importância que se aproxima dessa noção, e deveriam ser pensadas e tratadas num plano de igualdade em relação à Matemática, por exemplo; (e à Matemática, como se sabe, tem sido e continua a ser atribuída, nas estruturas curriculares e no funcionamento dos ensinos preparatório e secundário, uma importância maior, somente excedida pela atribuída ao Português).

Tais disciplinas são a Educação Visual, a Educação Musical, principalmente, mas também os Trabalhos Manuais e a Educação Física.

Todos os anos, nos meses de Outubro, Novembro, até mais tarde, se lê quase diariamente nos jornais que um pouco por toda a parte faltam professores para leccionar tais disciplinas em inúmeras escolas. Uma primeira reacção comentaria a situação mais ou menos nestes termos: se faltam professores, que se formem professores. No entanto, para se formarem professores são precisas mais escolas, mais professores para leccionarem nessas escolas. E, pelos vistos, é fácil deixar que proliferem as escolas superiores (designadamente universidades) privadas, para que delas saiam mais juristas e mais economistas, especialistas quase perfeitamente prescindíveis para um País cujas necessidades prioritárias são outras. Difícil é criar novas escolas de que saiam licenciados ou diplomados que possam satisfazer uma crescente população escolar e as suas necessidades naqueles sectores.

Por estranho que pareça, a situação não se alterou muito nos últimos 10, 20, 30 anos, talvez até mais, para além de que a população escolar, sobretudo no preparatório e secundário, aumentou para umas três, quatro ou cinco vezes mais. E não é só que faltam professores. Faltam perspectivas novas para essas disciplinas, falta alterar-se a visão do contexto em que essas disciplinas se enquadram. Alguns exemplos ilustrativos disso, do imobilismo que parece caracterizar a situação.

Faltam professores de Educação Física. É preciso fazê-los. Mas há somente duas escolas superiores para esse fim, uma em Lisboa e outra no Porto. Parece que vai haver, dentro de algum tempo, outra em Coimbra.

Era importante que houvesse mais escolas superiores, em Coimbra, e principalmente noutras cidades de província, principalmente aquelas onde já existem centros universitários instalados.

A disciplina de Trabalhos Manuais tem ainda como docentes, quase em regra, umas pessoas que tiraram uns vagos cursos em certas escolas secundárias. Os estágios servir-lhes-ão de alguma coisa, mas nenhuma experiência pedagógica compensará totalmente a falta de formação científica. E que dizer isto não pareça depreciativo para tais docentes: é apenas aludir à importância do que se trata no conteúdo da disciplina pela qual são responsáveis. Numa situação razoável, tal disciplina deveria ter como docentes apenas licenciados ou diplomados por escolas superiores de Belas-Artes.

Tal como a Educação Visual, onde, pelo que julgamos saber, os professores oriundos de tais escolas quase estão em minoria. À docência têm acedido centenas de habilitados por essas escolas particulares que (cujos cursos) o Estado oficializa, necessariamente, porque eles correspondem a necessidades a que o Estado se revela incapaz de responder. Não é duvidar da importância dessas escolas e da sua eficácia em termos de ensino. Sabe-se até que são boas escolas, e exigentes. Também custa relativamente caro frequentá-las. E só as há em Lisboa e Porto, agora, também, ao que parece, em Coimbra.

Sabe-se o que o ensino superior particular e a sua expansão representam e significam: fundamentalmente, a incapacidade do Estado para implantar um sistema, uma estrutura e uma rede de escolas capaz de satisfazer as necessidades da população escolar, — cuja promoção, facilitada, seria um mínimo de consagração para quaisquer concepções do ensino decorrentes dessa outra noção fundamental que é a Democracia.

Coimbra terá, dentro de algum tempo, uma faculdade de Arquitectura, segundo consta. Está a descobrir-se a necessidade de haver arquitectos para salvar o que resta do desastre que foram, durante uns vinte anos, as obras particulares (de responsabilidade pública) um pouco por todo o País. Ainda está por reconhecer a necessidade de abrir mais escolas superiores de Belas-Artes para formar professores de Educação Visual devidamente habilitados que faltam nas escolas. E faltam professores, apesar de os programas escolares preverem apenas, no secundário, uma aula (embora de duas horas) por semana. Quando se reconhecer que deveriam ser duas ou três (quatro ou seis horas), a falta de professores será ainda mais notória.

Haverá quem tenha opinião pedagogicamente avalizada sobre a questão. Aquém disso parece legítimo dizer que, tal como está a situação da Educação Visual, ela pouco representa na formação global dos alunos e prejudica qualquer vocação, adiando-lhe a revelação e sobretudo os estímulos práticos, durante anos.

No tocante à Educação Musical é ainda mais grave, já que ela não vai além do nível preparatório. No secundário, como se sabe, não. As consequências são facilmente calculáveis, e, para termos uma noção do que elas sejam, basta pensarmos no que há de actividade musical em todo o País; uma penúria como talvez não haja em qualquer outro sector de actividade artística.

O que é mais estranho nesta situação, nos aspectos e nos problemas que a caracterizam, é que parece não haver, não ter havido, nos últimos dez, vinte anos, qualquer esforço feito no sentido de a superar. Há trinta anos, os estudantes liceais tinham, de Educação Musical, uma aula por semana no primeiro ciclo, e era tudo. Vocações, teriam de ser tratadas particularmente. Todavia, a situação de hoje é exactamente a mesma, e o que haverá de melhores condições são estruturas raras, soluções localizadas e pontuais, fora da escola. Num plano amadorístico, haverá dezenas de escolas de música em todo o País, — mas são obra de iniciativa particular, e até popular: muitas vezes tais escolas estão ligadas a associações de cultura e recreio. O Estado, aquém e além de que pouco ou mesmo nada tem feito, nem apoia tais escolas, — que os apoios que têm chegam-lhes mais das autarquias.

E o que a este propósito se diz da Educação Musical pode dizer-se da Educação Visual (para falarmos só destas duas frentes).

Entretanto o Estado, os administradores do poder político e económico do Estado legislam sobre o ensino do Português, determinam que não passem de ano os estudantes que não tenham aproveitamento nesta disciplina, e encarregam da execução dessa sanção os professores. E fazem questão de alardear com isso preocupações com o património cultural da comunidade, ou mesmo isso a que, pelos vistos, continua a ser preciso dizer que se trata de patriotismo.

É, no fundo, uma questão de cultura e da mentalidade, e nem propriamente dos políticos, mas da população em geral, de onde (de alguns estratos da qual) os políticos se destacam.

Era importante que se pensassem as questões da Educação e do Ensino nestas áreas. Mas isso, com alguma consequência, deveria ser, antes de mais, trabalho dos professores.

PS ALERTA O GOVERNO PARA "INQUIETANTE E IMINENTE CRISE ACADÉMICA"

«Alertar o Governo» para as consequências de uma «inquietante e iminente crise académica», foi o objectivo da conferência de Imprensa dada pelo porta-voz do PS para a Educação, António Barreto, que acusou o ministério de João de Deus Pinheiro de «permanente desorientação e simultânia falta de orientação».

Barreto aludíu, a propósito das causas da inquietação dos estudantes, ao desemprego dos jovens, à taxa de abandono universitário, ao encarecimento do alojamento juvenil e à legislação precipitada, conjugadas com a «arrogância política e medo das movimentações estudantis noutros países».

Sobre a lei orgânica do ministério, disse o dirigente socialista que «o essencial não está feito» e criticou o facto de o diploma governamental infringir competências de outros orgãos, nomeadamente no tocante à criação do Conselho Nacional de Educação, matéria reservada(pela Lei de Bases do Sistema Educativo) para a Assembleia da República.

António Barreto manifestou, por outro lado, satisfação pela nomeações de membros do PS para os cargos de directores-gerais e de vice-presidentes na estrutura do ministério, atribuindo-as a «mérito pessoal» e não a qualquer «entendimento do PS com o ministério da Educação».

O responsável socialista mostrou ainda apreensão pela eventual publicação, a curto prazo, de dois decreto-leis que contradizem a lei sobre o regime de exclusividade dos professores.

A necessidade de um reexame à Educação, designadamente em relação à superlotação das escolas, ao insucesso escolar e ao efectivo cumprimento dos seis anos de escolaridade obrigatória, foi tema ainda das declarações de António Barreto.

O porta-voz do PS para a Educação, revelou, finalmente, que o seu partido vai apresentar uma proposta de projecto-lei de desenvolvimento ao apoio escolar, destinado basicamente às famílias pobres, e uma proposta de lei de autonomia do ensino num esquema nacional.

Trifa morre em Cascais

Viorel Trifa, arcebispo ortodoxo apátrida, forçado a saír dos EUA após a descoberta das suas antigas actividades nazis, faleceu ontem, no hospital de Cascais.

Nascido na Roménia há 74 anos, Trifa chegara a Portugal em Agosto de 1984, acusado de «crimes de guerra» e de «práticas anti-semitas».

Antecipara-se a uma ordem de expulsão dos EUA por ter escondio das autoridades de Michigan o seu passado político.

Trifa — que não conseguira obter visto de entrada em qualquer outro país— aguardava a decisão do Supremo Tribunal de Justica sobre o seu pedido de residência em Portugal, indeferido em Novembro de 84 pelo ministério da Administração Interna.

AMSTRAD PC1512

c/2 disquetes e impressora 130 CPS

198280$00

+ IVA — Entrega imediata

CASA VIOLA

Lisboa – Braga – Estoril – Viseu – Portimão

Regionalização

PRD vai propor debate com todos os partidos

O PRD de Santarém vai propor a todos os outros partidos a realização de um debate público, naquela cidade, sobre a temática da regionalização. Em comunicado hoje divulgado, aquela estrutura congratulou-se com a proposta do PRD sobre a criação das regiões administrativas, considerando que dessa forma «correspondeu a mais uma grande proposta apresentada na campamnha eleitoral».

Dois pontos merecem especial relevo no ponto de vista da estrutura distrital de Santarém dos renovadores, relativamente àquele projecto.

A nível regional, afirma aquela distrital, o PRD é o único partido a propor a criação da região do Ribatejo. A nível nacional permite avançar um processo fundamental para o desenvolvimento do País, «especialmente num momento em que o PS e o PSD, os principais responsáveis pelo marcar passo deste processo ao longo destes 10 anos, voltam a dar mostras públicas de o quererem atrasar.

PRD de Bragança sauda Soares mas...

A estrutura distrital de Bragança do PRD saudou ontem, em comunicado, a próxima visita do Presidente da República, Mário Soares, àquela cidade. Aconselhou-o porém a «emendar os erros e omissões cometidos com a região como Primeiro Ministro».

«Espera o PRD, diz o documento, que o dr. Mário Soares sensibilize os membros do Governo para repor em funcionamento conveniente as vias ferroviárias do Tua e do Sabor».

Os renovadores de Bragança pedem ainda ao Presidente da República que utilize os seus bons ofícios no sentido de ser acelerada a construção da via rápida Porto-Bragança e que incentive o arranque do complexo mineiro do Moncorvo e o investimento nas estruturas de saúde regionais.

Eanes também em Bragança

Ramalho Eanes prossegue enretanto as suas visitas às estruturas distritais do PRD. Este fim de semana estará no sábado em Bragança e no domingo em Vila Real.

Eanes esteve já nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Faro, Leiria, Beja, Viseu e Coimbra.

No fim de semana de 7 e 8 de Fevereiro, o lider dos renovadores visita Santarém e Aveiro. No fim de semana seguinte deslocar-se-á Évora e Castelo Branco.

Guarda, Portalegre, Madeira e Açores, estão igualmente no seu programa mas não está ainda fixada a data para estas visitas.

«Tomar o pulso às distritais», ou seja, ver como estão a trabalhar e sobretudo aquilo que são capazes de fazer, é o objectivo fundamental desta peregrinação política de Ramalho Eanes, definida logo a seguir à Convenção do Porto.

Trata-se igualmente de contactos importantes para a informação dos dirigentes e militantes, que têm oportunidade de colocar questões muitas vezes pouco esclarecidas como é o caso recente de Macau e da Lei da Rádio. Um elemento do Gabinete de Estudos tem acompanhado Ramalho Eanes nas suas deslocações.

Em alguns casos às visitas de Eanes têm-se sucedido adesões ao PRD de pessoas até agora indecisas e que faziam depender o seu ingresso da verificação da efectiva liderança do ex-Presidente da República.

Reforma Agrária em debate

Governo espera cedências do PS sobre a entrega de reservas

Uma delegação do PS, constituída por António Guterres, Lopes Cardoso, Gomes da Silva e Alberto Costa, debateu ontem, na sede do Executivo, com os ministros Fernando Nogueira e Álvaro Barreto a proposta de lei do PS que limita o poder do titular do MAP na entrega de reservas na zona da Reforma Agrária.

No final da reunião, Guterres, que chefiou a delegação do PS, disse que o seu partido mantém a proposta de lei. Todavia, e em função do encontro com o Governo e « para que tudo fique esclarecido» o PS vai apresentar «propostas concretas, de acordo com a nova concepção».

Fernando Nogueira manifestou, por seu turno, a esperança de que o PS «tempere e acolha com bons olhos, na comissão parlamentar, os argumentos do Governo».

Álvaro Barreto, titular do MAP e alvo da contestação generalizada por partes das cooperativas alentejanas, falou de atrasos de seis e sete anos na entrega de reservas enquanto que Nogueira informou a delegação do PS das «injustiças» cometidas sobre quem é o «verdadeiro proprietário da terra».

António Guterres, todavia, defendeu o papel dos tribunais na atribuição das reservas, previsto no projecto de diploma do PS, frisando que as decisões judiciais devem ser definitivas.

Na reunião, foram ainda discutidas questões relacionadas com a política agrícola Portugal no seio da CEE. O responsável socialista, adiantou estar prevista nova reunião, «para mais tarde», entre o PS e o Governo, para debate dessas questões.

LEI DA RÁDIO VOLTA DIA 12 AO PARLAMENTO

Foi marcada para dia 12 de Fevereiro a nova votação da Lei da Rádio que, recorde-se, foi vetada pelo Presidente da República e depois remetida à Assembleia da República para nova apreciação. Para o dia seguinte os líderes das bancadas parlamentares, ontem reunidos, agendaram a discussão do pedido de inquérito do PRD sobre a atribuição de frequências radiofónicas, matéria sobre a qual os renovadores tinham solicitado o carácter de urgência.

Entretanto e sobre o polémico diploma têm-se continuado a pronunciar ou a tomar iniciativas os diversos partidos políticos. Assim, o grupo parlamentar socialista, que na terça-feira se tinha reunido expressamente para tomar uma posição sobre o assunto (e que como o «DL» ontem se fez eco não deverá vir a alterá-la), sugeriu ontem à sub-comissão de Comunicação Social do Parlamento a realização de audiências com representantes das administrações da RDP e Rádio Renascença.

Numa carta enviada aquela subcomissão, a bancada socialista invoca a mensagem de veto da Lei da Rádio enviada pelo Presidente da República à Assembleia para propôr que sejam ouvidos representantes da RR, RDP e também técnicos ligados á Radiodifusão.

CT da RDP toma posição

Até aqui silenciosa, a Comissão de Trabalhadores da RDP decidiu tomar posição — a primeira e a última ao que nos disseram — sobre a controversa lei.

Num comunicado subordinado ao título «Os trabalhadores da RDP/EP e a Lei da Rádio — só a empresa pública de Radiodifusão pode ser credora de eventuais privilégios», a CT da RDP começa por historiar as «coincidências» contidas em várias intervenções públicas quer de dois administradores da empresa — dr. Fausto Correia e eng. Cardoso Meneses — quer do deputado social PSD, Vieira Mesquita. Tanto aqueles gestores como este deputado mostravam preocupação com a actual redacção do diploma sobre as frequências de rádio que, na sua óptica, inibiria a «expansão» da RDP e poderia fazer dimnuir os postos de trabalho. Mas o que mais espantava e se tornava até incompreensível para as supra-citadas personalidades era o facto de os «trabalhadores da RDP não terem dinamizado uma acção no sentido de evitar que esta lei os atinja como vai atingir».

Decididos então a tomarem ao menos uma posição, os representantes dos trabalhdores desta estação emissora esforçaram as meninges e recordaram coisas elementares: que o programa do actual Governo inclui a intenção de «reduzir drasticamente os meios de Comunicação Social que são propriedade pública» e, no caso da radiodifusão a um único canal.

Esta decisão que a referida CT considera eivada de «irresponsável displicência» e de manifesto «desconhecimento das realidades» implica, ela sim, «uma drástica redução do número de trabalhadores».

«Estranhamente», não houve gestores ou deputado(s) social-democrata a expressar público «alarme».

Um outro exemplo tem a ver com a preparação de um novo canal comercial, a «Rádio Lisboa» especialmente «vocacionado para as questões regionais e a captação do pequeno anúncio de âmbito local». Feitos os investimentos necessários, tudo a postos, eis senão quando o actual Governo, invocando o seu programa «proibiu o funcionamento do novo canal. (O parênteses é para acrescentar que «pela mesma altura a RR lançava a sua «Rádio Voz de Lisboa»).

Nem este facto fez com que administradores e deputados protestassem...

Sobre a polémica Lei da Rádio propriamente dita conclui a CT da RDP que a discussão se tem processado «num clima de confusão e ausência de informações rigorosas». Quanto aos aspectos técnicos informam que, segundo pareceres obtidos, não é um dado adquirido «que as tão badaladas novas frequências sejam indispensáveis ao natural desenvolvimento das empresas directamente interessadas, a RDP e a RR».

Finalmente, e depois de sugerir à sub-comissão parlamentar para a Comunicação Social que se socorra e tenha acesso a todos os estudos disponíveis, este organismo representativo dos trabalhadores considera que só à RDP «pela especificidade do seu estatuto, da missão de serviço público que lhe é cometida e obrigações decorrentes, poderão ser concedidos, pela lei, eventuais privilégios, que se demonstre serem indispensáveis ao cumprimento cabal do que lhe é exigido, pelas normas legais e pelo interesse público».

Sobre o súbito interesse «que algumas entidades expressaram palo fguturo dos trabalhadores da RDP/EP», uma suspeita manifesta a CT: de que «mais não seja que a tentativa de os utilizar em proveito próprio, como instrumentos de pressão, numa disputa em que se pretende envolvê-los, sem que para tal subsista qualquer razão válida».

Decreto sobre gestão hospitalar vai chumbar

A maioria constituida pelo PS, PRD, PCP, MDP e «Verdes» deverá rejeitar hoje o decreto-lei sobre gestão hospitalar da responsabilidade da ministra Leonor Beleza.

Em discussão vão estar dois diplomas do Ministério da Saúde: o decreto-lei 16/87, que encaminha a gestão das unidades hospitalares para o tipo empresarial e o decreto regulamentar 3/87 que altera o sistema de orgãos de gestão dos hospitais integrados no Serviço Nacional de Saúde.

A ratificação dos dois diplomas — que têm sido alvo de grande contestação por parte de organizações representativas de médicos e enfermeiros — deverá ser recusada pelos deputados dos partidos acima citados, obter a abstenção do CDS e os votos favoráveis do PSD.

Na base da previsível oposição desta maioria encontra-se a discordância com a pretensão governamental, contida no decreto regulamentar, de passar a nomear os gestores dos hospitais que até aqui eram eleitos pelos médicos e enfermeiros.

Por exemplo, para o deputado socialista Santana Maia, cujo grupo parlamentar vai apresentar um projecto alternativo que considera «mais democrático» do que o do Governo, a nomeação dos gestores hospitalares pelo Executivo «é inaceitável por ser geradora de instabilidade e conduzir à governamentalização». Daí, o PS vai propôr em alternativa, neste caso concreto, a eleição por um colégio eleitoral de três elementos dos quais o Governo escolherá um gestor principal.

No mesmo sentido vai um projecto que o CDS tenciona apresentar se os decretos governamentais chumbarem.

De acordo com Horácio Marçal, do grupo parlamentar centrista, o CDS «embora concordando com a filosofia do decreto 16/87, tem reservas em relação ao decreto regulamentar e pensa que o Governo exagerou um pouco ao passar da situação actual para as nomeações dos gestores».

Entre as reservas levantadas pelos centristas — e partilhadas no essencial por socialistas, comunistas e renovadores — encontra-se o facto de o decreto abrir a possibilidade de o presidente do conselho de admimistração do hospital poder não pertencer à classe médica e de o administrador hospitalar poder ser um gestor desvinculado do sector da saúde e da função pública.

Nos termos da anterior legislação que a ministra pretende agora alterar, os conselhos de gerência dos hospitais eram compostos por quatro elementos: o presidente, um médico eleito pelos médicos, um enfermeiro eleito pelos enfermeiros, o administrador hospitalar nomeado pelo Governo e um engenheiro.

Para o deputado comunista Vidigal Amaro, as alterações ao actual sistema visam «acabar com a gestão democrática dos hospitais e transferir para estes estabelecimentos de saúde a instabilidade governativa, transformando os cargos de gestores em cargos políticos, como hoje se faz nas administrações gerais de saúde».

Por seu lado, para o renovador Dias de Carvalho o decreto «é muito mau e, se fosse posto em prática seria um enorme retrocesso para os hospitais». «A ministra — acrescentou — afirma que os hospitais funcionarão melhor se for ela a nomear os gestores, mas isso já se passa nas administrações gerais de saúde e estas funcionam pior do que os hospitais».

O PRD também já apresentou um projecto sobre a matéria. No essencial, o articulado do texto dos renovadores pretende «desburocratizar a gestão hospitalar distribuindo autoridade e responsabilidade pelos três níveis normais de gestão, que são a administração global, as áreas de gestão (médica, de enfermagem e hoteleira) e as chefias dos serviços».

Governo cada vez mais PSD

Apenas 11 dos 49 membros do Governo Cavaco Silva não estão filiados no PSD, número que tem vindo a diminuir desde que o executivo tomou posse há 14 meses. Os 11 independentes são todos secretários de Estado: Carvalho Fernandes (Tesouro), Nunes Liberato (Administração Local e Ordenamento do Território), Arantes e Oliveira (Investigação Científica), Garcia Marques (Adjunto do Ministro da Justiça), Costa Martins (Integração Europeia), Amaro de Matos (Alimentação), Rosado Gusmão (Agricultura), Jorge Godinho (Pescas), Caldeira da Silva (Comércio Externo), Baptista Pereira (Adjunto da Miinistra da Saúde) e ConceiCão Pereira (Segurança Social). Nos últimos meses aderiram ao PSD o ministro e o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros (Pires de Miranda e Azevedo Soares) e os secretários de Estado do Ensino Superior (Ferreira Real) e das Vias de Comunicação (Falcão e Cunha).

Firmino Miguel visita o norte

O general Firmino Miguel, Chefe do Estado Maior do Exército, visita hoje as instalações do Quartel General da Região Militar Norte. É a primeira visita que o novo CEME efectua depois de ter tomado posse. Durante a tarde Firmino Miguel terá uma reunião com os oficiais do Quartel General da Região Militar Norte.

PRD critica Governo

Em comunicado ontem divulgado, o PRD «rejeita veementemente» a acusação, classificada de «gravíssima», contida em recentes declarações do Primeiro Ministro, em que afirma que os partidos democráticos da oposição são «liderados» pelo PCP e diz ter na sua posse «elementos indesmentíveis que o provam». O PRD afirma que tal acusação carece de qualquer fundamento e «desafia o sr. Primeiro Minsitro, que afirma constantemente defender o rigor, a exibir e tornar públicas tais provas».

Gentil Martins já tem sucessor

MACHADO MACEDO É O NOVO BASTONÁRIO DOS MÉDICOS

Machado Macedo venceu, pela segunda vez, as eleições para a Ordem dos Médicos, sucedendo, naturalmente, a Gentil Martins. O novo bastonário dos médicos portugueses não só confirmou, ontem, como ampliou em relação a 11 de Dezembro a sua vitória. Somou ontem mais dois milhares e meio de votos que nas primeiras eleições, anuladas devido a várias irregularidades. O «DL» apurou entretanto que as eleições de ontem foram mais participadas que as anteriores.

Os resultados definitivos oficiosos dão a Machado Macedo 7408 votos, contra 2943 de Guimarães dos Santos, 1454 de Gentil Martins (actual bastonário) e 134 de Hélder Pereira.

No acto eleitoral de Dezembro, impugnado devido a «interpretações irregulares do regulamento eleitoral na Secção Regional do Sul», Machado Macedo tinha obtido 4902 votos, Gentil Martins 2002, Hélder Pereira 400 e Guimarães dos Santos 2805.

Regista-se, pois, não apenas a significativa subida de Machado Macedo, mas também o facto de Guimarães dos Santos, que impugnou o acto eleitoral de Dezembro alegando irregularidades diversas, ter aumentado apenas 138 votos. O bastonário destronado, Gentil Martins, desceu cerca de meio milhar de votos, enquanto que o outro candidato somente perdeu 266 apoiantes.

Os resultados do escrutínio vão ser agora submetidos à apreciação do Conselho Nacional de Eleições da Ordem, que em princípio se reúne 48 horas depois de cada acto eleitoral.

Mandato de três anos

Manuel Eugénio Machado Macedo, ontem eleito para um mandato de três anos como bastonário da Ordem dos Médicos, é actualmente director do Hospital de Santa Cruz, em Lisboa.

Naquela unidade hospitalar, Machado Macedo dirige também o serviço de cirurgia cardiotorácica, responsável pela esmagadora maioria das transplantações cardíacas efectuadas em Portugal.

Natural de São Miguel (Açores), Machado Macedo, actualmente com 64 anos, formou-se em Medicina, em Lisboa, trabalhando depois na Universidade de Zurique. No início da década de 70 esteve em Inglaterra para se formar como cirurgião.

Em recente conferência de Imprensa, Machado Macedo defendeu a existência de grandes verbas para o sector da saúde, a aplicar com grande rigor, e sublinhou a necessidade de serem feitas muitas modificações no sector, nomeadamente horários e quadros, apontando igualmente a reorganização das urgências internas hospitalares como fundamental.

O candidato eleito vai pedir em breve uma audiência à ministra da Saúde, Leonor Beleza, sendo seu objectivo «despolitizar e despersonalizar os problemas da Saúde», defendendo para isso um regime de consenso, de entendimento e concordância entre as partes intervenientes: Ordem dos Médicos, Ministério da Saúde e sindicatos do sector.

A Ordem dos Médicos representa 26 mil clínicos.

Machado Macedo ao "DL":

"Não esperava tão grande vitória"

«Não esperava uma vitória tão expressiva. Esperava vencer, porque sempre entendi não ter havido quaisquer irregularidades, mas não por tantos», disse esta manhã ao «DL» o novo bastonário da Ordem dos Médicos.

Desde as 7 horas que o telefone não deixou de tocar em sua casa: amigos quiseram ser os primeiros a saudá-lo, os jornalistas queriam ouvi-lo... Machado Macedo, não fez declarações de fundo à Comunicação Social: «As linhas fundamentais da minha acção foram anunciadas por diversas vezes, pelo que não as vou repetir. Posso é dizer que as cumprirei», afirmou-nos.

O novo bastonário congratulou-se com o facto da afluência às urnas ter sido, ontem, mais acentuado que durante o acto eleitoral de 11 de Dezembro. «O meu receio, o meu único receio residia nisso, na hipótese da abstenção ser grande e poder alterar a situação. Mas sempre acreditei na vitória. Os meus colegas, nesse aspecto, foram sempre tão optimistas como eu». «Esperava ganhar, mas não por tantos». Não esperava, francamente, aumentar tanto o número de votos, o que prova que, afinal, as irregularidades de que se falou não existiram», concluiu.

Arqt.º Eduardo Martins Bairrada

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa comunica que faleceu ontem, dia 28, na Clínica de St.ª Cruz, em Lisboa, cidade que tanto amou, o arqt.º **Eduardo Martins Bairrada**, distinto funcionário dos quadros Técnicos do Município que honrou e serviu com extrema dedicação durante vários anos.

O arquitecto **Eduardo Martins Bairrada** era um nome sobejamente conhecido nos nossos círculos intelectuais. Académico de reconhecido valor, desenvolveu uma acção de verdadeira investigação, propaganda e divulgação de Lisboa tendo sido distinguido, no ano transacto com os prémios «Júlio de Castilho» da CML e «José de Figueiredo» da Academia Nacional de Belas Artes, pelo seu livro «Empedrados Artísticos de Lisboa».

É com profundo pesar que o presidente da CML vê desaparecer do mundo dos vivos um homem que, certamente, alinhará entre os maiores olisipógrafos de todos os tempos que soube juntar a todo o seu saber uma delicadeza de sentimentos e uma capacidade de amizade que o tornam inesquecível para todos aqueles que com ele contactaram.

A cidade, o seu povo e a CML contraíram com o arquitecto **Eduardo Martins Bairrada** uma dívida que não há riquezas que possam pagar.

O funeral realiza-se hoje, *pelas 16 horas, para o Cemitério do Alto de S. João, antecedido de Missa de corpo presente, às 15 horas, na Igreja dos Anjos.*

Ontem houve adesão total

Faculdade de Letras: possível paralisação por tempo indeterminado

As Faculdades de Letras do País poderão desencadear greves por tempo indeterminado a partir de terça-feira, anunciaram dirigentes estudantis. Foi praticamente total a adesão à greve ontem cumprida nas três Faculdades de Letras (Lisboa, Porto e Coimbra) e na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A causa próxima da luta agora travada pelos alunos universitários é o anunciado plano de reestruturação dos seus cursos pelo Ministério da Educação, que envolve, entre outras medidas, um acréscimo curricular de dois anos na licenciatura, sob a forma de estágio.

Os estudantes contestam fundamentalmente o restrito «numerus clausus» imposto no acesso a esse estágio que, em sua opinião, conduzirá na prática a uma restrição do mercado de trabalho do professorado para a maioria daqueles que terminarem os normais quatro anos de licenciatura, actualmente em vigor.

No Porto, uma reunião geral de alunos da Faculdade de Letras decidiu marcar greve por tempo indeterminado, se até à próxima terça-feira o ministro da Educação não os receber, segundo disse à agência Lusa Luís Silva, da Comissão Coordenadora de Luta da Faculdade de Letras de Lisboa.

Na Faculdade de Letras de Lisboa a assembleia geral da escola apelou ontem para os estabelecimentos homólogos avançarem propostas de luta comum e marcarem nova AGE para terça-feira próxima, se entretanto o MEC não aceitar as reivindicações estudantis.

Também na Faculdade de Letras de Coimbra foi decidido promover na próxima terça-feira uma reunião geral onde «se poderá decidir uma greve por tempo indeterminado».

O dirigente estudantil Luís Silva frisou à Lusa que «os estudantes não estão contra a necessidade de reestruturação dos cursos de Letras, nem contra os estágios, mas contra a imposição dos 'numerus clausus'.

Uma proposta aprovada na AGE exige que os estágios sejam remunerados de acordo com o estipulado para professores em idênticas situações.

Esta manhã, a comissão coordenadora dos estudantes para a reestruturação, da Faculdade de Letras de Lisboa, divulgou um comunicado em que esclarece ter sido constituída em RGA no dia 23 do corrente e ratificada ontem, em AGE, para «representar os estudantes e coordenar as acções relativas ao processo de reestruturação, dada a sistemática ausência da direcção da associação de estudantes quer nos encontros com as outras faculdades quer durante o despoletar do processo na faculdade».

A comissão, fazendo-se eco da «opinião generalizada» da respectiva escola, «lamenta a ausência de propostas da actual DAE (Direcção da Associação de Estudantes) e o facto de a DAE não ter convocado a greve nem emitido sequer um comunicado sobre o assunto. Estranha que «nos dias à volta da greve a DAE tenha aparecido nos órgãos de Comunicação Social como promotora da greve» e repudia «o manifesto oportunismo da actual direcção».

"Cortada" durante mais de doze horas

Linha de Sintra voltou esta manhã à normalidade

Utentes chegaram com duas horas de atraso aos empregos

A circulação da Linha de Sintra voltou esta manhã à normalidade, depois de uma prolongada interrupção de mais de doze horas em consequência de um descarrilamento, ontem à tarde, na estação de Campolide. Uma composição ferroviária em marcha de serviço, com destino a Santa Apolónia, saiu da linha, «cortando» de início a via descendente e, depois, as duas vias. O acidente não provocou feridos.

A circulação ferroviária ficou estabelecida esta manhã, às 7 horas e 45, em todas as vias das linhas de Sintra e da Cintura, esta entre Campolide e Braço de Prata, com ligação a Vila Franca de Xira e Azambuja. Por essa razão, as ligações entre Campolide e Azambuja foram também afectadas entre ontem à tarde e esta manhã, circulando os comboios com vários minutos de atraso.

Um porta-voz da CP disse ao «DL» que a circulação na Linha de Sintra ficaria em ordem, quanto ao escoamento dos passageiros em direcção a Lisboa, na sequência da própria normalização das ligações ferroviárias, muito embora os seus utentes tenham chegado com duas e mais horas de traso aos seus locais de trabalho. É que a própria normalização da circulação ferroviária não implica necessariamente o natural escoamento dos milhares de pessoas que diariamente utilizam o comboio como seu único meio de transporte.

Já ontem, ao fim da tarde, os utentes da Linha de Sintra chegaram a suas casas com várias horas de atraso, sobretudo os que «apanharam» os comboios uma hora depois do descarrilamento, já com a sua circulação por via única, entre Benfica e Campolide.

"Laranja" choca com camião em Xabregas

QUATRO FERIDOS GRAVES E SETE MENOS "TOCADOS"

QUATRO pessoas ficaram esta manhã gravemente feridas num violento choque entre um autocarro da Carris e um camião com reboque, perto da Rua da Cintura, na zona de Xabregas. O autocarro virava, segundo uma fonte policial, para a Rua da Cintura, na Avenida Marechal Gomes da Costa, quando um camião com reboque (e não um TIR, como inicialmente foi noticiado) arrancava.

O embate foi inevitável apesar da brusca travagem do motorista da Carris, Alberto Lobo, que também ficou ferido, mas com menos gravidade, no acidente. Derrapagem e choque; onze feridos, quatro deles em estado grave.

O estado dos quatro feridos graves que imediatamente deram entrada no Hospital de S. José, quase todos da zona de Lisboa, era esta manhã considerado delicado. Os outros feridos (sete no total), todos ligeiros, deverão ter alta nas próximas vinte e quatro horas. Ficaram no Hospital de S. José em observação.

O motorista do autocarro, segundo testemunhas do acidente e fontes policiais da 2.ª esquadra da PSP, no Poço do Bispo, ainda tentou evitar o choque, travando a fundo o autocarro da carreira «25» que conduzia, como várias vezes o tem feito entre a Praça do Comércio e o Prior Velho. O piso, escorregadio devido à chuva que caiu com alguma intensidade nas últimas horas, e com manchas de óleo, não o permitiu, pelo que o embate foi inevitável e violento, aparentemente porque o motorista do camião com reboque, José António Paulito Pimpão, não terá tomado as devidas precauções.

O acidente ocorreu cerca das 7 e 30 desta manhã e, embora tenha provocado quatro feridos graves todos internados no Hospital de S. José, poderia ter consequências mais pungentes, uma vez que, àquele hora e naquela zona, o tráfego é bem mais intenso, para além dos transeuntes que ocupam as duas artérias: Rua da Cintura e Avenida Marechal Gomes da Costa.

São estas as identidades dos quatro feridos graves (dois homens e duas mulheres): Maria Natália Machado Santos, 28 anos; Sérgio Sá Rodrigues Santos, 4o anos; Maria de Fátima Cunha Gomes e Edgar Varela.

Igualmente feridos, mas ligeiros, sem que o seu estado suscite apreensões, ficaram: José Lopes Rodrigues (em observação); José do Carmo Gomes; João Lopes Eugénio; Augusto dos Santos Lucas Monteiro; Alzira Cunha Lameira; João Carlos dos Santos Baptista e Alberto Lobo (motorista), todos em observação.

Estes poderão ficar internados durante 24 horas, por prevenção.

O motorista do «laranja» da Carris, Alberto Lobo, é um dos sinistrados em observação. O condutor do camião com reboque, de matrícula portuguesa, saiu ileso do acidente, uma vez que só parte do reboque foi atingida pelo embate do autocarro da carreira n.º 25 que saíra da Praça do Comércio com destino ao Prior Velho, onde deveria chegar depois de passar praticamente toda a faixa ribeirinha, entre o Terreiro do Paço e Poço do Bispo, designadamente Santa Apolónia e Xabregas.

Vai agora na 40.ª sessão em Monsanto

Segundo processo do caso FP: réus não prestam declarações

OS quatro réus ontem presentes no segundo julgamento das FP-25, no Tribunal de Monsanto, reeditaram a posição dos anteriores com a mesma recusa de prestarem declarações. Nestes quatro arguidos figurou Honório Marques, um dos alegados membros das FP-25 mais citado e o de maior cadastro e sentenças transitadas por assaltos e homicídios.

O julgamento, que ontem teve a 40.ª sessão desde Outubro passado, prossegue hoje com a audição preliminar do que resta de 30 réus.

Este segundo julgamento integra os arguidos de três processos das FP-25 que o juiz-presidente, Vaz das Neves, mandou juntar num só, incluindo «culpa tocante» para dez suspeitos evadidos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, em Setembro de 1985.

Desta dezena, respondem à revelia oito incriminados, já que Joaquim Dias Lourenço e Altino Mendes Pinto vieram a ser recapturados.

Os réus ontem ouvidos foram Maria Helena Oliveira e Carmo, de 28 anos, desempregada, de Belas, Sintra; Eduardo Alberto Seiceira, de 34 anos, operário vidreiro, da Marinha Grande; Amândio de Barros Ribeiro, de 31 anos, serralheiro, de Vieira do Minho, Braga; e Honórioo Marques, de 27 anos, desenhador máquinas, de Sacavém, Loures, que se recusaram todos a prestar declarações.

Os dois últimos. ao que afirmaram no tribunal, não são delinquentes primários, pois ambos já foram condenados em juízo por crimes relacionados com aqueles por que agora respondem.

Amândio Ribeiro respondeu em Janeiro passado, em Esposende, por suspeita de participação num assalto a um banco de Fão, tendo sido absolvido.

Honório Alcade Marques conta quatro condenações saldadas por 20 anos de prisão em cúmulo jurídico por assaltos e homícidios.

Em 1981 foi condenado, em Vila Real de Santo António, a 22 anos que o Tribunal de Relação reduziria para 19 anos por homicídio de um soldado da GNR.

Depois de cumprir menos de três anos desta pena, evadiu-se para depois ser recapturado.

Em 1983, voltou a ser julgado, mas à revelia, no Tribunal de Sintra, acusado de encobridor num assalto a um banco no Cartaxo, tendo sido absolvido.

Flores isolada

O mau tempo que desde a passada semana se tem feito sentir no arquipélago tem praticamente impossibilitado o contacto da ilha das Flores com o exterior.

A SATA, com voos marcados para terça e quarta-feira, foi obrigada a cancelá-los, o mesmo acontecendo com a Força Aérea Portuguesa, que deveria efectuar o seu voo normal ao Corvo.

Na terça-feira, a Força Aérea Portuguesa, aproveitando uma breve acalmia, conseguiu aterrar no Aeroporto das Flores, ficando, contudo, impossibilitada de efectuar ontem os voos que pretendia entre as Flores e Santa Maria, devido ao mau tempo.

Defendendo "reputação, zelo, competência e probidade"

Procuradoria-Geral da República instaura inquérito disciplinar à corrupção da PJ no Porto

O Procurador-Geral da República decidiu instaurar um inquérito disciplinar «aos factos ou situações imputáveis a agentes da Polícia Judiciária do Porto», no que se refere aos casos de corrupção ali detectados e que revestiriam «situações de ilicitude criminal».

«O aprofundamento e alargamento da investigação e a sua condução por órgão exterior à Polícia Judiciária são do interesse da própria polícia, cujos elementos justificam, na sua maioria, a reputação de zelo, competência e probidade», diz a Procuradoria-Geral da República na justificação da sua iniciativa.

«Não obstante a aparente gravidade dos factos e a cobertura noticiosa que em alguns casos lhes foi dada, geraram reflexos de opinião susceptíveis de perturbar a imagem de que goza a Polícia Judiciária», entende a PGR.

No entender da Procuradoria, a PJ é um «serviço de prevenção e investigação criminal, auxiliar da administração da Justiça, em cuja isenção, competência e eficácia repousa a confiança dos cidadãos, face a valores fundamentais como são a liberdade e a segurança».

E acrescenta: «A circunstância de os indícios disponíveis patentearem situações de marginalidade relativamente localizadas e a própria capacidade de autocorrecção demonstradas pela Polícia Judiciária não excluem a vantagem de, pelo Ministério Público — órgão fiscalizador da Polícia Judiciária — de se proceder a um inquérito que não só apure os factos detectados como outros que a investigação venha eventualmente a revelar».

Assim, «o aprofundamento e alargamento da investigação e da sua condução por órgão exterior à Polícia Judiciária são do interesse da própria polícia, cujos elementos justificam na sua maioria, a reputação e zelo, competência e probidade».

O ministro da Justiça foi informado desta decisão pela Procuradoria- Geral da República e manifestou o seu acordo com o inquérito nos termos anunciados.

Júlio Regadas não se apresentou

Entretanto, completados que foram, ontem, 30 dias sobre a prisão de dois subinspectores e dois agentes da Polícia Judiciária do Porto, o único acusado no âmbito deste caso de corrupção que se pôs em fuga ainda não se apresentou.

Foram assim contrariadas as hipóteses formuladas prevendo a entrega do inspector Regadas, até porque o prazo para a sua expulsão automática da corporação terminava exactamente ontem de acordo com os prazos estipulados no respectivo regulamento.

Por outro lado, não foi ontem libertado nenhum dos elementos detidos, apesar de ter havido algumas indicações que apontavam nesse sentido.

Todos estes dados surgem na altura em que o processo entrará numa nova fase, uma vez que a serem cumpridos os prazos legais, o delegado do Procurador da República que tem a seu cargo a instrução preparatória do processo deve entregar os respectivos autos até ao fim da semana corrente.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 12.º JUÍZO ANÚNCIO

Proc. 2671 1.ª secção

FAZ-SE SABER que na 1.ª secção do 12.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e nos autos de Acção de Liquidação em Benefício do Estado n.º 2671 por morte de Helena Ribas Batoreo Antunes, residente que foi no Campo Grande, 180, 2.º Dt.º em Lisboa, foi designado o dia 26 do mês de Fevereiro de 1987, pelas 11 horas, para abertura de propostas apresentadas pelos interessados e por carta fechada e acima do valor da avaliação dos seguintes móveis: 1 mobília de casa de jantar com 3 móveis, 12 cadeiras e uma mesa, 1 mobília de quarto com 2 camas de ferro e 2 mesas de cabeceira, guarda-fatos e 1 toilette, 1 mobília de quarto com 2 camas de ferro e 2 guarda-roupas, 1 mobília de sala, com 1 escrevaninha e duas cadeiras de braços, seis cadeiras e 1 sofá, 1 mesa e um espelho, 1 fogão a gás com 2 placas eléctricas, 1 armário de cozinha, 1 banheira, 1 esquentador, 1 frigorífico e diversos garfos, pratos e terrinas, dos quais é fiel depositário o senhor João Queiroga, residente na morada acima indicada e uma quota no montante de 200 000$00 na Sociedade António Antunes, Ld.ª, com sede na Rua das Pretas 23-1.º em Lisboa.

Lisboa, 26 de Janeiro de 1987

O JUIZ DE DIREITO,
José Geraldes Pereira de Carvalho
O ESCRIVÃO ADJUNTO
Valentim Borges Pedro Eugénio

«DL» 29/1/87 — 1.ª pub.

Na morte de um polícia florestal

ACUSAÇÕES, DESMENTIDOS, SILÊNCIOS E UM INQUÉRITO

FOI aberto um inquérito para apuramento dos factos que rodearam a morte, dia 21, do mestre Joaquim Robalo, elemento da Polícia Florestal de Monsanto, em consequência de uma queda de cavalo acontecida dias antes, quando se encontrava de serviço.

A própria instauração do processo, que foi exigida pelos companheiros de corporação e família do acidentado, parece confirmar só por si a necessidade de um esclarecimento de pontos menos claros, pondo uma vez mais em questão a segurança no trabalho que temos e a qualidade da assistência dos nossos hospitais.

Uma fonte daquela Polícia montada disse ao «DL» que os cavalos de que a corporação dispõe «não estão em condições» e foi por isso que o mestre Joaquim Robalo caiu. Segundo o que nos afirmaram peremptoriamente, o actual lote de cavalos foi comprado sem qualquer inspecção veterinária pelo chefe geral da Polícia Florestal, Emílio Proença, tendo este já sido avisado do perigo que constituíam, inclusive porque dois deles apresentariam indícios de loucura.

Contactado Emílio Proença este negou a acusação, afirmando que nenhum cavalo foi recrutado recentemente: Sendo assim, aqueles cavalos já foram trabalhados e têm sido montados desde há um ano.

Além do mais, diz o chefe da Polícia Florestal de Monsanto que um médico veterinário tem observado os cavalos «constantemente». E acescentou: «Sabe, tenho 58 anos e ainda gosto de montar, coisa que faço desde os 22. Passaram-me muitos cavalos pelas mãos, conheço-os bem. É natural cair de um cavalo, acontece a qualquer um. Eu próprio já fui de rastos, já parti ma perna e um braço».

Mas outras acusações se fizeram: que o chefe Emílio Proença, o vereador do Pessoal da Câmara de Lisboa, Lívio Borges, o director do Parque de Monsanto, eng. Souto Cruz e o eng. Edgar Fontes, director-geral das Zonas Verdes e Matas, pouco ligaram ao caso, o que é desmentido por estes. E que a Câmara não se preocupou em arranjar um seguro especial que contemple acidentes deste tipo.

Novo desmentido, por parte do vereador Lívio Borges, eleito pelo PSD e número dois na Câmara Municipal de Lisboa, logo a seguir a Krus Abecasis: «Os guardas e mestres da Polícia Florestal de Monsanto estão sujeitos ao regime de acidentes de trabalho do funcionalismo público, nomeadamente a Lei n.º 2107.»

E escusou-se a adiantar mais: «Não me posso pronunciar. O inquérito já está a decorrer, estão-se a fazer alegações diversas e inquéritos a muitas pessoas. É preciso esperar.»

A lenta agonia dos hospitais

O infortúnio de Joaquim Robalo conta-se assim, segundo o testemunho da sua viúva: dia 14 caiu do cavalo, um daqueles que elementos da Polícia Florestal sustentam estar louco. Caiu e foi por seu próprio pé ao Hospital de Santa Maria. Não o aceitaram com a justificação de o mestre não pertencer à sua área.

Recusando-se a ir ao Hospital de S. José, Joaquim Robalo deslocou-se ao Posto Médico da Boavista, que serve funionários da Câmara, mas não foi consultado. Viu-se assim obrigado a recorrer ao Hospital de S. José, onde o radiografaram, mandando-o depois embora por acharem que nada se passava.

Sentindo-se mal, foi ao seu médico na sexta-feira 16, no Centro de Enfermagem Miralgés. Domingo 18 levantou-se de manhã e foi à casa de banho, onde desmaiou. O 115 transportou-o para o S. José. «Ele já revirava os olhos, mas mandaram-no embora», conta a viúva.

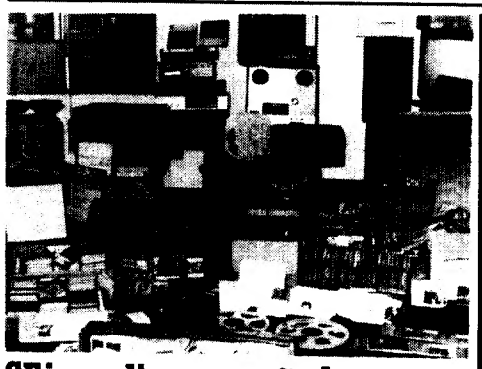
Tentou a Clínica de Algés, de onde foi de novo ao Santa Maria, desta feita com a morada de um cunhado para que fosse aceite. Esteve até às 20 horas de segunda-feira «à espera de um especialista». Acabaram por dizer que tinha um problema pulmonar sem gravidade e mandaram-no para trás.

Às duas da manhã de terça 20 levaram-no para o Hospital Pulido Valente, mal, mas lúcido ainda. Disseram lá que o que ele tinha era «uma complicação psicológica». Voltou para casa, portanto.

Pelas 21 horas do mesmo dia tentou-se o Hospital de Cascais. Quando o médico o viu, aos 15 minutos para a meia-noite, já era tarde de mais. Morreu às 5 da manhã do dia 21, com uma hemorragia interna na zona do abdómen.

Procurámos que a Direcção-Geral dos Hospitais comentasse os factos aqui registados, mas remeteu-se ao silêncio. Entretanto, a família do mestre Joaquim Robalo espera que a ministra da Saúde, Leonor Beleza, tome alguma atitude, após lhe ter dirigido um apelo.

R.E.P.



GF impediu gravação de cassetes

Forças do Batalhão n.º 1 da Guarda Fiscal sediadas em Setúbal detectaram e apreenderam em duas residências da área de Sesimbra diversa maquinaria de estúdio para gravação e reprodução de cassetes, das quais foram encontradas 67 caixas, outro material de suporte para gravação, etiquetas e rótulos a serem aplicados nas cassetes.

Grande parte dos artigos apreendidos foi encontrada num vão de escada ocultada por vasos com plantas.

Esta intervenção da GF foi levada a efeito na sequência de um trabalho de investigação e tratamento de indícios recolhidos em feiras, mercados e festejos populares.

Pescador atingido a tiro

Um pescador foi ontem alvejado com um tiro de caçadeira em Gâmbia, perto de Setúbal, quando pescava camarão pequeno — disse o oficial de dia da GNR de Setúbal.

Não são conhecidos os motivos do atentado.

O ferido, Álvaro Nabiço Tomás, foi de imediato transportado ao Hospital de Setúbal onde foi operado.

O seu estado inspira cuidados — soube-se junto do hospital.

«O presumível agressor — cujo nome não foi revelado pela GNR encontra-se detido e vai ser presente ao Juiz de Instrução Criminal» — disse ainda o oficial de dia.

Reconhecido pela própria direcção

Cadeia do Funchal é armazém para 145 reclusos

A situação do actual estabelecimento prisional do Funchal é preocupante, tanto em instalações, como em meios humanos, disse uma fonte da direcção daquela cadeia.

«Não se pode considerar isto um estabelecimento prisional, mas sim um armazém que abriga 145 reclusos» — disse aquela fonte.

De facto, foi criado em 1973 para um máximo de 40 presos, distribuídos pelas apenas nove celas — salientou.

O número de guardas prisionais é 15 funcionando em turnos de cinco, situação que os leva a interrogarem-se sobre a sua própria segurança, caso se verifiquem problemas com os presos.

«Até agora não houve grandes problemas, mas se houvesse a situação seria imprevisível» — disse ainda a fonte.

O estabelecimento prisional do Funchal funciona como prisão preventiva, já que, depois de julgados e condenados, os presos são transferidos para os estabelecimentos prisionais do continente.

A Lusa confirmou junto do gabinete do ministro da República para a Madeira que a obra de construção da nova cadeia do Funchal arrancará provavelmente no próximo ano, prevendo-se que se situe no Caniço.

A notícia foi divulgada após uma reunião de trabalho entre o ministro da República e o director geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Castro Freire.

A actual situação da cadeia do Funchal «não responde às necessidades da região, nem oferece condições dignas de albergar os reclusos», é reconhecido pelas autoridades regionais e da República.

Problemas na obtenção de um terreno que oferecesse condições condizentes com o projecto determinaram o arrastar da situação do estabelecimento prisional do Funchal.

Não se conhece ainda o projecto do futuro estabelecimento prisional, mas sabe-se que será dotado de oficinas e outros meios com vista a proporcionar a reintegração do recluso.

O Orçamento de Estado destinou já para esta obra cerca de 130 mil contos.

Um furto por hora em Lisboa

Fiambre, chouriços e aguardentes, além do «tradicional» ouro, fazem parte do rol de objectos furtados em 23 assaltos registados pela Polícia Judiciária de Lisboa, nas últimas 24 horas.

Para locais de assalto, foram escolhidos a escola Preparatória de Mira-Sintra, a Casa do Alentejo, o guarda-roupa «Paiva», no Parque Mayer, a «York House», de Lisboa e o salão de jogos «Muxima», em Oeiras.

Da escola os assaltantes levaram 10 contos em moedas, chaves diversas e tesouras, enquanto na «York House» foram escolhidos francos franceses no valor de 30 contos.

O «Muxima» viu-se prejudicado em 120 contos, valor de uma peça de uma máquina de jogos, que ficou inoperacional.

Na mira dos assaltantes estiveram também os chouriços e as aguardentes da Casa do Alentejo.

Na Pastelaria Mota, em Lisboa, os visitantes «afiambraram-se» com o fiambre, além de tabaco e dinheiro.

Como de costume, os métodos preferidos foram o arrombamento e a chave falsa.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

UMA das cousas que mais respeito é a lição dos provérbios. Sempre que a não respeito, lixo-me. Torço a orelha, mas não deita sangue.

Mas acabo sempre por aprender alguma coisa, pelo que vale a pena provar o vinagre, quanto mais não seja para ficar sabendo que não é vinho.
Vamos à história.

Fervoroso telespectador que sou, não perco uma da telenovela portuguesa. Acho que é o melhor programa humorístico da TV. Ao pé daquilo, o Carlos da Conquilha, na Quinta do Dois, fica a milhas. Os «gags» gaguejam em grupo. Ainda ontem aquela da Isabelinha a queixar-se do pai, o dr. Salgado: «Por que é que ele há-de sempre contar as operações que faz à mesa?»... O meu conto tem precisamente a ver com o doutor Salgado, ah, Jacinto Ramos, você era digno de melhor sorte!
Jurei eu um dia que, se primeiro me faltasse o dr. Álvaro Pinho e depois me faltassem todos os facultativos e ao depois se não houvesse no reyno um único avatar, então e só então e nada mais que então eu **talvez** *viesse a procurar o dr. Salgado, grande cirurgião, proprietário de clínica e policlínico de vai a todas.*

Jurei e fiz mal, pois esqueci a vetérrima lição que mando não dizer: **Desta água não beberei.** *Bebi. Visitei-o. Consultei-o. Contei-lhe as minhas mágoas de colunista à Prometeu, roubando ao Quotidiano o segredo do humor e por isso diariamente devorado pela águia de olhos vítreos. Contei-lhe tudo. Desnudei-lhe a alma. Pouco faltou para lhe recitar o «Noivado do Sepulcro».*

Aliás, nem precisei. Afinal, é um médico realmente fantástico. Melhor do que aquilo, só no «Faz de Conta» do Solnado. Mandou-me pôr a língua de fora, mediu-me o pulso, tirou-me a tensão e decretou:
— Do que você precisa é ser internado na minha clínica.

Era mesmo. Durante uns tempos, nem família, nem política, nem **artigo de fundo** *(parabéns, leitores...) nem telenovela. Milhões de portugueses, aprendei: a solução está na clínica do doutor Salgado.*

Estrangeiro retido no Aeroporto de Lisboa

Um passageiro com passaporte falso da Gâmbia encontra-se retido na zona internacional do aeroporto de Lisboa há sete dias por não possuir visto para entrar em Portugal, disse a Guarda Fiscal.

A mesma fonte acrescentou que Isaac Manso Kstodre, 38 anos, motorista, natural da Gâmbia, chegou no voo da TAP-Air Portugal procedente de Bissau dia 21.

Segundo declarou às autoridades de fronteira no aeroporto de Lisboa, pretende ficar em Portugal e não deseja ir para qualquer país africano devido à sua religião católica.

As autoridades portuguesas preparam-se para que Isaac Kstodre regresse a Bissau, aeroporto onde embarcou para Lisboa.

Falsos agentes da PJ extorquiam dinheiro

Militares da Guarda Nacional Republicana de Vila Verde, Braga, detiveram em flagrante delito um casal, Manuel de Oliveira, de 25 anos, e Maria do Sameiro, de 22, quando pretendiam extorquir 465 contos de uma senhora, de meia-idade e que vive só, no lugar de Caneiras, Santiago, a pretexto do pagamento de custas de um processo pendente no tribunal de Póvoa do Lanhoso.

Aquele casal, intitulando-se agentes da Polícia Judiciária do Porto, esteve há uma semana na casa da vítima e exigiram 500 contos. Na oportunidade, a senhora entregou-lhes 35 contos, importância que tinha em casa, e os falsos agentes ficaram de voltar oito dias depois para recolher o restante.

Entretanto, a GNR viria a tomar conhecimento do caso por pessoas das relações da vítima, que estranharam ser a Judiciária a cobrar as custas processuais, e agiu na altura própria.

Os detidos foram já presentes ao Tribunal de Instrução Criminal de Braga, que irá decidir sobre a sua situação durante a fase da instrução processual.

Abecasis no lançamento de novos fogos

"A EPUL JÁ É UMA EMPRESA DIFERENTE"

«A EPUL já é uma empresa diferente», declarou ontem, ao «DL» Nuno Abecasis, presidente da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, no lançamento de 56 fogos inscritos no plano que prevê o lançamento este ano de mais 1.500 habitações.

«Um ano depois de ter assumido a presidência da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa o lançamento destes 56 fogos e os planos anunciados revelam que a EPUL é hoje uma empresa totalmente dieferente, que se rege por principios de gestão actualizados, onde nada é deixado ao acaso, tanto do ponto de vista financeiro como do técnico», declarou ontem à tarde ao «DL» Nuno Abecasis.

O optimismo do presidente da Câmara Municipal de Lisboa que, por inerência é presidente da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, radica em números: «em 1986, ao fim de seis meses de gestão, a EPUL ficou com um défice de 1,3 milhões de contos, mas pagou dois milhões de dívidas e juros acumulados». Para este ano, segundo Nuno Abecasis, o défice será reduzido para 600 mil contos, e a empresa pagará um milhão da dívida e dos juros acumulados.

Mas, de acordo com o presidente da EPUL, o próximo ano constituirá um marco de viragem, pois o défice será anulado e a dívida será reduzida às proporções usuais para o capital da empresa. A partir de então, os números revelados por Abecasis apontam para «um superavite da ordem dos 600 mil contos, e a empresa amortizará, nos esquemas normais, todos os seus compromissos».

«Pessoal aceitou repto»

Para além dos números, Nuno Abecasis revelou que para o ano «vamos escolher dois ou três dos actuais clientes, ao acaso, pelo método das bolas, que irão integrar as comissões de apreciação dos projectos».

Segundo o presidente da EPUL, «este estudo económico vai ser conduzido de forma a que os preços de venda se contenham no máximo das bonificações, sem no entanto sacrificar a qualidade de construção». De acordo com Abecasis, «isto permitirá que um jovem, casal, com dois filhos, que deve corresponder ao máximo das bonificações, pague como amortizações por mês entre 20 a 25 contos».

Entre as medidas de gestão anunciadas, um dispositivo de controlo irá evitar o pagamento de revisões de preços indevidas.

Retomando o balanço à actividade da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, Abecasis, que tinha culpado os arquitectos pela situação daquela empresa sublinhou ao «DL» que «o problema da EPUL era, em grande parte, um problema de gestão que se reflectia também nos arquitectos». «No entanto», prosseguiu, «o pessoal da EPUL aceitou o repto que lhe lançámos».

Fogos com garantia

A formalização da consignação entre a EPUL e um empreiteiro para a construção dos primeiros 56 fogos, que irão ser vendidos em propriedade plena e não mais em direito de superfície, e que se inscrevem no projecto de construção de duas mil habitações em Lisboa, foi aproveitada para divulgar os planos da EPUL.

Dirigindo-se às classes médias, os projectos prevêem a construção de fogos em várias zonas da cidade, estando agendado até ao fim do corrente ano o lançamento de mais 1.500 fogos entre Telheiras e o Vale de Santo António, na Rua de S. Bernardo, à Estrêla, Largo de S. Bento e Martin Moniz.

Para 1988, será feito o lançamento dos primeiros fogos de Restelo nascente, para os quais abrirá, dentro de dias, um concurso de idéias, solução reclamada há muito pelos técnicos.

Entretanto, o «DL» conseguiu apurar que a Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, numa iniciativa que tende modificar a sua imagem, está a estudar a possibilidade de vender fogos com garantia, introduzindo, assim, no mercado uma nova valência.

Para facilitar a vida ao cidadão

Serviços públicos passam a ter normas de atendimento

Para facilitar a vida ao cidadão, os serviços públicos passam a ter normas de atendimento, que visam simplificar os contactos com a administração pública, de acordo com uma resolução aprovada em 15 de Janeiro pelo Conselho de Ministros e hoje publicada no «Diário da República».

«Sendo certo que as repartições públicas existem para servir e bem atender os cidadãos, quando um cidadão se desloca a uma repartição pública tudo deverá estar montado para que seja mínima a perda do seu tempo, a falta ao seu trabalho», lê-se no fundamento da resolução pela qual o Conselho de Ministros estipula normas relativas ao acolhimento e atendimento do público e à comunicação administrativa escrita.

No primeiro dos casos, dez pontos constituem o «decálogo» das normas que devem passar a ser seguidas. Deste modo, à entrada dos serviços públicos deverá permanecer um funcionário «conhecedor da sua estrutura e competências genéricas e com qualificações ao nível das relações com o público, com a finalidade de encaminhar os interessados e prestar pequenas informações».

Uma correcta informação sobre os locais onde se tratam os diversos assuntos, e a inscrição do nome do pessoal dirigente de cada uma das estruturas, são outras das medidas contempladas pela resolução governamental.

Neste aspecto, propõe-se a criação, sempre que possível, de um sistema de sinalização que permita o auto-encaminhamento dos interessados, bem como a identificação de todos os funcionários que trabalhem em serviços de atendimentos. Nestes locais, deverão ainda existir impressos que permitam efectuar facilmente reclamações e sugestões, bem como folhetos explicativos acerca das matérias ou assuntos objecto dos serviços.

«Quando a complexidade dos assuntos ou o grau de instrução dos particulares o justifique, poderão os serviços destacar funcionários destinados a auxiliar os interessados na elaboração de exposições, requerimentos ou preenchimento de impressos», refere o ponto oito da resolução, que estabelece, também, que devem ser facultadas todas as informações sobre o andamento dos processos.

Evitar siglas e termos técnicos

As comunicações administrativas externas, para além de deverem sempre referir a designação, morada e o número de telefone do serviço emissor, deverão sempre identificar os funcionários, agentes ou titulares dos orgãos subscritores das mesmas.

Por outro lado, a resolução do Conselho de Ministros estipula que as comunicações dirigidas aos particulares deverão ser redigidas de forma clara, concisa e objectiva, evitando-se o uso de siglas e, sempre que possível de termos técnicos.

No intuito de informar correcta e completamente, quando as comunicações fizerem referência a disposições de carácter normativo ou a circulares internas da Administração, deverão transcrever a parte considerada relevante para o andamento do processo ou anexar fotocópia do documento que a consubstancia.

Para evitar deslocações desnecessárias aos serviços, o recurso a convocatórias só deverá ter lugar após esgotadas as diligências que permitam resolver as questões. Nestas convocatórias, deverá precisar-se de forma sintética o assunto objecto das mesmas, eliminando a frase que faz escola na administração pública portuguesa: «assuntos do seu interesse».

Quando se desloquem os serviços em resposta à convocatória, os particulares terão prioridade no atendimento, refere a resolução de 15 de Janeiro do Conselho de Ministros.

QUIMIGAL QUÍMICA DE PORTUGAL, E.P.
Av. Infante Santo, 2 — 1399 LISBOA CODEX

Av. Infante Santo, 2
1399 — LISBOA CODEX
OBRIGAÇÕES QUIMIGAL
Emissão de 1981
PAGAMENTO DE JUROS

Avisam-se os Srs. Obrigacionistas que a partir do próximo dia 1 de Fevereiro de 1987 se encontra a pagamento o cupaão n.º 11 da emissão de 1981.

O valor líquido deste cupão é conforme se discrima a seguir:

Juro Ilíquido	90$00
Imposto s/sucessões e doações	4$50
Juro Líquido	85$00

O pagamento dos juros será efectuado nos seguintes estabelecimentos de crédito:

BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO DO BRASIL
BANCO DO FOMENTO NACIONAL
BANCO ESPÍRITO SANTO & COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOUTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
CRÉDIT FRANCO PORTUGAIS
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
LLOYDS BANK INTERNATIONAL
MONTEPIO GERAL
UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

Lisboa, 7 de Janeiro de 1987.

O CONSELHO DE GERÊNCIA
(Ass. ilegível)

Jornadas de comunicação e cultura

MODA E ESTÉTICA

Lurdes Feria

Aos sociólogos compete o estudo dos fenómenos sociais para que o sentido vivencial se torne compreensível. Que mudança? em que direcção se caminha? que cultura? Pois no ISCTE estão a decorrer as «Jornadas de Comunicação e Cultura», canalizadas especificamente para as questões estéticas e tecnológicas que marcam sem dúvida nenhuma, a década de oitenta. Ora, o painel de abertura dos trabalhos centrou-se no tema «Moda e Estética», à volta do qual foram feitas comunicações, algumas delas muitíssimo interessantes, como a de Eduardo Prado Coelho.

Tentou, com bastante clareza, traçar um gráfico, indo tocar no que está para trás, **daquilo que nos preocupa.** A modernidade surge num contexto fragmentado, há campos que ganham autonomia, desprendendo-se do **todo** tais como o religoso, o social, o estético, o económico... **com as suas regras de funcionamento, os seus actores e os seus critérios.** Prado Coelho concluiu que este fraccionamento produz o desencanto. Tinha-se a sensação de que tudo estava integrado em tudo, atado a um eixo, e, agora, sobrevem o desequilibrio e a perplexidade.

Assim, a arte vem ocupar um espaço importante, aparece como **contestação à racionalidade burguesa industrial.** Prado Coelho distingue no cerne da modernidade duas vertentes conflituosas: a ténico-social e a estética, ambas envolvidas num processo de cisão. Fala ainda do **morte da arte,** ideia que se encontra em **Hegel,** como negação da arte encarada em termos de **uma linguagem do absoluto.**

Tema que virá, de novo, a ter expressão em Marx, com a sua preocupação em lhe retirar a carga mitológica. Neste filosofia pretende-se ligar a arte a conceitos de alienação, e por isso, se menospreza o artista, enquanto somente: **numa sociedade comunista não se deve dizer que há pintores, mas sim homens que às vezes pintam...**

Este «episódio» da morte da arte, como lhe chamna Prado Coelho, viria a ser retomado por Marcuse, figura tutelar dos anos sessenta. Aqui tem uma imagem libertadora, associada ao **Eros** e formula-se **em termos que se cruzam com psicanálise,** embora se lhe negue o princípio da rendibilidade que **emerge da modernidade.** Hoje, com uma maior flexibilidade, assiste-se a um processo de «reconciliação irónica» entre modernidade técnico-social e a modernidade estética. E também não é por acaso que se nota um êxito da moda como reivindicação, sucesso que de resto é igualmente notável no âmbito comercial.

A moda propaga-se numa onda contagiosa, os mecanismos do consumo aceitam-se muito melhor do que dantes desde que no mercado se introduza uma dimensão estética. Temos, portanto, matéria para ser analisada pela sociologia, de modo a percebermos como «a estetização da sociedade se vai fazendo», segundo Eduardo Prado Coelho.

Instituição

Juan **Mozzicafreddo**, outro dos intervenientes do painel «Moda e Estética» apresentou uma comunicação sobre o «Pós-Modernismo e Estado-Providência», assinalando o compromisso táctico entre o movimento da pós-modernidade (alguns especialistas cortam-lhe o **pós**, partindo da tese de que houve contemporaneidade e agora há modernidade, conceito perfeitamente elástico) e o Estado. Seja o que for, nesta fase que se atravessa registou-se um exacerbamento do individualismo, a ruptura com os valores colectivos e uma ética comportamental que privilegia a legitimidade da diferença. Mas, enquanto, por um lado, a personalidade do indivíduo «se desenvolve e autonomiza», por outro o Estado-Providência insiste, persistentemente, em realizar a sua função integradora. É então, neste jogo de forças que a moda assume um papel fundamental para a concretização das intenções do Estado e das suas veleidades reguladoras.

Dos anos 20 e da atenção que prestaram à moda encarregaram-se, numa comunicação conjunta, quatro finalistas de Sociologia, alunos do ICSTE. Pesquisaram nas revistas e jornais da época, sobretudo no «ABC» e no «Sempre Fixe», onde as crónicas de moda e as críticas humorísticas reconstituem um espaço social elitista, restrito, e nitidamente urbano. «Destacaríamos o florescer de uma nova burguesia saída do após-guerra com um certo gráu de abertura às mudanças».

A moda dessa altura era muito francesa. De Paris vinham as leis, ditadas pelos grandes costureiros, vinham os organdis, os chiffons e os crepes georgettes, vinham as poses. «A mulher dos anos 20 pretendia-se apátrida, universal e, sobretudo, chique», razão porque aderiu rapidamente à revolução do vestuário (saias mais curtas, espartilho fora e cintura à vontade) e ao frenesim do jazz-band, «a música de momento, aquela que leva em si a tumultuosidade desta hora de transição», na opinião de um cronista da revista **Repórter X**, dirigida por Reinaldo Ferreira.

Sacudidas do marasmo pela guerra, as elites lisboetas queriam divertir-se, vestir fatos bonitos, beber champanhe, percorrer os restaurantes, casas de chá e clubes da moda. Quanto às mulheres foi «o grito do Ipiranga»: pernas ao léu, movimento soltos, respiração livre. Já podem vestir fatos de banho, ainda que de ousadia limitada, pôr um tailleur confortável com a saia pelo joelho... e praticar desporto, se lhes apetecer.

Eunice Cabral, professora da Faculdade de Letras garantiu que »... E a moda criou indivíduos», fazendo de cada um de nós um artista sem arte. A moda, acrescentou, faz «matéria narrável» da vida, é uma figura social que participa da temática pós-moderna. Define-se neste estádio pela ambiguidade, atravessando fronteiras, sexos, cores e civilizações. Uma mulher não tem problema em vestir um fato masculino e um homem em vestir saia; um oriental pode vestir roupa ocidental e vice-versa. «É que a vida são dois dias e a felicidade está ao alcance de todos, afirma a poderosa máquina do consumo de massas».

Só uma coisa não foi dita no painel sobre «Moda e Estética». Isto: na modernidade ou pós-modernidade, o dinheiro tornou-se uma obsessão, passou a ocupar o valor que tinha dos anos cinquenta. O que me parece curioso e sintomático numa época de recessão económica. O que também explica o apego ao quotidiano, às coisas mais imediatas.

Política de transporte, segurança...

Pilotos portugueses de linha aérea preparam congresso

Como vai a Aviação portuguesa? Poucos são os portugueses que o sabem, que estão ao corrente da sua actual situação, dos seus problemas, das suas exigências em particular face à liberalização dos transportes aéreos na CEE. A Associação dos Pilotos Portugueses de Linha Aérea tem menos de dez anos de actividade como tal e conta com 461 associados. Tomou a iniciativa de promover o I Congresso Nacional de Aviação, em Lisboa. Entre 4 e 6 de fevereiro, portanto, os portugueses poderó ficar a saber um pouco mais de aviação e conhecer melhor não apenas os problemas, mas também as condições em que os nossos pilotos de linha aérea operam.

Na Fundação Calouste Gulbenkian, e durante os três dias do primeiro fim-de-semana de Fevereiro, a problemática da aviação nacional será debatida em todos os seus escaninhos, a saber: política de transporte aéreo, segurança e actividade aeronáutica e infra-estruturas e actividades complementares. São estes os três grandes temas a desenvolver em salas diferentes e por três comités presididos, respectivamente, por Gomes Mota, Anselmo Ribeiro e Viana Baptista, assessorados por Pedro Carneiro, Eugénio Mota, comandante Palma (vice-presidente da IFLPA), Sá Barros e António Azeredo. Enfim, comandantes na sua maioria, eles também — como o é ainda Anselmo Ribeiro (ex-director da Aviação Civil) e o foi o agora conselheiro presidencial e ex-presidente da CAP, Gomes Mota.

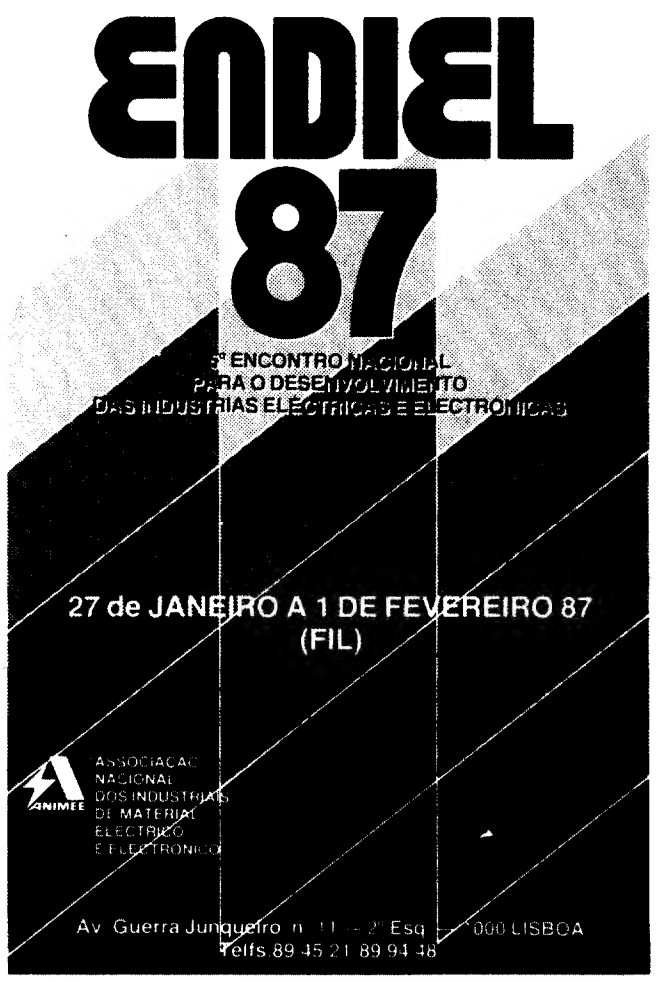
As grandes questões que se colocam a este ramo serão discutidas na Gulbenkian na multiplicidade da actividade da Aviação Comercial, uma vez que temas como a segurança, aeroportos e o turismo integram o seu mundo. «Mundo visto por quem anda lá em cima», como disse um dos membros da mesa que ontem apresentou em reunião com os jornalistas a Associação de Pilotos da Linha Aérea e o que pretende com este seu I Congresso Nacional.

A par dos próprios trabalhos será possível conhecer a nova «bomba» da «Boeing», o seu aparelho «7J7», que ainda não entrou no mercado aéreo, bem como o ATP (um avião de médio porte, dos do tipo que a SATA utiliza), inglês, e o «Air bus», tendo para o efeito a organização convidado representantes dessas empresas. No entanto, o Congresso propriamente dito não terá participantes estrangeiros — pelo menos nesta sua edição —, estando aos próprios pilotos reservada uma participação menor que a outros sectores da actividade aeroportuária.

Noventa comunicações e cerca de quatrocentas inscrições são números a ter em conta, frisou o responsável do Congresso, o comandante Lima Basto, permitindo, pela primeira vez, que todas as actividades ligadas ao mundo aeronáutico dialoguem entre si, face à diversidade de questões a tratar: transporte internacional; nacional; não regular e regulamentação (pelo comité a que preside Gomes Mota); segurança de voo, segurança de aeroportos, aviação grícola, aviação privada e a que combate incêndios (Comité de Anselmo Ribeiro); e navegação aérea, meteorologia e material aeronáutico e oficinas (Viana Baptista).

Portugal é, que se saiba, um dos poucos países em que não há uma escola superior de formação de pilotos, razão pela qual a FAP funciona como tal e, naturalmente, foi convidada para o I Congresso Nacional da APPLA.

O comandante Gomes Mota anunciou que, entre as noventa comunicações, duas delas incidem sobre o Aeroporto da Portela (acerca do qual não há qualquer problema de segurança), tratando uma do «Impacto da CEE nos aeroportos nacionais».



TRIBUNAL DO TRABALHO DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

Pela Secção de Processos do Tribunal do Trabalho de Torres Vedras correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada ENOMECÂNICA — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS, SARL, com sede em Malveira – Oeste, Mafra, para no prazo de dez dias posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, nos autos de execução de sentença movida por Anselmo dos Prazeres Rodrigues, casado, serralheiro civil, residente no Bairro do Hilário, Lote 73-3.º esquerdo, em Torres Vedras.

Torres Vedras, 10 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito
António Alexandre dos Reis

A Escrivã Adjunta
Helena Oliveira

«DL» 29/1/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

Pela Secção de Processos do Tribunal do Trabalho de Torres Vedras, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da Executada ENOMECÂNICA — Máquinas e Equipamentos Industriais, SARL, com sede em Malveira, Mafra, para no prazo de dez dias posterior àquele dos éditos reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorado sobre que tenham garantia real, nos autos de Execução de sentença movida por JOÃO LUÍS BATISTA FRANCISCO, casado, serralheiro mecânico, residente em Fonte Grada — Torres Vedras.

Torres Vedras, 9 de Janeiro de 1987

O Juiz de Direito
António Alexandre dos Reis
O Escriturário Judicial
António Luís Rodrigues Franco

D.L. 29/1/87 — 2.ª Pub.

No início das comemorações do 150.º aniversário

A APOSTA DA AIP É NOS JOVENS — garante Rocha de Matos

A Associação Industrial Portuguesa iniciou, ontem, a comemoração dos seus 150 anos de vida tendo-lhe sido entregue pelo Presidente Mário Soares a Ordem do Infante D. Henrique.

A distinção foi pessoalmente imposta pelo Presidente da República, na sessão comemorativa dos 150 anos da mais antiga associação empresarial portuguesa, sessão essa a que compareceram, também, o presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, o ministro da Administração Interna, Eurico de Melo, em representação do Primeiro-Ministro, e, junto com outros membros do Governo, o presidente da AIP, Rocha de Matos.

Rocha de Matos, no discurso que proferiu, referiu a necessidade da criação de «uma entidade de cúpula de todo o empresariado português», salientando a este propósito que em 1980 «foi dado um significativo passo com a criação do Conselho Nacional das Associações Empresariais — CNAE», constituído pelas Associações Industriais, Portuense e Portuguesa, as Associações Comerciais de Lisboa e do Porto e a Associação Central da Agricultura.

O presidente da Associação Industrial Portuguesa (ontem condecorada com a Ordem do Infante) pretende a constituição de um organismo de cúpula do patronato

Referindo que a AIP «esteve sempre à frente do seu tempo», Rocha de Matos disse que três pontos fundamentais se interpenetram na antevisão do que serão as novas gerações de empresários do ano 2000: a formação profissional/desenvolvimento cultural, a modernização e inovação tecnológica/desenvolvimento empresarial e, por último, o alargamento do espaço de implantação-/capacidade de actuação.

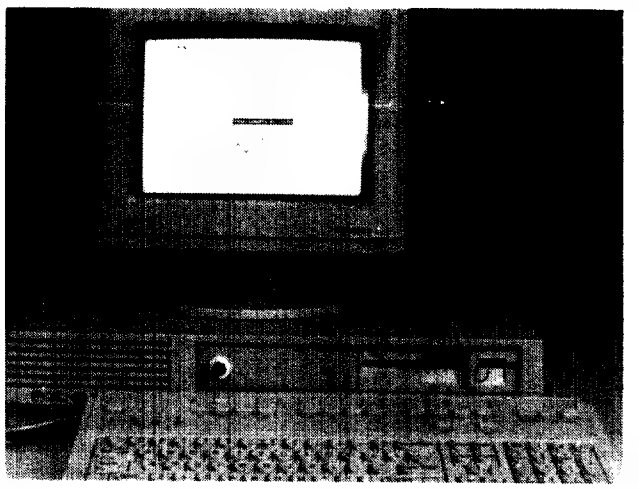
«É nos jovens empresários que a AIP aposta», disse.

«Por isso, em Dezembro de 1987, o programa das comemorações prevê a realização de um seminário especialmente destinado aos jovens, bem como o lançamento do terceiro programa dos jovens técnicos para a indústria».

Para Rocha de Matos, a AIP, como entidade empresarial, manterá sempre com o Governo um relacionamento aberto e dialogante, em tudo o que sirva para garantir a participação democrática e o desenvolvimento da econonia e da sociedade, «na parte que nos cabe como cidadãos e empresários».

O presidente da Comissão Executiva das Comemorações dos 150 anos da AIP, Silva Pinto, referiu que o programa delineado para o ano de 1987, tem como pontos altos o encontro, em Abril, dos representantes das economias dos países de expressão oficial portuguesa, em Junho o colóquio sobre agro-indústrias no âmbito da adesão à CEE, em Outubro o V Congresso da Indústria Portuguesa, em Dezembro o encontro destinado aos jovens empresários e, já em 1988, o terceiro encontro nacional das pequenas e médias empresas.

Quanto a feiras contempla a realização da Feira Internacional de Lisboa, em Maio, e a primeira Feira Portuguesa das Indústrias Culturais, em Agosto/Setembro, para além da FIL/Artesanato.



O PCD-2 com que a Siemens acaba de anunciar a sua entrada no mercado português de computadores pessoais

Siemens entra no mercado de computadores pessoais

A companhia alemã federal Siemens acaba de lançar no mercado português o seu novo computador pessoal PCD-2. Com o lançamento desta nova máquina, que é compatível com todo o software existente para computadores do seu tipo, a Siemens reforça a sua posição no mercado informático nacional. A sua entrada neste mercado é relativamente recente, sendo a empresa alemã conhecida em Portugal sobretudo pela sua actividade nos sectores eléctrico e das telecomunicações.

A Siemens ganhou há poucas semanas um importante concurso, no valor de cerca de um milhão de contos, para o fornecimento à C.P. de um sistema para automatização da venda de bilhetes, reserva de lugares, gestão do material circulante e informações ao público.

A Siemens procedeu, entretanto ao aumento do seu capital social, na intenção declarada de «fazer face aos investimentos a realizar em Portugal e continuar a modernizar o seu equipamento tecnológico».

O capital social passou, assim, de um milhão e 50 mil para 1.650.000 contos, sendo os 600 mil contos de dinheiro fresco carrilados exclusivamente pela Siemens AG, a casa-mãe da Alemanha, através da importação de divisas.

«Este facto pode ser considerado como mais uma prova da confiança que a empresa, há mais de oitenta anos radicada em Portugal, nutre por este País»-assegura uma nota distribuida à Imprensa, a propósito do último aumento de capital.

Um banco é a maior empresa dos Açores

Uma instituição bancária, uma firma de comércio e uma empresa de electricidade lideram o sector empresarial açoriano, considerando o respectivo volume de negócios, indica um inquérito divulgado pelo «Açoriano Oriental».

Basead em dados de 1985, refere o Banco Comercial dos Açores (BCA) com um volume de negócios que rondou os cinco milhões de contos, como a maior empresa regional, seguindo-se-lhe a firma «Nicolau Sousa Lima» (2,8 milhões de contos movimentados) e a Empresa Pública de Electricidade do arquipélago (2,7 milhões).

Nas posiçõesseguintes surgem duas empresas de comércio (Bensaúde e J.H. Ornelas) e uma indústria de lacticínios, a Lacto Açoriana. Entre as dez mais importantes empresas açorianas, tendo por base os respectivos montantes de negócios, figuram também a Sociedade Açoriana de Sabões, Lacticínios Loreto, Unileite e a Finacor.

No seu conjunto, estas dez empresas empregavam em 1985 cerca de 2730 trabalhadores contra 2430 no ano anterior.

O volume de negócios concretizados por este grupo atingiu em 1985 os 25,5 milhões de contos, contra 19,7 milhões um ano antes.

Comércio automóvel contesta critérios do IVVA

O decreto-lei que reduz as taxas de imposto sobre a venda de veículos automóveis foi já promulgado pelo Presidente da República e é publicado no sábado no Diário da República, segundo apurou a agência Lusa. Este diploma tem vindo a ser contestado por parte de uma das associações do sector, a ACAP (Associação do Comércio Automóvel de Portugal), que apresenta como principal crítica a ampliação da classe de veículos, que vai dos 1400 aos 1700 cc, para 1750 cc.

A ACAP afirma que esta disposição vai beneficiar apenas duas marcas de automóveis entre os 1700 e os 1750 cc. De acordo com a ACAP, a aplicação da nova lei vai fazer com que os modelos que passam a ser abrangidos pela nova classe, o Renault 21 GTS, o Renault 21 RS e o Seat Málaga LD, tenham uma redução de preço da ordem dos 18,2 por cento, o que equivale a mais de 350 contos, tendo em conta que o preço dos veículos desta cilindrada é superior a 2000 contos.

Esta associação convocou para hoje uma conferência de imprensa na qual afirma ir fazer «uma análise fortemente crítica ao modo como o Governo se propõe alterar a fiscalidade automóvel, pois que de um golpe se trata no qual o Governo não pode deixar de ser considerado conivente».

ANECRA também reclamadesagravamento

A outra associação do sector, a ANECRA (Associação Nacional das Empresas do Comércio e da Reparação Automóvel), divulgou ontem também um comunicado em que alerta o Governo para a necessidade de proceder «de imediato» a uma significativa redução da taxa IVVA, tendo em conta a prevista liberalização das importações de veículos, novos e usados, a partir de 1 de Janeiro do próximo ano.

Contactada pela agência Lusa, a direcção da ANECRA escusou-se a tomar posição sobre o diferendo entre a ACAP e o Governo sublinhando defender apenas a urgência na redução das taxas do imposto.

No entanto, no texto do comunicado a ANECRA afirma:«É sabido que quer os veículos novos, sobretudo os de cilindrada superior a 1400 cc, quer os veículos usados, são comercializados em Portugal a preços mais elevados do que nos demais países que integram o Mercado Comum.»

«É portanto evidente que a manter-se a carga fiscal existente, se irá assistir a partir do próximo ano a um crescente afluxo de veículos, quer novos quer usados, provenientes de países europeus», acrescenta a ANECRA.

Para esta associação, a demora que se venha a introduzir nas decisões no que respeita à redução do IVVA vai «repercutir-se, directamente, nos comerciantes de veículos, que se defrontam já com uma notória e negativa retracção do mercado».

A agência Lusa apurou junto da ACAP que o Governo tinha autorização legislativa para fazer esta alteração em matéria de impostos e, como tal, não pode ser requerida a declaração de inconstitucionalidade do diploma. Este só poderá vir a ser alterado por ratificação da Assembleia da República.

Acordo de princípio entre a CEE e os States

A Comunidade Europeia e os Estados Unidos chegaram a um acordo de princípio ao fim da tarde de ontem sobre o conflito que os opunha relativamente ao alargamento, disseram fontes comunitárias em Bruxelas.

O acordo de princípio resultou de uma longa conversa telefónica entre o membro da Comissão Europeia responsável pelas relações externas, Willy de Clercq, e o representante especial dos Estados Unidos para o Comércio, Clayton Yeutter.

O acordo de princípio baseia-se no mandato que na passada segunda-feira foi fixado a Willy de Clercq pelos ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Europeia.

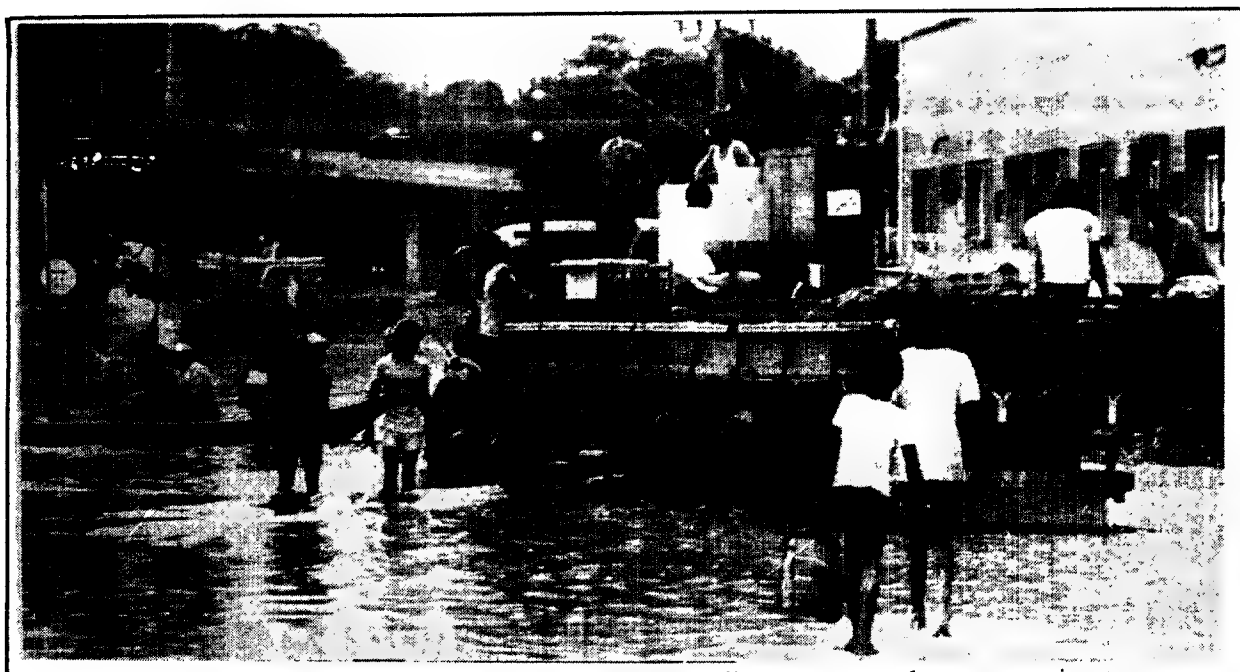
COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53$00	59$00
ALEMANHA FED. (marco)	77$05	78$25
ÁUSTRIA (xelim)	10$90	11$10
BÉLGICA (franco)	3$509	3$759
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	102$20	104$70
(notas de 5 a 1000)	102$70	105$20
DINAMARCA (coroa)	20$30	20$70
ESPANHA (peseta)	1$048	1$168
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136$75	140$25
(notas de 5 a 1000)	137$25	140$75
FINLÂNDIA (marka)	30$55	31$15
FRANÇA (franco)	23$05	23$75
HOLANDA (florim)	68$30	69$40
IRLANDA (libra)	204$65	208$65
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$864	$959
NORUEGA (coroa)	19$75	20$25
REINO UNIDO (libra)	212$35	216$85
SUÉCIA (coroa)	21$30	21$80
SUÍÇA (franco)	91$65	93$15
VENEZUELA (bolívar)	5$25	6$25

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Alguns dos evacuados da cidade Franco da Rocha, no Brasil, são transportados numa camioneta, devido às cheias que nos últimos dias já causaram 75 mortos na região de São Paulo. Segundo um porta-voz da Defesa Civil, mais de 100 pessoas ficaram feridas e cerca de 9.100 ficaram sem casa. Mas a situaçœao começou a melhorar desde ontem.

A ministro francesa da Saúde, Michele Barzach, declarou que o Governo francês poderá dentro de cinco anos assumir completamente as despesas do tratamento do Sida. Baseando-se nos resultados de um inquérito, Barzach revelou que o custo de uma hospitalização causada pelo Sida é de 400 francos mais cara do que uma hospitalização num outro serviço de medicina. Isto é, 1.800 francos franceses (cerca de 30 mil escudos), por dia, em vez dos 1.400 francos nos outros casos. «O tratamento do Sida representou em 1986 um aumento de 11,5 milhões de francos o orçamento da Saúde, revelou ainda a ministro. Michele Barzach confirmou não ter havido em França qualquer acidente resultante de transfusões sanguíneas, mas manifestou a sua apreensão quanto aos dadores de sangue que, devido à propagação desta doença, se estão a tornar cada vez mais raros.

A polícia carrega sobre um estudante durante estudantil em Baracelona. Os estudantes espanh reforma do ensino em Espanha, que cria entr Universidade.

Intolerância religiosa no mundo

A intolerância religiosa e a consequente perseguição estão a alastrar, causando centenas de milhar de vítimas, revela um relatório das Nações Unidas da autoria do português Angelo de Almeida Ribeiro. O estudo cita exemplos que incluem a guerra entre o Irão e o Iraque, detenções, maus tratos e execuções de opositores religiosos, demolição de edifícios sagrados, conversões forçadas, restrição das práticas religiosas e discriminação na obtenção de empregos, cuidados de saúde e habitação.

O documento será debatido ma sessão anual da Comissão dos Direitos Humanos da ONU, com início segunda-feira em Genebra, tendo o seu autor sido nomeado no ano passado relator de uma comissão para análise de informações sobre discriminaçãoo e perseguição religiosas. Almeida Ribeiro disse que compilou informações em mais de 40 países, cenário de intervenções arbitrárias em questões religiosas e espirituais, de confrontos entre adeptos de ideologias ou crenças opostas. O responsável pelo estudo sublinhou que não se trata de uma análise completa e exaustiva, acrescentando que este tipo de discriminação e intolerância é patente em todos os sistemas económicos, sociais e ideológicos.

Barbie: um preso "especial"

Isolado numa secção da prisão de « Saint Joseph», em Lyon, o antigo chefe nazi, Klaus Barbie, 74 anos, recebe revistas, relê Homero e nunca se separa do seu uniforme azul de preso. Desde a sua detenção. em fevereiro de 1983, o antigo chefe da gestapo em Lyon, é certamente um dos presos mais isolados e mais vigiadpos de França. Entretanto, graças a indiscrições, vão-se conhecendo pormenores sobre a vioda quotifiana deste poreso muito especial.

Klaus Barbie dispõe para ele sozinho de três celas na prisão de Saint Joseph, um edifício construído no século XIX. Uma das celas serve-lhe de quarto de dormir, a segunda de sala de banho, equipada de duche, e enfim a trceira de sala de estar, com televisão e uma pequena biblioteca. No pátio da prisão, foi-lhe reservado um espaVo especiual, com o fim de o proteger dos fotógrafos ou de qualquer tentatoiva de atentado.

Continua, entretanto, a instrução do seu processo, e desconhece-se ainda a data exacta do julgamento. Um julgamento que é desde já considerado nos meios jurídicos franceses, como «o julgamento so século» em França.

Homenagem à tripulação do Challenger

Setenta e três segundos de silêncio, o tempo gasto pelo Challenger no seu último voo, foi a homenagem prestada pelos norte-americanos aos malogrados astronautas, nos quais se incluia o primeiro «cidadão comum» no espaco, uma professora. Crianças de todo o país prestaram tributo aos mortos e o presidente Ronald Reagan dedicou um discurso aos funcionários da NASA. Toda a actividade cessou ontem, às 11h38, no Cabo Canaveral, hora a que, há um ano atrás, o vaivém descolou no meio de condições climatéricas pouco propícias, vindo a explodir no espaço. A comissão de inquérito ao acidente disse que o tempo frio que se fez sentir na ocasião contribuiu, provavelmente, para a explosão.

Apoiar "países árabes amigos" ou intimidar?

EUA DESLOCAM FORÇA NAVAL PARA O GOLFO PÉRSICO

Os Estados Unidos deslocaram cinco vasos de guerra para o Norte do Golfo Pérsico em apoio de «países árabes amigos» e para, segundo fontes da administração Reagan, mostrar ao Irão e aos grupos de guerrilha anti-americana no Líbano que Washington está preparado para proteger os seus interesses naquela região e no Mediterrâneo. Simultaneamente enviaram um porta-aviões para mais perto do Líbano, devido às «crescentes tensões na área», de acordo com um funcionário da Casa Branca, que pediu o anonimato.

Em Washington, o secretário de Estado George Shultz declarou ao Congresso que os EUA mantêm o compromisso de auxiliar os países árabes amigos. E, em relação à deslocação das forças navais, acrescentou: «Eles sabem que estamos lá e prontos a colaborar com eles».

Funcionários afirmam, por outro lado, que a Casa Branca pretende demonstrar que o escândalo da venda de armas ao Irão não tornou os Estados Unidos incapazes de responder a desenvolvimentos críticos no Médio Oriente.

«Avisamos repetidamente o Irão de que uma extensão do conflito com o Iraque seria encarado como uma ameaça grave aos interesses dos Estados Unidos», frisou Schultz.

Funcionários navais revelaram que o porta-aviões nuclear Nimitz recebeu ordens para se deslocar mais para Leste no Mediterrâneo, e que o porta-aviões John F. Kennedy se mantém na mesma zona.

O Nimitz chegou ao Mediterreâneo no princípio de Janeiro para substituir o Kennedy, que passou seis meses na região e que deveria regressar aos EUA, com a sua força de apoio de 11 navios, no próximo mês.

Contudo, o Pentágono anunciou na noite da passada terça-feira que o Kennedy deveria permanecer indefinidamente no Mediterrâneo.

ofensiva iraquiana

Ontem o Iraque bombardeou oito cidades iranianas e atacou §um «importante alvo naval» ao Norte do Golfo, enquanto um dos líderes de Teerão sugeria estar iminente uma nova ofensiva iraniana por terra.

A cidade de Khomeini, terra natal do líder espiritual iraniano, ayatollah Ruhollah Khomeini, foi atacada duas vezes nos dois últimos dias.

Uma base anti-mísseis, situada a Sudoeste do rio Karun foi igualmente atacada pela aviação iraquiana, diz um comunicado do alto comando militar em Bagdad.

Nada se sabe todavia da situação que se vive em Bassorá, onde nos últimos dias se têm travado violentos combates entre tropas dos dois países.

O ministro da Informação iraquiana, Latif Nassif Al-Jassem, afirmou que Bagdad acabaria os ataques aéreos a cidades iranianas se o Irão concordasse em pôr fim a todos os seus ataques a cidades iraquianas.

Entretanto o embaixador do Iraque nos EUA disse em Chicago que a actual ofensiva ira-

Filipinas

Soldados rebeldes abandonam estação de televisã

Aclamados pelos seus apoiantes e empunhando ainda as armas, os soldados rebeldes filipinos que haviam tomado uma estação de televisão abandonaram hoje o edifício. Um previsto ataque aos amotinados foi ontem cancelado depois de oficiais das Forças Armadas terem pedido ao chefe de Estado-Maior, general Fidel Ramos, que evitasse o recurso à força.

Os rebeldes saíram da estação de televisão pelas 7h45 de Lisboa, pondo fim à mais séria ameaça que o governo da presidente Corazon aquino enfrentou até agora. Os rebeldes que disseram ter agido para acabar com a infiltração comunista no governo de Aquino, foram escoltados por soldados governamentais até vários autocarros civis que os transportaram do local. Pensa-se que tenham sido conduzidos para a base militar de Fort Bonifácio.

Embora a presidente Aquino tivesse ordenado primeiramente que fosse esmagada a revolta e os rebeldes detidos, o chefe das Forças Armadas desconvocou uma tentatica para tomar de assalto a estação de televisão, após uma reunião agitada com cerca de 200 oficiais. Participantes na reunião disseram à agência Associated Press que não concordavam com os objectivos dos revoltosos, mas que um ataque ameaçaria a unidade dos militares.

O reporter fotográfico australiano Robert McDonald, um dos poucos jornalistas a quem foi permitido entrar no edificio ocupado, atribui a morosidade das conversações entre o negociador militar, general Biazon, e o lider dos rebeldes, coronel Oscar Canlas, a detalhes precisos sobre a rendição. Canlas recusdou-se a caracterizar a sua retirada como uma rendição.

O porta-voz de Corazon Aquino, Teodoro Benigno, anunciou, entretanto, que o deposto presidente das Filipinas, Ferdinand Marcos, tinha planeado regressar ao país esta semana a bordo de um avião especial, pilotado por mercenários norte-americanos. O plano de Marcos para regressar fracassou por ter sido descoberto por diplomatas filipinos no Hawai.

Um membro do Departamento de Estado norte-ameri-

te uma manifestação
hóis lutam contra a
traves ao acesso à

niana deverá ser a última, mas preveniu que o conflito pode-ria alastrar a outros países do Golfo.

«Em termos de actividades em larga escala acreditamos que os iranianos não serão capazes, depois do fracasso desta chamada grande ofensiva, de poder suportar mais ataques deste tipo», referiu o diplomata iraquiano.

Cimeira apela à paz

Entretanto terminou hoje no Kuwait a cimeira dos líderes dos 850 muçulmanos em todo o mundo, com um apelo ao fim da guerra Irão-Iraque, à paz no Líbano e à retirada soviética do Afeganistão.

O rei Fahd da Arábia Saudita condenou a presença soviética no Afeganistão, que dura há sete anos, considerando-a «um erro histórico e estratégico».

Guerra Irão-Iraque coloca novos problemas aos EUA e à URSS

Patrick Worsnip
Reuter/Lusa

Os Estados Unidos e a União Soviética concordaram numa coisa: nenhum dos dois quer ver a cidade iraquiana de Bassorá cair nas mãos das forças iranianas que agora a atacam, sustentam analistas e diplomatas ocidentais.O último avanço iraniano em Bassorá, no Sueste do Iraque, trouxe à ribalta receios antigos para as superpotências, as quais, durante anos, se limitaram a observar com relativa ansiedade à medida que o conflito no Golfo se tornava cada vez mais sangrento.

O problema principal, aquele que tem vindo a tomar forma desde que o Irão começou gradualmente a virar a luta a seu favor, por volta de 1982, é o de como impedir uma vitória iraniana sem prejudicar a imagem de Teerão, afirmam peritos do Médio Oriente.

A maioria dos analistas, embora nem todos, acredita ainda que o Irão não ganhará a guerra para já. As defesas do Iraque são demasiado fortes e o apoio financeiro que lhe é dado pelos Estados árabes do Golfo é demasiado firme, disseram.

Funcionários norte-americanos com acesso a fotografias por satélite sustentam que Bassorá não está em perigo iminente. Mas reconhecem que os habitantes da cidade têm estado a sair maciçamente, e que os Estados Unidos expressaram preocupação pela estabilidade da região.

Nem Washington nem Moscovo querem ver o Iraque invadido. Para os Estados Unidos, a supremacia iraniana na área do Golfo, produtora de petróleo, constituiria um pesadelo estratégico.

A União Soviética pretende também a estabilidade estratégica na região, referem diplomatas ocidentais, e ficaria extremamente humilhada pela derrota de um exército que depende sobretudo do armamento soviético contra o arsenal norte-americano do Irão, herdado dos dias do xá.

Mas ambas as superpotências reconhecem a importância estratégica do Irão, com a sua longa fronteira com a União Soviética.

Foi um desejo de melhorar relações com elementos moderados no regime fundamentalista islâmico do ayatollah Khomeini que levou Washington à polémica decisão de fornecer armas a Teerão.

Americanos e russos têm professado assim uma política de neutralidade, mas acaba aí a semelhança, dizem.

«É uma neutralidade superficial», afirma Shaharam Chubin, do Instituto de Estudos Internacionais em Genebra. «Subjacente existe uma competição para preferir o Irão».

«A rivalidade geopolítica das superpotências significa que está excluída qualquer posição comum. Para eles a questão é esta: «Qual deles estará em melhor posição quando a guerra acabar?»

Nos Estados Unidos e na União Soviética subsiste o receio de que a outrta parte possa lucrar com o resultado da guerra tendo em conta as insinuações apresentadas por ambos os lados de que a superpotrência rival pode estar a ameaçar militarmente a área, afirmam analistas neutrais.

De facto, os dipolomatas consideram serem poucas ou nenhumas as hipóteses de que quer Moscovo quer Washington enviem tropas para o Golfo como resultado dos avanços do Irão ou do Iraque.

As preocupações soviéticas foram expressas num comunicado divulgado a 8 de Janeiro, véspera do início da ofensiva iraniana, o qual acusava os Estados Unidos de activar o conflito do Golfo com o objectivo de «ditar a sua vontade aos povos da região».

Alguns comentadores ocidentais acharam que o documento revelava uma mudança soviética para com o Iraque ao afirmar que não havia razão para que a guerra não terminasse rapidamente, apesar das declarações de Teerão segundo as quais continuaria a lutar até que os seus objectivos fossem alcançados.

Entre estes incluem-se a deposição do Presidente Saddam Hussein.

Reflectindo a sensibilidade de Moscovo a esta interpretação, o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, assegurou logo a seguir ao Irão a neutralidade do Kremlin, de acordo com fontes da Embaixada iraniana na capital soviética.

Moscovo tem tentado restabelecer a cooperação económica com o Irão e enviou uma importante delegação a Teerão o mês passado.

Para além de não favorecer o Irão ou o Iraque, a União Soviética enfrenta também bastantes dores de cabeça diplomáticas no Médio Oriente. O seu principal aliado, a Síria, apoia o Irão, mas Moscovo não pode arriscar-se a desagradar à grande maioria dos Estados árabes que apoia o Iraque.

Os Estados Unidos, pelo seu lado, têm sido acusados com frequência da continuação de um conflito que está a arruinar dois potenciais inimigos do seu aliado Israel.

O vice-primeiro-ministro iraquiano Taha Yassin Ramadan disse este mês ao «New York Times» que o Iraque tinha perdido o seu porto petrolífero de Fao para o Irão, o ano passado, por Washington lhe ter dado informações erradas minimizando a extensão do ataque iraniano.

Críticos internos, contudo, acusam a administração Reagan mais de negligência do que de má vontade relativamente à sua política do Golfo, e afirmam que o escândalo da venda de armas ao Irão não trouxe simpatia do público para o lado do Iraque. Washington restabeleceu relações diplomáticas com o Iraque em 1984 mas não com o Irão.

«Tanto no departamento de Estado como no Pentágono, funcionários admitem que os Estados Unidos não têm planos de contingência para evitar a vitória de Khomeini», escreveu o perito em questões do Médio Oriente, Milton Viorst, na última edição da revista norte-americana «Foreign Affairs».

«Admitindo a gravidade da ameaça», afirma que os secretários de Estado e da Defesa «não têm sido capazes de apresentar ao Presidente propostas políticas sérias».

A maioria dos diplomatas na Europa acreditam que ambas as superpotências são sinceras ao afirmarem que gostariam que a guerra terminasse rapidamente, com a situação no terreno o mais próxima possível do que era antes do início das hostilidades.

Os iranianos prosseguem a sua ofensiva contra Bassorá, a segunda cidade iraquiana.

24 HORAS

Desacordo entre Shultz e Tambo

O presidente do Congresso Nacional Africano, Oliver Tambo, e o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, não chegaram a acordo sobre como acabar com o apartheid nas conversações que tiveram quarta-feira em Washington. O encontro, que decorreu durante 50 minutos no Departamento de Estado, foi o de mais alto nível alguma vez realizado oficialmente entre Tambo e oficiais governamentais norte-americanos.

Trinta e três mortos no Sri-Lank

Comandos da polícia do Sri Lanka tomaram instalações do grupo separatista «Os Tigres» numa operação militar em que morreram 33 pessoas, anunciou hoje um porta-voz governamental. Este informador disse à Reuter que 21 membros do grupo morreram quando os comandos transportados de helicóptero cercaram o campo rebelde. Nove comandos morreram no começo do assaolto e três outros durante o combate.

Bíblia assinada por Reagan

O presidente do parlamento iraniano Ali Rafsanjani mostrou ontem a jornalistas uma Bíblia assinada por Ronald Reagan. Rafsanjani declarou em conferência de imprensa que Reagan enviou o livro aos líderes do Irão numa acção de boa fé e no decorrer das iniciativas secretas de melhoramento de relações entre os dois países.

Investigação parlamentar na Suécia

O primeiro-ministro sueco, Ingvar Carlsson, anunciou ontem um inquérito parlamentar à morte do seu antecessor Olof Palme, por entre rumores não confirmados de que os responsáveis pela investigação seriam substituídos. Os líderes da oposição exigiram a concretização do inquérito depois de terem surgido desavenças entre um alto funcionário policial e os procuradores da República nomeados para o caso.

Armas nucleares nas Canárias

Fontes oficiais norte-americanas desmentiram ontem uma informação veiculada pelos «Verdes» alemães-federais, segunda a qual Washington tencionava colocar nas ilhas Canárias armas nucleares de médio alcance apontadas para alvos militares de África, nomeadamente a Líbia. O porta-voz dos Verdes afirmara que o governo espanhol estava informado acerca deste plano, mas mantinha-o em segredo.

Conversações NATO-Pacto de Varsóvia

A NATO e o Pacto de Varsóvia retomaram hoje as conversações sobre a redução de forças convencionais na Europa Central. Esta série de negociações, que começou em 1973, é a mais longa das relações Este-Oeste e ambas as partes estão de acordo em as substituir por algo de novo. As 19 nações envolvidas na negociação não chegaram ainda a acordo sobre a maneira de controlar a redução de tropas e garantir que essa redução tenha caracter permanente.

Julgamento de Abdallah em Paris

Georges Ibrahim Abdallah vai ser julgado por um Tribunal especial para casos de terrorismo pelo seu envolvimento nas mortes de um israelita e de um norte-americano em 1982, decidiu ontem o Troibunal de Apelação de Paris. A libertação de Abdallah é exigida pelos grupos que reivindicaram os atentados bombistas de Paris em setembro passado.

ão

cano disse, a este respeito, não ter comentários a fazer acerca das declarações de Marcos de que tinha sido impedido de sair do Hawai por funcionários norte-americanos. O deposto presidente das Filipinas declarara que tinha recebido, quarta-feira á noite, uma visita de funcionários norte-americanos que lhe ordenaram que não deixasse o Hawai.

O governo de Manila afirmou que os seus diplomatas no Hawai tiveram conhecimento do plano de Marcos com a ajuda das autoridades norte-americanas.

Ténis: "ranking" mundial

Becker: ele já sabe tudo

O checoslovaco Ivan Lendl continua no primeiro lugar do «raking» mundial dos tenistas profissionais, seguido do alemão-federal, Boris Becker.

O sueco Stefan Edbger subiu ao 3.º lugar do «ranking», substituindo o seu compatriota Mats Wilander, depois da vitória de domingo na final de singulares do «open» da Austrália.

Oito dos dez melhores tenistas do mundo são da Europa, embora dois deles, Ivan Lendl e Yannick Noah, residam nos Estados Unidos.

O norte-americano John McEnroe, antigo melhor do mundo, está agora na 15.ª posição do «ranking».

Os dez primeiros do mundo são: 1.º, Ivan Lendl (Checoslováquia; 2.º, Boris Becker, Alemanha Federal; 3.º, Stefan Edberg, Suécia; 4.º, Mats Wilander, Suécia; 5.º, Yannick Noah, França; 6.º, Henri Leconte, França; 7.º, Joakim Nystrom, Suécia; 8.º, Jimmy Connors, EUA; 9.º, Miloslav Mecir, Checoslováquia e 10.º, Andres Gomez, Equador.

Informação COMERCIAL

AVISO

Leilão

A CP informa

Em 02 de Fevereiro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de todos os volumes abandonados e que não tenham sido reclamados pelos donos.
De entre as remessas a leiloar encontram-se nomeadamente as seguintes:

Transportadas em regime de 50 kg (T8/108) e de Detalhe

N.os 1367, 3730, 4344, 4508, 4785, 68200, 6560, 7186, 7516, 8072, 8201, 10345, 11562, 10358, 10493, 14725, 16770, 512, 18710, 22916, 26654, 28820, 29462, 30973, 41491, 42515, 18955, 52868, 63439, 9084, 83066, 1946, 21843, 1600, 13967, 3720, 4055, 4225, 4231, 29012, 8404, 8984, 9008, 9017, 9670, 15995, 17923, 53799, 18161, 17175, 89179, 15179, 28215, 92227, 45149, 24400, 92401, 52451, 18461, 13645, 14769, 14876, 16986, 19886.

Lisboa 12 de Janeiro de 1987.

Caminhos de Ferro Portugueses

Eleições à porta

MARCEL DE ALMEIDA: MODERADO IRÁ COMANDAR O BENFICA?

Tal como acontece em relação a outros grandes clubes, com o aproximar da data em que os associados do Sport Lisboa e Benfica serão chamados a eleger os órgãos sociais para dirigir os destinos da prestigiosa colectividade, começam a surgir alguns dos eventuais candidatos ao lugar de «condutor do executivo», fazendo as promessas que bem sabem fincar-se nos desejos dos seus consócios.

Felizmente, ainda não vimos nenhum dos (prováveis) candidatos ao lugar cimeiro da hierarquia da gerência benfiquista prometer a «compra» de Maradona ou Platini, talvez porque toda a gente sabe que o dia 1 de Abril vem longe: mas, já foram anunciados certos propósitos que muitos reconhecem serem meras promessas destinadas a eventuais colegas de emblema com as quotas em dia e direito a voto.

Louvável se nos afigura a posição do dr. Marcel de Almeida e do seu elenco (que integra figuras de elevada relevância na vida da colectividade e do desporto nacional) ao manter-se silencioso quanto ao «programa eleitoral»; aquele conhecido homem de negócios, ciente das responsabilidades empresariais que o «requisitam» num dia na Austrália e no imediato no Canadá, tem plena consciência de que o cargo de líder da direcção dum clube com a projecção e a natural ambição internacional do SLB não se compadece com muitas outras actividades e, por essa razão, sabemos de fonte próxima do seu «Gabinete de Apoio» de que apenas se candidatará caso venha a conciliar a vida empresarial por forma a manter disponibilidade de tempo para se dedicar à gestão do clube.

Entretanto, existe grande movimentação de associados do Benfica junto daquele empresário, no sentido de formar uma lista a submeter ao sufrágio eleitoral: e sabemos (também) que os apoiantes se recusam a qualquer tipo de alianças com outros possíveis candidatos, já que **os objectivos em mira se fincam num propósito que considera prejudicial aos interesses da colectividade.**

Marcel de Almeida: o «sim» a qualquer momento

Foi-nos dito, igualmente que, há prestigiosos associados do símbolo que um dia Cosme Damião e mais amigos fundaram (e que teve ao seu «leme» figuras como Manuel Conceição Afonso, Joaquim Ferreira Bogalho, Maurício Vieira de Brito, Ferreira Queimado e Duarte Borges Coutinho, que tanto dignificaram o clube e sempre mantiveram as melhores relações com a Imprensa) a apoiarem a candidatura de Marcel de Almeida: dr. juiz Adriano Afonso, Gaspar Ramos, Gilberto Cardoso, brigadeiro Rodrigues de Carvalho, Ilídio Trindade e José Gomes Machado, são algumas das figuras que rodeiam Marcel de Almeida e mais têm insistido para a apresentação da sua candidatura à cadeira principal do gabinete das grandes decisões benfiquistas.

Entretanto, outros nomes surgem na corrida: Cavaleiro Madeira (já confirmado) e Fernando Martins (a anunciar no sábado). Uma campanha que se afigura concorrida e (simultaneamente) saudável, pelo que reflecte de interesse pela vida benfiquista.

CEE obriga a livre circulação de jogadores dos Estados membros

A Comissão Europeia decidiu encarregar o vice-presidente Manuel Marin de contactar as Federações nacionais de futebol e os representantes dos Estados membros, para proceder à elaboração de regras para o direito de livre circulação de jogadores. A decisão, tomada na reunião do executivo comunitário, destina-se a pôr progressivamente termo a uma situação contrária ao Tratado de Roma, que já foi (em 1976) alvo de uma condenação por parte do Tribunal de Justiça da CEE.

Segundo o órgão jurídico supremo da Comunidade Europeia, os futebolistas profissionais, quer se trate de assalariados ou de independentes, devem beneficiar do direito de livre circulação previsto pelo Tratado de Roma. **«Eles devem poder»** (refere a decisão do tribunal da CEE) **«exercer a sua profissão em qualquer Estado membro, se são alvo de propostas da parte dos clubes».**

A Comissão Europeia recorda que a legislação aplicada em dez dos doze Estados membros da Comunidade (à excepção da Irlanda e do Luxemburgo) limita a dois (3 na Bélgica) o número de jogadores estrangeiros que podem alinhar durante os jogos oficiais dos respectivos campeonatos nacionais.

O comissário Manuel Marin (responsável pelo sector de Segurança Social) vai reunir-se com responsáveis dos Estados membros e das Federações nacionais, sendo apresentado dentro de seis meses um relatório com as soluções e o calendário que permitirão progressivamente estabelecer a livre circulação dos jogadores profissionais de futebol dentro da CEE.

EM)Ao mesmo tempo, um profundo estudo jurídico do problema (assim como das consequências económicas e sociais resultantes da alteração da actual situação) será efectuado pelos serviços da Comissão Europeia.

Manuel Marin referiu, durante uma Conferência de Imprensa, que as consequências económicas e sociais que resultarão da entrada em vigor da livre circulação dos futebolistas tinham sido tomadas em linha de conta pela Comissão, que pretende, através do diálogo, proceder a uma alteração progressiva do actual regime que não afecte o curso regular das competições de futebol.

A posição da Comissão Europeia, que deseja alargar o direito de livre circulação dos futebolistas a outras modalidades, constitui um primeiro passo no sentido de obter a aplicação normal do direito comunitário nos doze Estados membros. O executivo não exclui (em caso de fracasso) a abertura de procedimentos jurídicos contra os Estados membros que não apliquem no futuro o direito comunitário em relação à livre circulação dos futebolistas profissionais. Interrogado sobre a particularidade do caso português e espanhol (os dois Estados membros que apenas aplicarão a livre circulação dos trabalhadores em 1992), o comissário Marin referiu que o importante (actualmente) é **«desbloquear a situação».**

"A Bola": parabéns!

Festa grande para todo o jornalismo português: o nosso colega «A Bola» entra hoje no 43.º ano de vida. Fundado (a 29 de Janeiro de 1945) por homens de alta envergadura (Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo) foi, paulatinamente, subindo a pulso todos os degraus até se tornar em órgão altamente especializado, trabalhado por profissionais de estirpe, formando e informando o leitor e ganhando asas para transpor fronteiras e implantar-se internacionalmente. A todos quantos labutam em «A Bola», o abraço fraterno do punhado de clientes fiéis que moram aqui, no «DL».

Hóquei em patins: "Supertaça" fica morando nas Antas

O FC Porto é o vencedor da «Super Taça» Europeia de Hóquei em Patins, apesar de derrotado por 4-3 pela Sanjoanense, no recinto deste clube. No jogo da 1.ª «mão» (no Pavilhão das Antas) o FC Porto derrotara a Sanjoanense (9-3) pelo que no conjunto das duas «mãos» o balanço final é favorável aos portistas por 12-7.

A «Super-Taça» europeia de hóquei em patins disputa-se desde a temporada de 1978/79 e nas seis edições anteriores foi sempre conquistada pelo Barcelona, Na competição desta temporada defrontam-se o campeão europeu da modalidade, (FC Porto) e o vencedor da «Taça das Taças» (Sanjoanense).

No encontro de ontem arbitrado pelo juiz espanhol Larios, as equipas alinharam: (Sanjoanense: Reis, Lima, Garrido, Licínio, Pinheiro, Gil e Rui Conceição.

FC Porto: Franklin, Realista, Alves, Vítor Hugo, Vítor Bruno, Tó Neves e Domingos Carvalho.

Golos da Sanjoanense: Lima (aos 4 minutos) e Lícinio (11, 14 e 26). Golos do FC Porto: Vítor Bruno (7 e 16) e Realista (24).

Vitória justa da Sanjoanense, com uma grande exibição do guarda-redes portista Franklin, que defendeu cerca de uma dezena de remates com selo de golo. Também muito boa foi a exibição do árbitro espanhol Larios que não mostrou um único cartão amarelo num jogo bastante competitivo.

Modalidades

Andebol: nacional

O Belenenses venceu o Sporting (em Alvalade) por 22-21, no jogo em atraso da 1.ª jornada da 2.ª volta do campeonato nacional de andebol da divisão principal. Após este encontro, o Académico de Braga lidera a classificação (com 43 pontos), seguido do Sporting (38), do Benfica (37), do Belenenses (também com 37) e estando em 5.º lugar o FC Porto (35). Seguem-se o Salgueiros (33 pontos), o Clube TAP (32), o Boa-Hora (25), o Vitória de Setúbal (24), o S. Mamede (24), a Sanjoanense (17) e último lugar o Académico do Porto (15 pontos).

Tiro com arco no Lisboa Ginásio

No próximo dia 1 de Fevereiro, o Lisboa Ginásio Clube leva a efeito, nas suas instalações, o II Torneio Neolux de Tiro ao Arco, destinado aos 16 melhores atiradores nacionais do ano transacto. Organizado pela secção de tiro com arco com o total apoio da Neolux, o referido torneio terá início pelas 9 horas, terminando cerca das 13, com a realização de um almoço-convívio com a presença de todos os participantes, no qual serão entregues os prémios respectivos.

Ciclismo: «Órgãos da Comunicação Social

Organizada pela Associação de Ciclismo do Sul (e destinada ás categorias de seniores e profissionais) realiza-se, no próximo dia 8 de Fevereiro, a prova denominada «Órgãos da Comunicação Social», com partida no Marquês de Pombal e chegada a Odrinhas.

Ténis em Tavira

Organizado pelo Clube de Ténis de Tavira, vai realizar-se, nos próximos dias 7, 8, 14 e 15 de Fevereiro, um torneio de ténis, que assinalará o 1.º aniversário da fundação da colectividade que tem sede (provisória) na Rua 25 de Abril, 5-1.º, naquela cidade algarvia. O torneio terá o patrocínio da Câmara Municipal de Tavira, estabelecimentos Mealha e a Eurotel / Quinta das Oliveiras.

BURKINSHAW FIRME NO SPORTING

● *Fernando Mendes será o adjunto do técnico britânico?*

Tal como se esperava, o treinador inglês Keith Burkinshaw e a direcção do Sporting chegaram a acordo para um compromisso de dois anos e meio que o presidente «leonino» prometeu fazer cumprir: **«já esta época tudo fizemos para manter o técnico, mas não foi possível. Estamos certos que, durante o nosso mandato, dificilmente se repetirá uma situação destas de ruptura»** garantiu o presidente sportinguista dr. Amado de Freitas, após a conclusão do acordo com o técnico britânico.

Radisic e Burkinshaw: diálogo em Alvalade

Burkinshaw e a direcção do Sporting (representada pelo presidente dr. Amado de Freitas e por Paulo Abreu, director para as relações públicas) ultimaram o acordo no Estádio de Alvalade e assinam hoje o respectivo contrato. O técnico parte amanhã de manhã para Inglaterra e regressa a Lisboa a 16 de Fevereiro, para tomar conta da equipa profissional «verde e branca». **«Estou muito contente por ficar num dos maiores clubes da Europa»** declarou Burkinshaw, no final da reunião, e mostrou-se surpreendido **«com a grandeza do Sporting»** cujas instalações visitou desde a sua chegada a Portugal, no passado sábado. O antigo treinador do Tottenham revelou-se também impressionado com o acolhimento prestado por todos os funcionários e adeptos do clube o que (segundo afirmou) **«pesou na decisão de assinar pelo Sporting»**.

«Vim encontrar uma grande paixão pelo clube e pelo futebol. Espero apenas contribuir para muitos êxitos da equipa. O único problema é que, em futebol, surgem questões que impedem esse sucesso» acrescentou Burkinshaw. Sobre os futuros planos de trabalho, o inglês declarou **«ser pouco correcto abordar de imediato a equipa e os seus jogadores, numa definição clara do que virá a ser o seu futebol, mas a minha vontade (para já) é começar a vencer todos os jogos»**.

Burkinshaw e a direcção «leonina» mostraram-se de acordo em relação às condições financeiras, cujos pormenores nenhuma das partes quis divulgar, mas que consideraram **«boas e no interesse de ambos»**.

O dr. Amado de Freitas manifestou-se satisfeito com o resultado das conversações, acrescentando que **«o processo adoptado, apesar de não ser muito habitual, ajudou a direcção a conhecer-se melhor mutuamente. Espero (agora) que seja chegado o momento de as coisas começarem a melhorar: e, para isso, contamos com o apoio dos nossos associados»** afirmou, acrescentando que o acordo com o técnico britânico **«é acessível às nossas posses. Não cometemos loucuras»**.

Entretanto, o Sporting estuda alguns nomes com capacidade para poderem actuar ao lado de Burkinshaw, na função de adjunto do técnico, sendo imprescindível o bom domínio da língua inglesa e um «palmarés» como credencial: e a figura mais desejada entre os adeptos e dirigentes leoninos parece ser Fernando Mendes, antigo e grande jogador «internacional» que desempenhou durante muito tempo o cargo de «capitão» da turma verde-branca, obteve (como técnico) um título nacional para o clube de Alvalade e fala fluentemente o inglês, especialmente depois do seu trabalho na África do Sul.

Açores: desporto e autarquia

A Direcção Regional de Educação Física e Desportos dos Açores promove amanhã um seminário sobre o tema «Desporto e autarquia». Durante o encontro serão abordados temas como «A política desportiva regional e municipal» e o «Papel das autarquias no desenvolvimento desportivo».

Andam chicotes no ar

Neves de Sousa

E vão sete: Dinis Vital (Farense), Mário Reis (Rio Ave), Stefan Lundin (Marítimo), João Alves (Boavista), Manuel José (Sporting), Carlos Cardoso (Elvas) e Humberto Coelho (Sporting de Braga). Ainda não se avista a luz ao fundo do túnel e é isto que se constata: o chicote abatendo-se sobre os treinadores, sempre colocados no fio da navalha de cada vez que o guarda-redes das suas cores oferece à plateia galináceo do tamanho do zimbório da Estrela ou o descalibrado ponta-de-lança (pago por milhões) chuta para os céus um bolinha que até o meu neto (de cócoras e fralda) empurrava para o viveiro.

É a triste sina dos técnicos de futebol, desde que a alt competição envolveu o desporto e tomou de arraiais o mais be jogo de conjunto que se pratica no mundo. Milhões estão em disputa no palco. Equipa que, por qualquer razão (abstracta o concreta), não logra êxitos, logo encontra culpados: treinad em primeira análise. Mas, depois, quem foi o réu de uma situação difícil, de um jogo perdido, de um duelo em que as cores favoritas saem batidas? Exactamente: a responsabilidade pertence ao jornalista, ao radialista, ao funcionário—TV que só filmou o «penalty» a favor dos contrários e, por acaso, estava a fumar quando aconteceu aquela enorme falta na grande área contrária.

Por enquanto, quem está mais à mão de semear é o treinador: fica mais barato a qualquer clube dar um pontapé no traseiro do «mister» que refundir a equipa e chutar para longe os «barretes» que acolheu à sombra da sua tesourari Mas chegará o dia (creio, mesmo que já bate à porta) em ue os dirigentes dos clubes mais cotados não estarão com meias-medidas: e, proibindo a publicidade dos seus associados nos órgãos de comunicação em que labutem jornalistas íntegros e honestos, forcem as gerências jornalísticas a enviar, para relatos e comentários, apenas servidores atentos e obrigados aos emblemas todos-poderosos.

Porém, até lá, as nossas costas ainda vão folgando. Na rocha, quem se vai tramando são os treinadores. Ganham muito? Ora bem: quantos mortais estão dispostos a oferecer a cara para sucessivas bofetadas? Pelo menos, comigo não contem.

Microscópio

Golfe: calendário do «Oporto»

A «Nixdorf Gold Cup», o principal torneio de golfe amador realizado em Portugal e o terceiro mais antigo da Europa, constitui uma das realizações de maior significado da época de 1987, do Oporto Golf Club, cujo calendário foi agora tornado público.

O Oporto Golf Club, fundado em 1890, tem a sua sede em Silvalde, próximo de Espinho, e é também o segundo mais antigo clube da modalidade na Europa continental.

O calendário de realizações do Oporto Golf para 1987 integra um total de 33 provas, destacando-se ainda de entre elas a Taça Delaforce, que terá lugar de 14 a 29 de Março próximo e que vai incluir um «show» dos profissionais britânicos Noel Hunt e John O'Leary.

De 30 de Abril a 3 de Maio o Oporto Golf Club realiza o campeonato nacional da modalidade, por categorias, e em 6 e 7 de Junho o torneio John Walker, cujos vencedores serão convidados a participar no Open John Walker, do Luxemburgo, que terá lugar no mesmo mês de Junho.

Colectividades

Mirantense F. Clube: assembleia geral

Para discussão e votação do projecto de novos estatutos, eleição de sócios de mérito e resolução do «caso respeitante às placas retiradas», os associados do Mirantense Futebol Clube vão reunir-se amanhã em assembleia geral na sua sede social (Rua Vale de Santo António, 15 - Lisboa) pelas 20 e 30.

Futebol feminino: Carcavelos domina em toda a linha

Aproxima-se do fim mais um campeonato distrital de futebol feminino de Lisboa. Realizou-se a 10.ª jornada que apurou os seguintes resultados: Tenente Valdez, 2 - Odivelas, 1; Carcavelos, 3 - Académico de Alvalade, 1 e Vialonga, 1 - ISEF, 1.

O Tenente Valdez deu um passo em frente para conseguir o apuramento para a Taça Nacional. De facto, ao vencer em casa o vizinho Odivelas, a equipa da Paiã subiu ao 2.º posto da geral e apresenta-se agora como uma das grandes candidatas à entrada na competição nacional. O jogo não foi totalmente fácil registando-se alguns «casos». Num momento controversa equipa do Tenente Valdez viria a obter o golo da vitória: lance que deixou muitas dúvidas por suposto fora de jogo da marcadora, que o fiscal de linha (repescado entre a assistência, visto que, mais uma vez, nem toda a equipa de arbitragem nomeada compareceu), sancionou como válido.

Por sua vez, o estreante Vialonga empatou em casa, com o ISEF, que vinha de uma inesperada vitória sobre o Costa do Estoril, outro dos candidatos à Taça Nacional.

No encontro mais importante desta ronda, o Carcavelos (actual guia isolado), recebia o campeão do ano anterior (Académico de Alvalade). Numa campo bastante pesado, face à chuva caída no fim-de-semana, o nível do futebol praticado não foi famoso. A partida iniciou-se praticamente com o 1.º golo dos comandantes deste distrital, a aproveitar uma má repsição da bola em jogo pela guarda-redes visitante. Pensou-se que o Carcavelos poderia embalar para um sucesso fácil, mas tal não aconteceu, mais por culpa própria que por mérito do adversário.

Complicando muito o jogo na zona central do campo, utilizando poucas vezes o passe longo, a equipa da «linha» não criou uma só oportunidade digna de registo, até que uma defen. do seu «team» fez falta dentro da área de rigor, que o árbitro prontamente assinalou e que o capitão das ainda campeãs de Lisboa converteu, estabelecendo o empate. Praticamente a seguir, a mesma jogadora teve outro golo nos seus pés mas Luísa saiu muito bem e negou o tento à equipa visitante. Até final da 1.ª parte, o Carcavelos foi a equipa que mais dominou mas sem qualquer resultado prático.

No tempo complementar, surgiu um Carcavelos diferente. Mais agressivo a atacar e a defender, cedo a equipa da casa fez funcionar o marcador. Foi no seguimento da marcação de um livre apontado por M.ª João Neves de Sousa, de forma excelente, para a entrada da pequena área, onde apareceu Ana Torres que, num excelente golpe de cabeça, levou o esférico ao fundo das redes visitantes.

A partir daqui, esperar-se-ia a reacção da equipa visitante: mas tal não veio a acontecer. O jogo foi-se arrastando, com domínio territorial da equipa visitada, quebrado aqui e acolá por contra-ataques do Académico de Alvalade sem grande perigo. Num destes viriam, no entanto, a marcar um golo que o árbitro anulou por indicação do seu auxiliar, a assinalar falta à jogadora atacante.

Pouco depois, o Carcavelos obteria o seu 3.º tento, no seguimento de um livre indirecto marcado já dentro da grande área e no qual Ana Maria desferiu excelente pontapé que «fuzilou» a guarda-redes adversária. Até final da partida, o Carcavelos manteve-se sempre no comando das operações mas o resultado manteve-se inalterável.

Sob a direcção de António Bastos, coadjuvado por Aníbal Montoso e Luís Correia, as equipas alinharam:

CARCAVELOS: Luísa; M.ª João Neves de Sousa, Céu, Tina Lagoas (cap.) e Elsa; Beca (Lena Machado, 52), Graça, Ana Banha e Isabel; Ana Maria e Ana Torres. Suplentes não utilizadas: Lena Costa, Paula Jordão e Fani. Treinador: prof. Nuno Cristóvão de Almeida.

ACADÉMICO DE ALVALADE: Paula Lopes; Paula Fernandes, Ju, Lena Silva e Cristina Melo; Graça (cap.), Tina, Xana, Cris e Paulinha (Beta, 52); Fátima Albuquerque (Paula Letra, 57). Suplentes não utilizadas: P. Rodrigues e Guerra. Auxiliar técnico: Orlando.

Marcadoras: Ana Maria (5 e 59) e Ana Torres (38) pelo Carcavelos e Graça (18) de «penalty» pelo Académico de Alvalade.

Cartão amarelo para Beca (do Carcavelos) aos 25 minutos; Paula Letra (61), Lena Silva (62) e Graça (70) e vermelho para Lena Silva (70), do Académico de Alvalade.

Após esta jornada a classificação encontra-se assim ordenada:

	J	V	E	D	G	P
Carcavelos ..	8	6	2	-	22- 5	14
Ten. Valdez	9	4	3	2	19-14	11
Odivelas	9	4	3	2	16-13	11
Ac. Alvalade	9	4	1	4	31-14	9
C. Estoril ...	8	3	2	3	8- 7	8
ISEF	8	2	1	6	12-17	5
Vialonga	9	-	2	7	6-41	2

Antecipação ao campeonato nacional

HOJE: SPORTING-ACADÉMICA

Alder Dante (Santarém) é o árbitro do jogo Sporting-Académica de Coimbra (para o campeonato nacional) que foi antecipado para hoje (21 horas) no Estádio de Alvalade. Equipas prováveis:

Sporting: Damas; Virgílio, Venâncio, Morato e Mário Jorge; Oceano; Manuel Fernandes, Zinho e Litos; Houtman e Meade.

Académica: Vítor Nóvoa: Tomás; Porfírio, Carlos Xavier e Germano; Marito, Mito, Quinito e Flávio; Barry e Mounsif.

Manuel José entrou bem no Braga

Manuel José estreou-se com uma vitória (embora em reservas) à frente do futebol do Sporting de Braga. A equipa reservista do clube foi a Guimarães bater o Vitória local por 1-0 (golo de Saucedo, aos 89 minutos) em jogo a contar para a Taça de Honra de reservas da Associação de Futebol de Braga.

Manuel José que (tal como ontem noticiámos) rendeu Humberto Coelho como técnico do Braga, assinando um contrato de três anos e meio, acompanhou a equipa a Guimarães.

O ex-treinador do Sporting falou ao «plantel» da sua nova equipa, afirmando que **matematicamente o Braga está na 2.ª Divisão,** mas acrescentando que **com ânimo e o esforço de todos a equipa vai recuperar.**

O contrato por mais três épocas (afirmou Manuel José) significa o seu propósito de fazer um **trabalho em profundidade,** para construiir uma equipa que venha a ter um lugar na Europa. Entretanto, o dirigente Nuno Cunha regressou ao seu lugar de chefe do Departamento de Futebol do Clube, concretizada a rescisão amigável entre a direcção bracarense e o ex-«internacional» benfiquista Humberto Coelho. Os adjuntos de Manuel José são Valdemar Custódio (que o acompanhou em Portimão e em Alvalade) e José Abrantes (antigo jogador bracarense, que já desempenhava idêntico lugar na equipa de Humberto Coelho). O preparador físico Rui Oliveira também regressou a Lisboa, não aceitando as propostas para continuar em Braga.

Chalana voltou

Bela notícia: Chalana já jogou. Com a camisola do Bordéus, actuou durante 90 minutos perante o Burgos, no Estádio espanhol do Plantiuo, e teve (especialmente nos primeiros 45 minutos) bela actuação. Eis como alinhou a turma francesa: Dropsy; Zoran, Vujovic, Lassagne, Gimenez e Girard; Tigana, Zladko Vujovic e Chalana; Bouldoncle, Touré e Ferrer (Lacombe). O único golo do encontro particular pertenceu a Emiliano (Burgos).

Bordéus no Porto com Chalana

O Bordéus (de Chalana) vai realizar um encontro particular em Portugal, com o FC Porto, no próximo dia 3 de Fevereiro. O encontro entre o vencedor da «Taça» francesa (em cujo «plantel» se integrará Fernando Chalana) e o bicampeão nacional português realiza-se no Estádio das Antas, às 21 horas. **O «cachet» que o clube francês costuma cobrar foi significativamnte reduzido para este jogo, pois foi tida em conta a contribuição decisiva do FC do Porto, para a recuperação de Chalana,** declara Pinto da Costa, presidente portista.

Juniores: nacional

O Sporting de Braga venceu o Vianense por 2-0, no jogo em atraso da 16.ª jornada da 1.ª fase do campeonato nacional de futebol em juniores. O encontro disputou-se no Campo da Ponte (Braga), e contou para a série «A», da zona norte do torneio.

Futebol juvenil: FC Porto vence Celta

O FC do Porto venceu o Celta de Vigo, na cidade galega, por 3-0, no jogo particular de futebol em juvenis. O encontro integrou-se nas comemorações da semana da geminação entre as cidades de Porto e Vigo e, num primeiro encontro (disputado em Outubro, no Porto) entre as duas equipas, o clube das Antas vencera por 2-1.

Espanha: «Taça do rei»

O Barcelona, actual líder do campeonato espanhol de futebol da 1.ª divisão, foi derrotado no seu campo pelo Osasuna (0-1) em jogo da 1.ª «mão» dos oitavos-de-final da «Taça do Rei». Para além da surpreendente derrota (em casa) do Barcelona, esta 1.ª «mão» teve outro resultado inesperado: a pouco expressiva vitória (apenas 1-0) conseguida no seu estádio pelo Atlético de Madrid frente ao Real Madrid (da 3.ª divisão, filial do famoso Real Madrid), que, por sua vez, empatou fora com o Cádis (0-0).

Resultados gerais: Atlético de Madrid - Real Madrid (3.ª divisão, 1-0); Bétis - Logrones, 0-0; Eibar - Real Sociedad, 0-2; Cádis - Real Madrid, 0-0; Atlético de Maiorca - Eldense, 3-1; Barcelona - Osasuna, 0-1; Langreo - Atlético de Bilbau, 0-1 e Saragoça - Maiorca (realiza-se hoje).

Taça de Inglaterra

O Luton Town eliminou o Liverpool da «Taça de Inglaterra», ao vencer por 3-0 o segundo jogo de desempate entre as duas equipas, a contar para a 3.ª eliminatória do torneio. Com este triunfo o Luton ficou apurado para a 4.ª eliminatória, na qual defrontará o Queens Park Rangers.

Também em segundo jogo de desempate o Stoke City goleou, o Grimsby Town (6-0) e passou à 4.ª eliminatória, em que terá como adversário o Cardiff.

Brondby prepara-se para as Antas

A equipa dinamarquesa do Brondby, adversária do FC Porto nos quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus de Futebol, vai efectuar a sua preparação através de uma série de encontros com equipas estrangeiras.

O Brondby jogará com o Rabat estando ainda previsto um segundo jogo com uma equipa local no âmbito da visita da equipa da Dinamarca a Marrocos. Irá ainda defrontar uma equipa local da cidade sueca de Malmoe num estádio climatizado, a 19 de Fevereiro.

ÁLVARO: "ARREPENDIDO" DE SALTILLO VOLTA À SELECÇÃO

Estão definidas quatro selecções de futebol que vão entrar em acção. Nomes para os juniores: Atlético — Rui Lopes; Farense — Ivo; Quimigal — Nuno; Lusitano de Vila Real — Paulo Sérgio; Sporting de Espinho — Pereira; Vitória de Guimarães — Baptista e Artur Jorge; Benfica — Rebelo, Vilela, Passos, Sérgio e João Pires; Sporting — Nelson, Paulo Torres, Rosário, Bilro, Hélio e Vicente; Futebol Clube do Porto — Viseu, Peixoto, Barbosa Folha e José Manuel; Boavista — João Pinto; Vilananense — Joca; Caldas — Sabino; e Varzim — Paulo Oliveira.

Para os «teams» superiores: Benfca — Álvaro, Veloso, Nunes e Dito (selecção A) e José Carlos, Samuel e Rui Pedro (Esperanças); Belenenses — Jaime (A) e Artur (Olímpicos); Boavista — Coelho (A), Parente (Esperanças e Olímpicos) e Barry e Caetano (Esperanças); Chaves — Jorge Plácido (A) e Júlio Sérgio (Esperanças); Futebol Clube do Porto — Zé Beto, Eduardo Luís, Quim e Frasco (A) e Semedo (Esperanças); Rio Ave — Juanico (Olímpicos) e Chico Faria (Esperanças); Sporting — Manuel Fernandes e Mário Jorge (A), Litos e Fernando Mendes (Esperanças) e Oceano (Olímpicos); Sporting de Braga — Carvalhal (Esperanças); Vitória de Guimarães — Jesus, Costeado, nascimento e Adão (A), Lopes (Esperanças) e Miguel (Olímpicos); Varzim — Lúcio (Olímpicos).

Heysel: dirigente belga incriminado

Albert Roosens, secretário-geral da Federação de Futebol da Bélgica, foi formalmente acusado de crime de homicídio involuntário no caso da tragédia do Estádio de Heysel, de Bruxelas, onde em Maio de 1985 morreram 39 pessoas e muitas outras ficaram feridas.

A informação sobre a acusação que impende sobre Roosens foi divulgada, em Bruxelas, pela agência noticiosa belga, que refere como fonte noticiosa uma nota do advogado defensor do presidente da Federação de Futebol do país.

A tragédia do Estádio de Heysel ocorreu aquando da final da Taça dos Clubes Campeões Europeus de Futebol, na sequência de confrontos entre adeptos das duas equipas que se defrontavam, o Liverpool e o Juventus.

Entretanto, a justiça belga já solicitou às autoridades judiciais britânicas a extradição de 26 adeptos do Liverpool, suspeitos de participarem nas desordens que deram origem ao saldo de vítimas atrás referido.

Angola: os melhores do ano

O basquetebolista Jean Jacques, do Primeiro de Agosto, e a nadadora Elsa Freire, do mesmo clube, foram eleitos os melhores desportistas angolanos de 1986, pelo que receberão o troféu «Torre de Ouro», instituído pela empresa nacional de combustíveis de Angola (Sonangol).

Jean Jacques e Elsa Freire foram eleitos numa votação em que participaram os jornalistas desportivos dos principais órgãos de informação de Angola, bem assim como um representante da Sonangol.

O troféu «Torre de Ouro», a ser entregue aos eleitos no dia 25 de Fevereiro próximo, mede 39 centímetros dealtura com uma base de mármore negro, sendo constituído por uma estátua simbolizando o homem ou a mulher desportista e por uma torre de petróleo em ouro, com 18 centímetros.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 05/87 DE 1 DE FEVEREIRO DE 1987

Penalti: 221 1X1 112 X2X1; Jornal de Amarante: 2X1 111 11X 1XX1; Jornal da Beira: 221 111 11X 1X21; Correio do Vouga: 221 111 111 11X1; A Defesa: 221 1XX 111 XX2X; Defesa de Espinho: 22X 112 111 22X2; Diário de Viseu: XX1 1X1 11X 1X1X; Folha do Domingo: 221 111 11X XX21; Ecos de Cacia: 221 111 112 X22X; Jornal de Felgueiras: 2X1 11X 11X 1XX1; Jornal do Fundão: 221 1XX 11X XXX1; Rádio Totobola: XX1 1X1 112 1XX1; Maria da onte: 221 111 112 1XX1; No Estúdio e no Estádio: 221 1XX 11X X2X1; Notícias de Felgueiras: 2X1 1X1 11X 1XX1; Notícias de Gouveia: XX1 11X 112 X22X; Notícias de Viseu: 2X1 111 112 XXXX; Informação Desportiva/Rádio Guarda: XX1 111 11X 12X1; Clube da Manhã/RDP Comercial: X21 1XX 1X2 X222; Manhã, Manhã/RDP Comercial: 2X1 1X1 112 X2X1; Secção Desportiva/RDP Comercial: 221 111 112 112X; Tempo de Desporto/RDP Comercial: X21 1X1 112 12X1; Boomerangue/RDP Centro: 2X1 11X 11X 112X; Programa da Manhã/RDP Centro: 2X1 111 X1X 1X22; Música com Elas/RDP Centro: 221 1XX 112 2X22; Fotogramas/RDP Centro: 2X1 11X X1X XX2X; Fora de Jogo/RDP Centro: 2X1 111 11X 22X2; Bola ao Centro/RDP Centro: 221 111 X12 2XX2;

Grande Sábado/RDP Centro: 221 111 11X X22X; Canal Mais/RDP Centro: 221 11X X1X 2X2X; Sintonia Desportiva/RDP Centro: 222 11X 21X X222; Jornal de Sintra: 221 11X 1X2 X2XX; A Voz do Domingo: X21 111 111 1111; Voz de Lamego: 221 11X 112 X212; Fim-de-Semana Desportivo/Rádio Guarda: 2X1 111 1X2 XX11; Desporto Regional/Rádio Altitude: 221 111 111 11X1; Panorama Desportivo/Rádio Guarda: 221 111 1XX 11XX; RDP/Rádio Guarda: 221 XX1 1XX 1XX1; Pista de Dança-/Rádio Altitude: 2X1 1X1 11X X22X; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: 221 1X1 11X X22X; Livre e Directo/RDP Antena 1: 2X1 1X1 112 X12X; Tarde Desportiva/RDP Antena 1: 2X1 111 11X 1XXX; Correio de Coimbra: 221 111 1X2 112X; Gazeta das Caldas: 221 111 11X XXXX; Linhas de Elvas: 221 X11 1XX 1111; O Mensageiro: 221 1X1 1X2 X22X; Notícias do Douro: 221 1X1 11X X121; Notícias de Guimarães: 221 111 112 1X21; Notícias de Viana: XX1 1X1 1X2 XX22; Reconquista: 221 111 11X 21X1; Rádio Sports: 221 11X 112 1222; Voz do Ave: 2XX 111 11X 1XX2; Gente Gira/RDP Antena 1/Porto: X12 11X 21X 11X2; O Algarve: XX1 11X 112 X22X; O Emigrante: 221 12X 112 X1X2; Eu Sei Tudo: 2X1 111 112 XXXX; Litoral: X21 111 112 121X; Notícias de Évora: 2X1 111 11X X12X; A Ordem: 2X1 111 112 X22X; Jornal de Santo Tirso: 221 111 11X X1X2; Comércio de Leixões: 221 111 11X 1XX2; De Tudo Um Pouco: 221 111 11X 1XXX; Jornal de Gaia: 2X1 11X 1X2 1XXX; Jornal da Graça: 221 1XX 212 X2X1; Jornal de Notícias: 2X1 111 11X XX2X; O Primeiro de Janeiro: 221 112 112 X2XX; Quadrante Norte: 2X1 111 11X 1X2X; Repórter do Dia: 221 1X1 11X X121; Resenha Desportiva; XX1 111 112 X22X; Alvo Desportivo: 211 111 11X 1XX1; Rádio Alvo: XX1 1X1 1X2 112X; Alvo: 211 111 111 1211; Alvo Suplemento: X11 1X1 1XX 1XX1; A Voz dos Ridículos: X21 111 11X 1X22; Rádio Placard: 221 11X 112 1121; Estúdio 64: 221 121 112 1X21.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Farense-Benfica	0	15	61	1	2	10
2. Marítimo-Guimarães	4	28	44	1	4	7
3. Porto-Rio Ave	72	2	2	10	1	1
4. Boavista-Elvas	74	2	0	11	1	1
5. Varzim-Chaves	53	21	2	8	3	1
6. Braga-Salgueiros	54	20	2	8	3	1
7. Sporting-Académica	69	4	3	10	1	1
8. Belenenses-Portimonense	64	12	0	10	2	1
9. Freamunde-Penafiel	6	37	33	1	6	5
10. Famalicão-Gil Vicente	36	34	6	6	5	1
11. Mangualde-Beira-Mar	17	33	26	3	5	4
12. Peniche-Covilhã	7	35	34	1	6	5
13. Santiago Cacém-Atlético	29	31	16	5	5	2

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
221 111 11X 1XXX

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec. Às 13 h.
	6	6	0,0 Nevoeiro
	10	10	0,0 Pouco Nub
	7	7	0,0 Nevoeiro
	10	9	0,0 Muito nub
	10	9	0,0 Encoberto
	12	12	0,0 Encoberto
	7	6	0,0 Aguaceiros
	11	10	0,0 Aguaceiros
	9	8	0,0 Neblina
	9	8	0,0 Encoberto
	14	12	0,0 Aguaceiros
	15	11	0,0 Chuva
	14	14	0,0 Pouco nub.
	17	14	0,0 Aguaceiros

sta para hoje: Lisboa 14, Porto 14, gada 16, Funchal 19.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

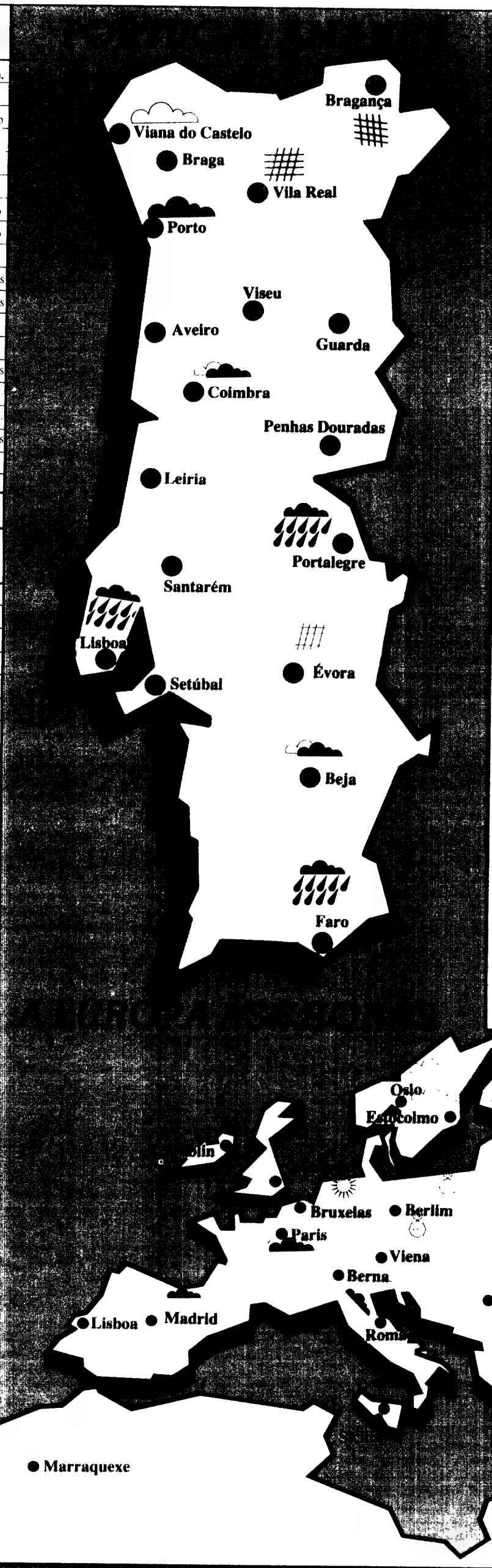
	T. 7 h	Min	Às 13 h.
	8	8	Muito nub.
	-2	-2	Neblina
	-1	-2	Muito nub
	-3	-	Limpo
	-2	-2	Pouco Nub.
	2	2	Neblina
	14	14	Muito nub
	-16	-18	Pouco Nub.
	-9	-11	Aguac. de N.
	-20	-20	Pouco nub.
	-8	-9	Neve
	-1	-2	Temp. de neve
	-18	-18	Pouco nub.
	11	11	Neblina
	-25	-25	Pouco nub

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
	14	24	Nublado
	15	27	Limpo
	14	22	Limpo
	-25	-11	Nublado
	7	24	Limpo
	-12	-3	Limpo
	21	31	Nublado
	10	14	Nublado
	19	26	Chuva
	3	12	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No continente:

Céu geralmente muito nublado, vento sul moderado soprando por vezes com rajadas. Períodos de chuva passando a partir do fim da manhã a aguaceiros que podem ser de neve na serra da Estrela.

Estado do mar:
Costa Ocidental: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação oeste de três a quatro metros.**
Costa Sul: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação sudoeste de dois a três metros.**

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento fresco a muito fresco de Noroeste com rajadas, rodando para Oeste no Grupo Ocidental e diminuindo. Períodos de chuva a aguaceiros.

Estado do mar: **Grosso a alteroso, tornando-se cavado a grosso. Ondulação Oeste de quatro a seis metros.**

Na Madeira:

Céu geralmente muito nublado. Vento forte a muito forte de Noroeste. Aguaceiros.

Estado do mar: **Mar cavado a grosso, tornando-se alteroso. Ondulação Noroeste de quatro a cinco metros na costa Norte e Sudoeste e de dois metros na costa Sul.**

AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado predominando do quadrante Norte. Aguaceiros fracos e pouco frequentes. Descida da temperatura.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
2.44	4,3 m	8.36	0,8 m
15.16	4,1 m	20.50	0,9 m

Amanhã

3.31	4,4 m	9.22	0,7 m
16.01	4,2 m	21.33	0,8 m

● Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

A VIDA PASSA

Carlos Porto

«O Jardim das Cerejas», de Anton Techekhov. Versão: João Lourenço/Vera San Payo Lemos. Encenação: João Lourenço. Dramaturgia: Vera San Payo Lemos. Cenografia: José Manuel Castanheira. Figurinos: Lídia Lemos. Música: Eduardo Paes Mamede. Marionetas: José Carlos Barros. Interpretação: Luís Santos, José Gomes, Isabel Ribas, Melim Teixeira, Natália Luísa, Carmen Dolores, Irene Cruz, Joaquim Rosa, Argentina Rocha, Amílcar Botica, José Pedro Gomes, Francisco Pestana, Adriano Luz, Teresa Pereira, Jorge Gonçalves, João Baião. Novo Grupo. Estreia: Teatro Aberto/26-1-1987.

Causou alguma confusão o facto da peça de Anton Techekbov (AT), agora estreada no Teatro Aberto, ter recebido nesta versão um título diferente daquele ou daqueles a que estamos habituados: **O Cerejal** ou **O Pomar das Cerejeiras,** este o título utilizado por Luzia Maria Martins na estreia da peça em Portugal. Essa confusão, a meu ver, não tem razão de ser.

Li há meses em qualquer parte que George Pitoeff, como se sabe um encenador russo que trabalhou em Paris, especialista em Tchekhov, teria dito já não sei a quem que o título desta peça devia conter obrigatoriamente a palavra jardim. Não teria sido por acaso, de resto, que ao contrário dos franceses e dos ingleses, Giorgio Strehler ter utilizado o título **Il giardino dei ciliegi.** Também um tradutor para o castelhano, numa versão directa do russo, traduziu **El jardin de los cerezos.** Parece-me pois correcta a opção dos tradutores da peça em cena no Teatro Aberto, mas também por outras razões, a que poderemos chamar razões de fundo. É que não foi por acaso que AT utilizou a palavra **jardim** que surge frequentemente ao longo da peça: «Aí, meu querido jardim! Meu querido e belo jardim!... Minha vida, minha juventude, minha felicidade! Adeus! Adeus! Adeus!» — diz Liubov Andreievna no fim.

Tenha-se em conta que enquanto **O Cerejal** ou **O Pomar das Cerejeiras** têm conotações de produção, de negócio, de lucro, mesmo, de riqueza, **Jardim** implica recreio, beleza, evasão. E é a estas realidades (despreocupação perante os problemas, nostalgia do passado, culto da beleza) que Liubov Andreievna e o irmão, Gaev, estão presos (ou alienados). É isso, reflexo do devir histórico na óptica de AT, que os leva à decadência económica e à destruição do jardim das cerejas que pode ser entendido, nesta acepção, como um paraíso, o jardim do Éden perdido.

Por isso, igualmente, Lopakhine utiliza, de preferência, e ao contrário das outras personagens, a expressão **o cerejal.** É que ele, representante de uma classe que irrompe na sociedade russa, entre os antigos servos e os mujiques e a aristocracia, dá conta, e atiça, dos novos ventos que sopram na história, para ele o jardim é um terreno mau para produzir (as cerejas só nascem de dois em dois anos), bom para construir, para que mais pessoas tenham casa.

Estes pormenores relacionados com o título da peça, não são tão despiciendos como isso, porque o que está em causa, neste caso, precisamente, é o problema das traduções do teatro de AT que, suponho, nunca foi traduzido directamente do russo, o que me parece profundamente lamentável. Esta versão é assinada pelo encenador e pela dramaturgista o que implica a opção, que me parece certa, de uma escrita cénica que de resto me pareceu sem margem para reparos.

O novo trabalho desta dupla, à qual devemos alguns dos melhores espectáculos do teatro português em anos recentes, incluindo essa criação excepcional que foi **Mãe Coragem e os Seus Filhos,** de Brecht, situa-se, como é de calcular, a um nível alto, tanto no que se refere à coerência da proposta como ao rigor da sua passagem a acto. Pode gostar-se menos deste trabalho, como é o meu caso, mas não se pode negar a sua importância nem o que tem de renovador. De facto, é talvez a primeira vez que em Portugal AT é objecto de uma leitura que tem em conta pressupostos diferentes, e até opostos, aqueles de que Stanislavski partiu. Isto sem esquecer as inesquecíveis propostas de Rogério de Carvalho em «As Três Irmãs» («DL«/4-6-77), e «O Tio Vânia» («DL«/6-7-81).

Em termos resumidos, pode dizer-se que a dramaturgia de Vera San Payo Lemos e a encenação de João Lourenço são mais tchekhovianas do que stanislavskianas — é essa a grande novidade do espectáculo. Mais tchekhovianas na medida em que aceitam a tese do autor contra o encenador russo, de acordo com a qual «O Jardim das Cerejas» é uma comédia e não uma tragédia. Menos stanislavskianos por isso mesmo, porque esta leitura tem menos em conta os aspectos dramáticos das personagens e dos conflitos dos proprietários do cerejal do que dos aspectos cómicos que o seu comportamento implica, além dos aspectos cómicos de outras personagens, nomeadamente Lopakhine, Epikhodov, Charlotta, Pistchik, Yacha. A este respeito tenham-se em conta as cartas transcritas no excelente programa do espectáculo, especialmente o seguinte: «Chamo à peça uma **comédia**...» (carta de AT); «Não é uma comédia, não é uma farsa, **como escreveu,** mas uma tragédia, seja qual for a saída para um mundo melhor que queira ter dado no último acto» (carta de Stanislavski a AT); «Porque é que em cartazes e notícias de jornal se persiste em chamar drama à minha peça? Némirovitch e Alekseia não vêem na minha peça nada daquilo que eu escrevi...» (carta de AT).

Ora o que geralmente acontece na interpretação de «O Jardim das Cerejas» é que a atmosfera e o ritmo da peça são criados à volta da personagem de Liubov Andreievna, a qual é normalmente criada por uma grande actriz (o mesmo se passa com o irmão, Gaev, que o próprio Stanislavski quis interpretar). No Teatro Aberto também está uma grande actriz, uma das maiores comediantes portuguesas, Carmen Dolores, mas não é ela o ponto nuclear do espectáculo e sim Lpakhine, de acordo com aquilo que AT queria: «O papel de Lopakhine é o **papel principal. «(Carta de AT.) Penso que esta é uma daschaves para o entendimento desta interpretação proposta pelo Novo Grupo. Se Lopakhine de José Gomes não é ainda a personagem sonhada por AT («é um comerciante mas uma pessoa decente em todos os aspectos, tem de se comportar com todas as boas maneiras, intelectual, sem mesquinhez e sem truques, e eu tinha pensado que este papel, o principal da peça, lhe iria muito bem» (carta de AT a Stanislavski). Se o Lopakhine não corresponde ao retrato traçado pelo autor aproxima-se dele e, sobretudo, é ele que impõe uma determinada atmosfera, um determinado ritmo à peça, os quais suponho, se aproximam muito mais da visão de AT do que outros espectáculos. Outra chave desta leitura é, como já se disse, o título. Acrescente-se o seguinte: ao utilizar o substantivo cerejas** em vez de **cerejeiras,** os principais responsáveis pelo espectáculo, também aqui, não o fizeram por acaso. É que foi a cereja, o fruto maduro, com a sua cor forte, que o encenador e o cenógrafo utilizaram na cor do espectáculo e não o branco das cerejeiras a que AT se refere: «No 1.º acto vê-se através das janelas as cerejeiras em flor, um jardim completamente branco. E mulheres vestidas de branco.» (Carta de AT.) Ora, em vez de branco, da translucidez e da transparência possíveis, e que Strehler, por exemplo, utilizou, José Manuel Castanheira e João Lourenço optaram por uma construção que fecha o espaço, paredes e soalho de madeira cor de cereja madura, o soalho tão envernizado que espelha. A meio da parede de fundo uma fissura muito estreita por onde entra uma luz pálida. Nas paredes, elementos em relevo, como que ramos esmagados. Na cena ao ar livre o cenário mantém-se da mesma matéria, explicitando ainda mais o pensamento do encenador: trata-se de cortar radicalmente o referente natureza. O chão, mesmo o praticável que imita uma pequena elevação, continua a ser de madeira. E, admirável achado, quando Andreievna fala do rio, abre um alçapão e vêem-se reflexos de água. O rio evoca o filho que nele morreu e ela deseja manter essa imagem oculta no seu inconsciente. Nesta cena de ar livre, a luz terá sensivelmente o cenário aproximando-o da atmosfera suave que AT pretendia. Também no segundo acto, há uma alteração importante: abrem-se portas à direita, vêem-se janelas por onde passa a luz que as portas espelham, a festa decorre ao mesmo tempo dentro e fora de cena, uma das soluções mais interessantes e produtivas desta encenação. Finalmente, quando a casa fica abandonada, com os ruídos de um mundo a ser mecanicamente destruído, abre-se a parede do fundo por onde entra uma luz de madrugada. Firs, o criado, que ficou só, encerrado na sala, abre o enorme armário, situado no centro do espaço, signo múltiplo, imagem e paradigma da família (é lá que se guarda o violino que evoca a infância), o armário não tem fundo, por ele entra a luz que vem da parede aberta. Firs deita-se nele para morrer, como se fosse um caixão. Cena que vai ser discutida, ela remete ao simbolismo que a marca e que contrasta com o tom geral do espectáculo, para o cerne desta leitura: a destruição da casa sendo a destruição de um mundo não é a destruição do Mundo; a luz do futuro, que é representado não pelo estudante Trofimov mas por Lopakhni, surge muito forte. Interpretação, diga-se, que não está de acordo com a maioria dos comentários ao texto, como é o caso de Jovan Hristié em «Le Théâtre de Tchekhov», para os quais é o estudante que representa o futuro. Aqui, se tivéssemos espaço, poderíamos fundamentar a opção de João Lourenço pois AT não conseguiu fazer de Trofimov um autêntico revolucionário: »...Trofimov está sempre a ser enviado para o exílio por causa das suas ideias políticas, está sempre a ser expulso da universidade, mas como é que se apresentam estas coisas?» (carta de AT).

Penso que o cenário corresponde bem, com muita força, à proposta do encenador; pessoalmente, e sobretudo na primeira parte, parece-me haver um excesso de cor, parece-me o cenário demasiado forte para uma peça que é marcada por tons doces, por luzes escoadas: a madrugada, o pôr do Sol. Por outro lado, penso ser excessiva a insistência nos registos cómicos do texto, ao que suponho sublinhados pela encenação (caso do engraçado macaquinho; da constante evocação do bilhar por Gaev; da cena em que Pistchik fica com a perna agarrada à cadeira que podia ser uma cena de uma farsa de AT). Parece-me também haver um tom demasiado alto por parte da maior parte dos intérpretes (em especial Amilcar Botica em Pistchik), o que prejudica a música tchekhoviana. Quer dizer, ao pretender destruir o **pathos** de que Stanislavski se servia, João Lourenço foi, a meu ver, longe de mais: a peça ganha em excessos o que perde em matizes, em claro-escuro, em mescla de comédia e drama que talvez seja o que vincadamente a caracteriza. Um toque mais stanislavskiano, utilizando a técnica da emoção, talvez lhe faça falta.

«O Jardim das Cerejas» é um grande texto, um dos maiores do teatro do século XX, que naturalmente tentou alguns grandes criadores depois de Stanislavski. Caso de Strehler, já citado, e de Peter Brook. Do primeiro, salvo erro, esta versão do Teatro Aberto cita com a cortina de boca, o mais forte elemento do cenário, espantosa metáfora, do espectáculo de Strehler; do segundo, com um tapete que é estendido na cena ao ar livre e que evoca as tapeçarias esmaecidas com que Brook sinalizava um passado opulento.

No entanto, talvez a principal referência do espectáculo seja a de Bertolt Brecht. A familiaridade da dramaturgista e do encenador com as obras do alemão não podia ser apagada de um momento para outro — e ainda bem. Penso que a personagem de Lopakhine e o tom geral do espectáculo passaram por Brecht, com tudo o que isso significa de leitura do texto e da sua interpretação cénica.

Para além destes aspectos, sublinhe-se no trabalho de João Lourenço, como sempre extremamente meticuloso, a função significante de algumas das suas marcações. É o caso de Firs que surge no centro do palco quando a cortina corre e no final, como a peça exige, o que significa a circularidade do espectáculo à volta dessa personagem, fantasma de um passado que o presente e o futuro expulsam. É também o caso da cena em que se fala pela primeira vez da morte do filho de Andreievna, em que todas as personagens surgem isoladas; e da cena da festa em que Charlotta inventa um jogo de marionetas que procedem ao leilão da propriedade (que está a realizar-se algures), cena cruel, algo brechtiana, que abre uma fissura irreparável no espírito de Andreievna; também as cenas que se seguem em que personagens agrupadas se defrontam com personagens isoladas (as que perderam); e, já no final, quando os ex-proprietários se sentam em cadeiras ou coxins enquanto os outros se sentam ou

A vida passa

ajoelham no chão. Entre outras. Refira-se ainda o tratamento de algumas personagens como o episódio Homem que passa e que evoca um revolucionário dostoievskiano.

No teatro de AT, do trabalho dos comediantes dependem, em parte, a eficácia, a autenticidade, a energia cénica, a força vital que marcam as suas personagens. Tudo isso, por sua vez, depende da leitura proposta pelo encenador, da maneira como este interpretou o texto e como dirigiu os actores. Com maior ou menor qualidade, pareceu-me haver nos intérpretes de «O Jardim das Cerejas» uma correspondência, uma aderência muito grande às propostas do encenador. Só assim pode o espectador entender os aspectos globais que o espectáculo justamente revela. Se há papéis mais brilhantes e mais brilhantemente representados, todos eles, no entanto, resultam do entendimento das personagens. Poderá pensar-se que nem sempre aquilo a que é de uso chamar tempo interior, fundamental em AT, foi tão claramente marcado como seria para desejar; pode pensar-se ainda, como já se assinalou, que se nota uma certa debilidade sob o ponto de vista da técnica stanislavskiana — isso, contudo, tem também a ver com as opções do encenador.

Carmen Dolores procura em Liubov Andreievna Ranevskaia o tom que AT definiu servindo admiravelmente o trabalho de João Lourenço: é sublime sempre que consegue esse jogo duplo entre o desprendimento e a noção de fim do seu mundo; Joaquim Rosa (Leonid Gaev) ainda sem conseguir o domínio perfeito da voz, torna plausível a sua personagem, passam por ele algumas das emoções e da graça do espectáculo. Como AT queria, José Gomes faz do seu Ermolaí Lopakhine o papel-chave da peça: não sendo, como vimos, a personagem ideal, conseguiu um trabalho magnífico, talvez o melhor da sua carreira.

Uma das personagens mais difíceis da peça é o de Charlotta para a qual AT queria uma actriz com humor. Argentina Rocha, que está a tornar-se numa actriz com grandes capacidades, forçou talvez a nota do burlesco, algo apalhaçado, talvez contra a personagem tal como AT a via mas talvez de acordo com a leitura de João Lourenço. Pelo contrário, Irene Cruz em Varia é excessivamente discreta recusando sublinhar o ridículo duma personagem que, no entanto, talvez esteja mais próxima do drama que do melodrama (como esta gente de AT é complicada!). Com mais ou menos registos, os intérpretes Isabel Ribas, Melim Teixeira, Amílcar Botica, José Pedro Gomes, Francisco Pestana e Jorge Gonçalves cumprem bem o seu trabalho. Diria que Amílcar Bota e José Pedro Gomes talvez com exagero de registos fársicos. A jovem Natália Luísa, na figura encantadora de Ania, é também ela encantadora, para usar um termo de que AT gostaria. Seria apreciável se a actriz conseguisse uma maior riqueza de registos, matizasse as suas expressões. Luís Santos é o velho Firs, uma personagem que o actor ajuda a tornar fortemente presente.

Este espectáculo foi um teste para este grupo, mas é também um teste para o público. Não há razão nenhuma para que o público não se interesse por ele, plo contrário, não é preciso muita atenção para observar como nele se conseguiu essa maravilha tão tchekhoviana que é fazer passar a vida. Leitor é isso que lhe peço: veja e ouça como a vida, por vezes, passa no Teatro Aberto. É raro em teatro.

A música de Eduardo Paes Mamede ajuda por vezes, por vezes pareceu-me insuficiente (ruídos, sons musicais), por vezes pareceu-me a mais (solo que sublinha falas de Andreievna).

"Seis Personagens à Procura de Autor" no S. Luiz

Pirandello encenado "à letra"

O confronto entre a realidade da vida e a realidade do teatro é o tema principal de Luigi Pirandello na sua peça «Seis Personagens à Procura de Autor», em cena desde ontem no Teatro Municipal de São Luís, numa encenação de Mário feliciano.

Num espaço vazio - que é um espaço de ensaio - uma companhia ensaia uma peça, quando é interrompida pela entrada de seis personagens, que querem propôr o seu próprio drama, de modo a que possa ser escrito, sob a forma de peça de teatro - já que esta é a única maneira da sua história passar à posteridade.

Trata-se, segundo o encenador, «do drama do próprio ser, da sua dimensão deontológica. O drama da sub-divisão e da sua descontinuidade do ser».

«Na realidade, depois as seis personagens acabam por trazer um outro drama, que é o de não se conseguirem transformar em personagens teatrais, no sentido aristotélico», afirma Mário feliciano, que prossegue: «Não lhes é reconhecida nenhuma história lógica e elas não sabem (pelo menos no início do texto), que a sua verdadeira natureza é a de serem personagens recusadas pela convenção teatral».

Pirandello pretendeu dizer que para elas serem na realidade personagens trágicas tinham que estar fora da ficção convencional do teatro. Por isso as deixou entregues a si próprias.

Entre o teatro e a vida

A escolha desta peça de Pirandello pelo encenador, para a qual recebeu um subsídio de montagem da Secretaria do Estado da Cultura, prendeu-se com o facto dela ser uma das peças mais importantes da história do drama contemporâneo, uma das mais dialécticas e ao mesmo tempo mais dramática.

«Com este texto Pirandello opera uma ruptura definitiva e insanável no mecânismo do drama tradicional», começa por referir Mário Feliciano. «Ao pôr em confronto duas realidades diferentes - a realidade da vida e a realidade do teatro - o autor está, na verdade, a contestar definitivamente a realidade ficticia do teatro e a impôr uma maneira completamente nova de encarar o conceito de tragédia dentro do teatro», refere o encenador a propósito da sua escolha.

A encenação de Mário Feliciano «segue à letra», como ele afirma, as directrizes que o próprio Pirandello sugere.

«Tentei que neste trabalho sobressaissem as diferenças que a nível conflitual se estabelecem entre o mundo dos actores da companhia - que representam a vida tal como ela é no seu carácter quotidiano -, e por outro lado o mundo das personagens, que é o mundo da criação artística, da criação platónica da fantasia», explica Mário Feliciano.

No confronto entre a vida quotidiana e obra artística, está encerrado todo o aspecto trágico da peça, tornando-se explicita a diferença entre a forma artística, que sendo eterna nunca muda e a vida diária que nasce, desenvolve-se e morre.

«Essa forma artística aqui são as seis personagens que querem conquistar o direito de viverem, que aparentemente o autor lhes recusou. Por isso elas andam à procura de um autor» conclui Mário Feliciano.

Trabalho pontual

«Seis Personagens à Procura de Autor» foi um projecto apresentado à Secretaria de Estado da Cultura por Mário feliciano, e por isso trata-se de um trabalho pontual, para o qual o encenador reuniu um grupo de actores, vindos de várias companhias.

Assim, a peça de Pirandello que está em cena no Teatro São Luís conta com as interpretações de Lurdes Norberto e Fernanda Alves (cedidas pelo Teatro Nacional), Sara Lima (vinda do Teatro da Graça), Io Apolloni, Mário Jacques, Luis Mata, Vicente Galfo, Fernando José Oliveira, Miguel Guilherme, Isabel Prata, Eunice Basto e Susana Prado.

Segundo Mário Feliciano, o critério que procedeu à escolha dos actores prendeu-se apenas à disponibilidade de uns e à experiência de trabalho que já tinha com outros.

A apresentação de «Seis Personagens à Procura de Autor» está ligada, para além do gosto pessoal do encenador por Pirandello, ao cinquentenário da morte do autor, que se celebrou o ano passado.

Depois da curta passagem pelo Teatro São Luís, onde está em cena apenas até ao dia 8 de fevereiro, «Seis Personagens à Procura de Autor» seguirá para um novo espaço, ainda não escolhido.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30 SÁBADO E DOMINGO ÀS 16

GUERRAS DO ALECRIM E MANGERONA

DE ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA «O JUDEU»
ENCENAÇÃO CARLOS AVILEZ

ESPECTACULOS NAO ACONSELHAVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA TEL. 32 22 10

AOS PAIS

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA
"Transporte sempre as crianças no banco de trás"

TEATRO
VASCO SANTANA
Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA

Em exibição de
3.ª a sábado às 21.30
Domingo às 16 horas.

ESTREIA DE

SYLVIA PLATH- Quem a matou?

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE
INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 666300

OS POLÍCIAS de MROŽEK

3.º MÊS

ATENÇÃO:
últimos espectáculos
domingo 1 de Fevereiro
às 16 h e 18.30 h

com
António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomar, Teresa Faria

3.ª a Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h

DIRECÇÃO: HELDER COSTA

REVISTA NOVA NO MARIA MATOS

Mesmo na altura em que ia entrar no 8º mês de representações, eis que a revista «Isto É Maria Vitória»», em cena no Teatro Maria Matos, vai surgir esta noite com nova roupagem, actualizada - e com doze novos números.

Mas não se fica por aqui a transformação. Uma vez que, se quiserem, hoje estreia-se no «Maria Matos» uma revista nova.

E porquê uma revista nova ? Apenas porque muda de título ?

Claro que não. Em boa verdade, «Escrita em Dia» é mesmo uma peça renovada, com a assinatura dos mesmos autores (Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal) e agora sob a direcção de Nicholson. Quanto ao elenco, que contava já com nomes sonantes como são os casos de Salvador, Delfina Cruz, Carlos Cunha, Marina Mota e os acordeonistas Fernando Ribeiro e Fernanda Guerra, por exemplo, a partir desta noite vai ser substancialmente enriquecido com a inclusão de Simone de Oliveira e de Francisco Nicholson.

Assim, quem gosta de revista «à portuguesa», mesmo que já tenha visto «Isto É Maria Vitória ! », tem a partir de hoje um ponto de encontro obrigatório: Teatro Maria Matos, ali bem perto da ponte da Av. de Roma.

A propósito: parece-nos que os empresários Ausenda Bastos e Helder Freire Costa fizeram o que se costuma chamar uma «boa aposta». Agora, a palavra que se segue pertence inteiramente a si, leitor. Ou seja, ao respeitável público. E já que estamos com a mão na massa, aproveitamos para recordar que se mantêm na equipa o Fernando Mendes e a Leonor Edwiges, lado a lado com Nuno Emanuel, Júlia Alves, Carlos Ivo, Cláudia Cadima, Raquel Almeida, Marília Barroso, Cristina Areias e ainda o corpo de baile «TMV». A música é de João Vasconcelos, Fernando Correia Martins e Nuno Nazareth Fernandes, a montagem de José Manuel e Vítor Rebocho com a colaboração de Hernani e Rui Martins, os figurinos de Helena Reis e a coreografia de Jose Luis Ardiz.

Então, leitor, ponha «A Escrita em Dia»...

Simone de Oliveira

Francisco Nicholson

MÚSICA

• Loucuras (Av. Álvares Cabral, ao Rato): mais uma «Quinta-Feira Tranquila» com a primeira voz feminina. Maria de Lurdes Resende, que será acompanhada pela Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória.

• Hot Clube de Portugal (P. da Alegria): Hoje (22,30 e 0,30), com repetição dias 30 e 31, um concerto de jazz com Nana Sousa Dias (saxofones), Jorge Reis (saxofones), Miguel Moreira (piano), Bernardo Moreira (contrabaixo) e José Salgueiro (bateria).

• Grande Auditório da Fundação Gulbenkian: Orquestra Gulbenkian executa obras de Ravel, Samvel Barber e Schubert, às 21,30.

• Bar Pé Sujo (L. de S. Martinho): todos os dias, Lula e Tramagal.

• Aladin Bar-Restaurante (Tv. da Espera): terças-feiras, canto e viola por Helena Mello.

• B´Arte (R. de São Boaventura, 16: todos os dias música brasileira com Hugo Maia.

• Bar Bate-Papo (Al. D. Afonso Henriques, 63): todos os dias, António Carlos Martins; sábados, Fernando Carvalho e António Carlos Martins.

• Há Festa na Mouraria (L. do Terreirinho, 21)

• Inda a Noite É Uma Criança (P. das Flores, 8): segundas, música popular portuguesa com Jorge Mendes e Alfredo Azinheira; domingos, música portuguesa com Jorge Lomba.

• Index Pub (Beco dos Apóstolos, 9): quartas, música variada com Jorge Lomba.

• Joke Clube (Av. Frei Miguel Contreiras, 18-C): segundas e terças, música dos anos 60; quartas, música brasileira com Hugo Maia; quintas, Nelinho e Toni Jackson; sextas, música africana com Mindo; sábados, Kutchi Kutchi.

Maria de Lurdes Resende esta noite no «Loucuras»

• Le Nautique, Hotel Meridien: todos os dias Jam Session com o quarteto Take Four que apresenta todas as sextas-feiras um novo artista convidado. Segundas, quartas, sextas e sábados à tarde, ducto de piano e flauta com António Jorge Marques e António Manuel Neves da Silva.

• Bar-Estúdio Lachor (C. da Pampulha, 11): quartas-feiras, Luís Cerqueira ao piano; sextas e sábados, música afro-brasileira com Fernando Carvalho.

• Noites de Luar (Beco da Bombarda, aos Anjos): quintas, música latino-americana com Julian Del Valle.

• 99 da Barroca (R. da Barroca, 99): sextas, música popular portuguesa e música francesa por Zé Neto; sábados, música popular portuguesa e música brasileira com Rui Rocha.

• Papita-Me Pub (R. das Janelas Verdes, 102): todas as segundas e quintas, Rui Siqueira.

• Passos Perdidos (R. Miguel Lupi, 2 a 10): todos os dias ao almoço, Ivo Cruz ao piano; ao jantar, Francisco Bartolomeu ao piano;

EXPOSIÇÕES

• Galeria Paulino Ferreira (R. Nova da Trindade, 18-B): exposição de Pintura de Ilídia, patente até dia 25 de Fevereiro, de segunda a sexta das 9 às 12,30 e das 14,30 às 19, sábados das 9 às 13.

• Galeria Codilivro - Praça dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A : patente uma exposição de Pintura de D ´Assis Cordeiro. De segunda a sábado das 15 às 20, até 6 de Fevereiro.

• Galeria «Vale Tudo Menos Tirar Olhos», R. Rodrigo da Fonseca, 25, Etografias de António José Martins até 31 de Janeiro, de 3ª a sábado das 15 às 20.

• Galeria do Hotel Alfa : Pintura de Zewen Situ até 9 de Fevereiro, de 2ª a 6ª dqs 10 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, sábados e domingos das das 16 às 19,3o.

sextas e sábados, música dos anos 60 com Francisco Bartolomeu ao piano e Valdir (viola e voz); também às sextas, Isabel Quadros (voz) e José Maia (viola).

• Pasta e Basta (R. do Cura, 3-A): sextas e sábados, às 21, Outra Banda.

• Green Village-Piano Bar (R. João Anastácio Rosa, 2-ABC): das 17,30 às 20 e das 22 às 3,30 António Palma ao piano.

Ilídia expõe na «Paulino Ferreira»

• Tasca (R. dos Prazeres, 47): terças e quintas, música variada com Bartolomeu; quartas, Trópico de Muzka com Inês e Péricles; sextas, música brasileira com João Maria; sábados, música brasileira e latino-americana com Tonecas e Quim; domingos, fados com Helder.

• Vicente Borga Pub (R. Vicente Borga, 75): quartas, quintas e sábados, música brasileira com Pedro e Zé Pedras; sextas, música brasileira com Pedro, Zeca, e Zé Pedras.

• Velha Goa (R. Tomás da Anunciação, 41).

• Bariedades (Parque Mayer): sextas e sábados, Badaró e o convidado Guida Scarlatti em «Eu e os Meus Amigos».

TEATROS

• Teatro Aberto: «O Jardim das Cerejas» de Anton Tchekov, pelo Novo Grupo. Encenação de João Lourenço, com interpretação de Carmen Dolores, Irene Cruz, Joaquim Rosa, entre outros.

• «A Barraca»: «Os Polícias», de S. Mrozek, encenação de Helder Costa.

• CAM da Gulbenkian: «Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim», de Federico Garcia Lorca, encenação de Nuno Carinhas.

• Centro Cultural da Bica (L. de St. Antoninho): «O Subsídio» de Nuno Artur Silva. (sextas às 22 horas, sábados e domingos às 16).

• Instituto Franco-Português: «Yes, Peut-Être», de Marguerite Duras.

• Teatro Ibérico: «A Vida É Sonho», de Calderon de La Barca, encenação de Blanco Gil.

• Comuna: «Victor ou as Crianças no Poder», de Roger Vitrac, encenação de João Mota.

• Teatro S. Luís: «Seis Personagens à Procura de Autor» de Luigi Pirandelo. Encenação de Mário Feliciano com interpretação, entre outros, de Fernanda Alves, Lurdes Norberto, Io Apolonni, Luís Mata, Mário Jacquese Vicente Galfo, com a participação especial de Susana Prado. Em cena até 8 de Fevereiro.

• Teatro Mirita Casimiro (Estoril): «Galileu Galilei» de Brecht pelo TEC dirigido por Carlos Avilez

• Sindicato do Comércio (R. Almirante Barroso,3): A Companhia de Teatro de Almada apresenta nos dias 30 e 31 «George Dandin» de Molière e a peça infantil de José Jorge Letria (às 10 e 15 horas) «O Cavaleiro e o Dragão»

«Boa União»

• Teatro do Século: «Drácula Junior», texto e encenação de Fernando Gomes.

• Teatro da Trindade: «A Mulher do Campo» pela Cornucópia, encenação de Luís Miguel Cintra.

• Teatro Vasco Santana: «Sylvia Plath - Quem a Matou ?», pelo teatro Estúdio de Lisboa, encenação de Luzia Maria Martins.

• Teatro Nacional D. Maria II: «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva (O Judeu), encenação de Carlos Avilez.

• Sala Experimental do D. Maria II: «Ode Marítima» de Álvaro Campos,

• «ABC»: a revista «Lisboa, Tejo e Tudo de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia.

• Teatro Maria Matos: a revista renovada «Escrita em Dia», de Henrique Santana, Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal, com Salvador, Simone, Delfina Cruz e Nicholson.

• Teatro Variedades: «Aqui Há Fantasmas», comédia de Henrique Santana.

• Teatro Villaret: «Sapateado», de Richard Harris trad. de César de Oliveira e Barry Scarry.

LIVROS

• Lídia Jorge está esta noite (22 horas) no Copo de Três, Praça das Flores, para falar do seu livro «Notícias da Cidade Silvestre», vencedor do Prémio «Município de Lisboa».

CINEMAS

• Centro British Council (R. Cecílio de Sousa, 65): «Friend or Foe» de John Krish, com Mark Luxford. Sessão às 18,30.

• Cinemateca Portuguesa (R. Barata Salgueiro, 39): Continuação do Ciclo Jacques Tati com o filme «Sim, Sr. Hulot» com Tati e Mary Kimberly. Às 21,30. Às 18,30, «A Fotografia no Cinema Português - Artur Costa de Macedo» com «Actualidades de Sintra e «O Bicho da Serra de Sintra»

• Forum Picoas: Ciclo Três Grandes Actrizes com o filme «O Regresso dos Herois» de Hal Ashby, com Jane Fonda e John Voight.

• Instituto Alemão (Campo dos Mártires da Pátria, 36): às 18,30, exibição de «Widerstand» - A Resistência em Filmes Documentais.

• Instituto Franco-Português (Av. Luis Bivar, 91): Ciclo Cinema do Real com «Memoires de La Mine» de Jacques Renard.

CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

A MISSAO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

TOP GUN – ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 5

RAN – OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

HOWARD E O DESTINO DO MUNDO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

CORONEL REDL
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.00 h

Ávila

— T. 539930

PEGGY LUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

DOROTHEA
(Int. m. de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Capitólio

— T. 372358

AS PRÁTICAS DO SEXO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ACTO SELVAGEM
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

E.T. – O EXTRA TERRESTRE
(m. 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A PANTERA NEGRA DE HARLEM
(n/acons. 18 anos)
24.00 h

Cinebolso

A INSACIÁVEL
(Porno)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

O CAMPEÃO DOS LUTADORES
(n. acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

SILVERADO — T. 579460
(m. 16 anos)
14, 16,30, 19 e 21.30 h
O SOLDADO
(n. acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

SKY PIRATES – A GRANDE AVENTURA
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

AGORA É A GUERRA
(m. 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

EMMANUELLE 4
(int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
NOIVOS SANGRENTOS
(n. acons. m. 13 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

ALIENS – O RECONTRO FINAL
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

Eden

POLTERGEIST II – O OUTRO LADO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS

O FURACÃO
(n/acons. m. 13 anos)
15.30 h
INICIAÇÃO CARNAL
(m. 16 anos)
18.30 e 21.30 h

Estudio 444

— T. 768078

À VOLTA DA MEIA-NOITE (m. 12 anos)
15.30, 18,30 e 21.30 h

Fonte Nova

Sala 1

AS AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

PRISÃO DE MULHERES
(m. 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

TOP-GUN — ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

O REGRESSO DOS HERÓIS
(int. m. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

O GOLPE DO GÉNIO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Imperio

— T. 555134

QUATRO PUNHOS CONTRA RIO
(m. 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

ALLIENS – O REENCONTRO FINAL
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

SÓ ENTRE AMIGAS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

SÓ ENTRE AMIGAS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A MISSÃO
(m. 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas

— T. 574362

LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

MISSÃO COBRA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olympia

T. 325309

O CHEIRO A SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

O EXORCISTA
(m. 18 anos)
14.00 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

ACTO SELVAGEM
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

BETTY BLUE – 27.º 2 DE MANHÃ
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
CORRENDO PARA A VITÓRIA
(m. 16 anos)
23.45 h

Sala 2

À VOLTA DA MEIA NOITE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19 e 21.30 h
O BAILE
(m. 16 anos)
24 h

Sala 3

TANGOS, O EXÍLIO DE GARDEL
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h
FRANCES
(m. 16 anos)
24.00 h

Sala 4

O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
UM AMOR NA ALEMANHA
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma

— T. 889192

POLTERGEIST II – O OUTRO LADO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

A RAPARIGA DA FLORESTA
(int. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

Sala 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

A MISSÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 3

MONA LISA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

PEGGY SUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
De: Francis Coppola
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

OITO MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

POLTERGEIST II – O OUTRO LADO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

T. 706666

CHAMAVAM-LHE GÉNIO
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmania

— T. 880808

OFICIAL E CAVALHEIRO
(m. 6 anos)
15.30, 18.15 e 21 h

Xenon

T. 368480

AS AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «A Melhor Defesa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Mad Max - As Motos da Morte», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores «Agarra que é Polícia», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos).
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Howard e o Destino do Mundo», às 21.30 (m. 6 anos)
SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Banana Joe», às 17 e 21.30 h (m. 16 anos)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Ana e Suas Irmãs», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Por Favor Matem a Minha Mulher», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Terror na Auto-Estrada», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A Fábrica das Loucuras», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Um Vagabundo na Alta Roda», às 15.30 e 21.45 n (m. 18 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Top Gun – Ases Indomáveis», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Missão», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Só Entre Amigos», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «Lua-de-Mel com Fantasmas», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «João Broncas – O Eterno Repetente», às 15.30, e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Quarto com Vista Sobre a Cidade», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «O Guerreiro do Mundo Perdido», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Duas Mulheres e Um Homem», às 15.45 e 21.30 h (n/acons. 13 anos)
Sala 2 — «Águia de Ferro», às 16.15 e 21.45 h (m. 12 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Taboo, o Incesto», (porno), às 15 e 21.15 (int. 18 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Voando Sobre Um Ninho de Cucos», às 16 e 21.30 h (m. 16 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Top-Gun — Ases Indomáveis», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «A Cor Púrpura», às 16 e 21 h (m. 16 anos)

Farmácias

PERMANENTE

ALCÂNTARA: Probidade, Rua Alcântara, 15 AB (T. 638589); **ALVALADE-EST. UNIDOS: Rio Janeiro,** Av. Rio Ja[illegible] C (T. 881409); **BAIX[illegible]es Pires,** Rua da Prata, 1[illegible]o2350); **BENFICA: L[illegible]** Benfica, 592-594 (T. 7[illegible] **CAMÕES-SANTA C[illegible]INA: Combro,** Cç. do C[illegible]2 (T. 326059); **CAMP[illegible]RIQUE: Lobel,** Rua In[illegible]16, 988 (T. 688807); **LU[illegible]: Central Lumiar,** A[illegible]as Torres, 254B (T. 7[illegible] **MARQUES FRONTEIRA: Ronil,** Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 638438); **OLIVAIS SUL: Marta,** Rua Cidade Nampula — Ed. Paris, Lt. 534 (T. 333696); **RATO: Cunha,** Rua Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **SALDANHA: Dalva,** Av. Duque d'Ávila, 125 (T. 545225); **SAPADORES-PAIVA COUCEIRO: Europa,** Av. General Roçadas, 27 AB (T. 843880); **CARNAXIDE: H. Amaral,** Pct. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Central Odivelas,** Alm. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Pontinha,** Est. Santo Elói, 4 Lt. SE (T. 990220)

REFORÇO

AREEIRO-PC. LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16A (T. 886462); **BOA-HORA: Sepol, Cç. Boa-Hora, 94A (T. 631958); CAMPO D'OURIQUE: Elma,** Rua D. Maria Pia, 358A (T. 666176); **CASTELO: Silva,** Calçada Santo André, 16 (T. 862074); **CHILE: Aliança,** Av. Almirante Reis, 145 BC (T. 570487); **ENTRE SETE RIOS E SEGUNDA CIRCULAR: Da Luz,** Est. Luz, 124A (T. 723179); **FEIRA POPULAR: Santa Maria,** Av. 5 Outubro, 283A (T. 763016); **GRAÇA: Monte,** Rua Senhora do Monte, 30 AB (T. 867842); **MARQUÊS POMBAL: Branco,** Av. Duque Loulé, 61-65 (T. 545048); **PICHELEIRA: Marluz,** Cç. Picheleira, 140 BC e Rua Prof. Mira Fernandes MAF (. 880703); **XABREGAS-MADRE DEUS: Conceição,** Cç. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **BRANDOA-AMADORA: Correia,** Urb. Alfornel — Cel. G-Lt. 137-Loja B (poente) (T. 990122); **BURACA-AMADORA: Vaz Martins,** Rua António Ferro, 6A (970660); **OLIVAL BASTO: Nova,** Rua Açores, 11A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos,** Tv Prioras (T. 2519939)

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 2112048). Perm.; **LINDA-A-VELHA — Pinto — R. Antero de Quental, 9 (Tele. 4190610). Até às 19h; TIRES — Guimarães** — L. Duartes, Lote A-r/c. (Tele. 2441616). **ALCABIDECHE — Carvalho** — B.º Padre P. Correia, 4 — (Telef. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO — Ferreira Bastos** — R. D. Firmino Rebelo (Tel. 2421015). Até às 22 horas; **CARCAVELOS — Central** — R. 5 de Outubro, 25 (Telef. 2470037). Perm.; **S. DOMINGOS DE RANA — Godinho Silveira** — R. A. Albuquerque, Lote B-Lj./2 (Telef. 2470361). Até às 22 h; **MALVEIRA DA SERRA — Luz** — Estrada Nacional (Telef. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás** — R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034). Até às 22 h; **OEIRAS — Godinho** — R. Cândido Reis, 98 (Telef. 2430090). Perm.; **NOVA OEIRAS — Leal** — Quinta da Palmeira, Lote 24 (Telef. 2478737); **PAREDE — Brandão** — Av. República, 77-C (Telef.2471054). Perm.; **S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro** —R. 9 de Abril (Telef. 2683052). Até às 22h; **SASSOEIROS — Amaral** — Quinta das Encostas (Telef. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE — Imani** — Lote 7-B-Hera (Telef. 2852121); **MADRONA — Madeira** — Rua A (Telef. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA — Abrantes** — Viv.ª Maria Carlos Anjos (Telef. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL — Lopes** — R. Hangar, 3 (Telef. 260008). Até às 22h; **CASCAIS — Cordeiro** — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280171). Perm.

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Romeiro — Urb. Casal S. Brás. lote 116 (Telef. 4949050). Perm.; **S. Jorge** — R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (Telef. 4938703). Até às 22h; **DAMAIA — Confiança** — R. Bartolomeu Dias, lote (Telef. 971023). Perm.; **QUELUZ — Serra e PINTO** — Av. D. Ant.º C. Sá, 50-GE (Telef. 4377619). Até às 22h; **CAMARATE — Fátima** — Fetais. Até às 19h; **CACÉM** — Rico —L. Adriano S. Gil, Agualva (Telef. 4312833). Perm.; **ALGUEIRÃO — Rodrigues Rato** — R. Morés, 1 (Telef. 9212038). Perm.; **MERCÊS — Claro Russo** — R. Abade Faria, 2-A (Telef. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA — Dumas Brousse** Cal. Rinchoa, 2 (Telef. 9260404). Até às 22h; **SINTRA — Marrazes** — L. Afonso Albuquerque, 24 (Telef. 9230058). Perm.; **COLARES — Abreja** — (Telef. 9290088); **MOSCAVIDE — Santa Bárbara** — R. Francisco M. Beato, 75-A (Telef. 2518918). Perm.; **SACAVÉM — Lourenço** — Av. Almirante Reis, 31 (Telef. 2518151). Até às 22h; **LOURES — Sálvia** — Av. República, 29 (Telef. 9831240). Perm; **AVEIRO — Capão Filipe** — R. Eng.º Costa Cascais, 21 (Telef. 21276). Perm.

OUTRA BANDA

ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Telef. 2750504). Perm.; **COVA DA PIEDADE — Rainha Santa** — R. Soc. Fua Piedense, 50-A (Telef. 2294182). Perm.; **MONTE DA CAPARICA — Nova** — R. Trab. Rurais, 82 (Telef. 2954436). Até às 19h; **COSTA DA CAPARICA — Higiénica** — Av. República, 23 (Telef. 2400020). Até às 19h; **LARANJEIRO — Baptista Marques** — R.Boa Vontade, 17-C (Telef. 2298572). Até às 22h; **SESIMBRA — Leão** — Av. Liberdade, 13 (Telef. 2233471). Até às 19h; **LAVRADIO — J. Consolado** — Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (Telef. 2043126). Até às 19h; **BARREIRO — Higiénica** — R. D. Manuel I, 178 (Telef. 2073017). Perm.; **BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima** — Est. Nacional, 244-A (Telef. 2040141). Até às 19h; **CORROIOS — Universo** — Est.Nacional, 10 (Telef. 2290084). Até às 19h; **AMORA — Nova Amorense** — EN 10, Bloco A-Loja A-Paivas (Telef. 2216824). Até às 22h; **TORRE DA MARINHA — Alves Filho** — L. Camões, 27 (Telef. 221132). Até às 22h; **MONTIJO — União Mutualista** — R. Almirante Reis, 93 (Telef. 2310035). Até às 22h; **MOITA — Silva Rocha** — P. República, 16 (Telef. 2390029). Até às 19h;

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Marganda Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GALILEU GALILEI**«, de Bertolt Brecht.

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb. às 21.30.
«**VICTOR**» **OU AS CRIANÇAS NO PODER** de Roger Vitrac. Enc. de João Mota.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)
De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.
O JARDIM DAS CEREJAS, de Tchekov. Versão de João Lourenço, Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10
Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA**«, de António José da Silva («O Judeu»). Encenação de Carlos Avilez. Com: Rui de Carvalho, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maia, e outros.

Teatro Municipal de São Luiz

R. António Maria Cardoso — Tel. 32 71 72

Todos os dias, às 21.30; sábados, às 16.00 e 21.30; domingos, às 16.00

«**SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE AUTOR**«, de Luigi Pirandelo. Com encenação de Mário Feliciano.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«**ESCRITA EM DIA**«. Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal. Intérpretes: Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Centro de Arte Moderna — Sala Polivalente

R. Dr. Nicolau Betencourt — Tel. 73 43 09

3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, s 21. domingo, às 15.00

«**AMOR DE D. PERLIMPIM COM BELISA E SEU JARDIM**«, de Garcia Lorca, Encenação de Nuno Carinhas. Interpretação de Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Madureira e Luísa Cruz.

Instituto Franco-portugues

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 45 74

De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«**YES, PEUT-ÊTRE**«, de Marguerite Duras. Encenação: Philippe Fridman. Intérpretes: Inês Goulart de Medeiros e Anne Pradines.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**SAPATEADO**«, de Richard Harris. Versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva.

Teatro da Academia Almadense

R. Almirante Barroso, 3

Dias 23, 30 e 31 de Janeiro, às 21.30; dia 1 de Fevereiro, às 16.00

Companhia do Teatro de Almada — Grupo de Campolide

«**GEORGE DANDIN**«, de Molière. Encenação de Joaquim Benite. Intérpretes: Adelaide João, Alfredo Sobreira, António Assunção, entre outros.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?**«, de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe. Intérpretes: Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Mendonça e Maria Dulce.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 6.ª a domingo, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00

«**OS POLÍCIAS**«, de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.
Só até 31 de Janeiro

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**A VIDA É UM SONHO**«, de Pedro Calderon de la Barca. Espectáculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Francisco Soromenho, Luzia Paramés, António Filipe, Miguel Martins,

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, só às 16.00

«**A MULHER DO CAMPO**«, de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quinta a domingo, às 21.30

«**DRÁCULOS JÚNIOR**«, texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

Variedades

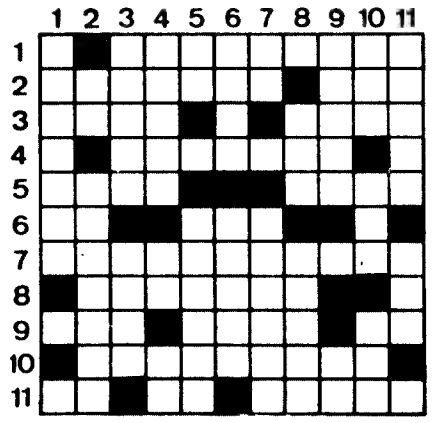
Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 945



HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Preservança.
2 Tenda. Manto real.
3 Saiam frequentemente à rua. Rio da Alemanha.
4 Da Galiza.
5 Ninhos. Congénito.
6 Compaixão. Acrescentando uma vogal é deus do vinho.
7 Interpretaras.
8 Esquivas.
9 Origem. Árvore indiana empregada como adstringente. Quinto filho de Jacob.
10 Auxiliado.
11 Amónio (s.q). Ósmio (s.q). Guarnecera de asas.

VERTICAIS:

1 Afrouxa. Artigo definido.
2 Ouro (s.q). Cobriam de iodo.
3 Brocha. Enguias.
4 Equipas. Li. Isolado.
5 Centiare. Repetis.
6 Prolongamento do pecíolo e da parte parenquimatosa do couqueiro. Quadris.
7 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Bacelada.
8 Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Cidade de Itália.
9 Tecido de linho ou algodão muito transparente. Concede.
10 Planta japonesa de que se extrai um suco escuro com que as mulheres pintam os dentes. Corda de reboque. Mágoa.
11 Que é do ar. Transpira.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 944**

HORIZONTAIS:

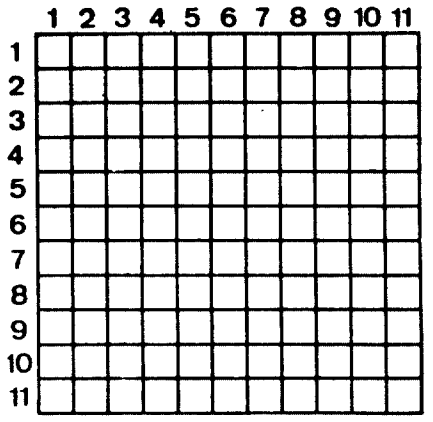
1 É. A. MORTE. A.
2 Cáfila. Rove.
3 Uras. Ivone.
4 Lira. Cão.
5 Ra. Landa.
6 Cá. Ruariam.
7 Urraca. Ando.
8 Nial. Cá. Aer.
9 Iama. Um.
10 Ciar. Moçada.
11 Ralaram.

VERTICAIS:

1 Écula. ÚNICA.
2 Ari. Criai.
3 Arfar. Aramar.
4 Isar. Alara.
5 Ml. Arc.
6 Oaio. Uacuma.
7 Vala. Amor.
8 Trocara. Cá.
9 Eon. Ninaram.
10 VERDADE.
11 Ae. Amornar.

PROVÉRBIO: É a morte a única verdade.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 774



HORIZONTAIS:

1 Fora para fora. Cidade de França, antiga capital de Lorena.
2 Tosta. Girara.
3 Separo de. Idem.
4 Unidade monetária dos Estados Unidos da América. Acometo.
5 Renque. Utensílio doméstico.
6 Despacharemos.
7 Claridade. Rate. Pátria.
8 Carta de jogar. Descarnada. Solitário.
9 Nota musical. Aqui.
10 Semelhante. Bagatela.
11 Resumidos. Suspiros.

VERTICAIS:

1 Partida. Doses.
2 Devastai. Nome de Buda, na China.
3 Punha só. Consentimento.
4 Amofina. Acarinha.
5 Avaliara.
6 Instado.
7 Laço. Desmontar. Reis.
8 Juntam. Ferro temperado.
9 Cousa nenhuma O lado do vento (inv). Nome de letra.
10 Crómio (s.q). Costures. Nesse lugar.
11 Nome místico de Baco. Homem (gir. de ciganos no Bras).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 773**

HORIZONTAIS:

1 Bar. Eiras.
2 Moesses.
3 Rs. Áster. Ga.
4 Rum. Panar.
5 Am. Li. Uva.
6 Orar. Orça.
7 Ega. Sio.
8 EC. Ara. Br.
9 Cós. Me. Ara.
10 Amarrotaram.
11 Soleiras. Sá.

VERTICAIS:

1 Erra. Pecas.
2 Sumo. Como.
3 Am. Re. Sal.
4 Roa. Laga. Ré.
5 Espirar. Ri.
6 Esta. Amor.
7 Isentos. Eta.
8 Rera. Ris. As.
9 Ás. Ruço. Ar.
10 VA. Bras.
11 Papa. Aramá.

Rádio

«ANTENA UM»

16.00: «Pequeno Jornal» «Rock-lândia»; **18.00:** «Regressos» — Carlos Ventura, **19.00:** «Informação e Música»; **20.00:** «No estúdio e no estádio» (Informação Desportiva — 2.ª Edição); **20.15:** «Música portuguesa»; **20.30:** «A viver também se aprende»; **21.00:** «Musical»; **21.30:** «Imaginário»; **23.30:** Títulos do «Jornal da meia-noite».

Noticiários de Hora a Hora
PROGRAMA 2

15.30: Requiem op. 5, de Berlioz; **17.00:** Integrais — as sonatas de Chopin; **17.28:** Grandes intérpretes obras de: Veracini, Respichi, Carnevali, Richard Strauss e Lehar. Concerto em ré maior op. 35, de Tchaikovski; **18.40:** Música de Schubert; **19.30:** Música Portuguesa — A ideia, de Luís Freitas Branco — Divertimento, de Lopes Graça, — Variações sobre uma ária da ópera Alessandro in Efeso op. 22, de BOMTEMPO; **20.40:** Sinfonia n.º 1, de Bruckner; **21.30:** Gurre-Lieder, de Schoenberg; **23.45:** Duos para piano — 8 Variações em mi menor D. 624, de SCHUBERT, — 2 Episódios do Fausto de Lenau, de LISZT; **00.32:** TARAS BULBA, DE JANACEK; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283,290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00:** Feira mágica; **20.00:** Peça que a gente passa; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo e resultados; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** É de noite... já se vê; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00:** Som da frente; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Nova geração; **21.00:** O sabor da música; **22.00:** As mil e uma noites; **00.00:** Morrison Hotel; **02.00:** O rock pode esperar; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
(canal 1)
REDE NACIONAL DE OM/FM

15.00: Terceira Vaga; **13.00:** Bola Branca (3.ª ed.); **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Fim de tarde; **20.00:** Programa da LAR; **20.30:** Cidade Nova; **21.00:** Luzes da Ribalta; **23.00:** Bola Branca (4.ª ed.); **23.30:** Suplemento especial; **23.55:** Meditando

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca (RN); **18.30:** Transmissão do Terço (RN); **19.00:** Grande Bazar.

TELEVISÃO

RTP 1

17.30 - Mira Técnica
Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.55 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Metetorológico
20.04 - Direito de Antena
20.10 - Palavras Cruzadas

14º Episódio: - João declara-se a Margarida, e esta diz-lhe que vai romper com Francisco. Num café, Helena encontra-se com Osvaldo e conta-lhe o assalto de que foi víti ma, sugerin - do ir à polícia. Osvaldo, contudo, não concorda e pede-lhe que assine uma nota de dívida e que a vá pagando gradualmente com os lucros dos negócios e com dinheiro da sua empresa. So - fia e Marta convidam Margarida a passar o período de convalescença em sua casa, e Sofia mostra-se irritada com a eficiência de Lucinda. Mina encontra-se, por acaso, com Rui na rua. Beijam-se e seguem juntos. Quando está a estudar Mina recebe um embrulho que lhe é entregue por um paquete. Abre-o e vê uma pulseira de ouro, que pensa ser um presente de Rui.

20.50 - Europa
21.30 - Telemundo
21.50 - As Blue Bell

1º Episódio: - História verdadeira, ora di ver - tida, outras vezes dramática e romântica, movi - mentada sempre, de Margaret Kelly, uma orfã originária de Dublin que se tornou internacio - nalmente famosa como Miss Bluebell, a criadora das lendárias «Bluebell Girls» do Folies Bergere.

Fascínio, coragem, amor e perigo são os principais ingredientes desta série de oito episódios que segue o percurso de uma jovem excepcionalmente determinada, desde o anoni - mato até à fama. Uma caminhada difícil para «Misse» Bluebell que se viu muitas vezes di - vidida entre a ambição e o amor e constante - mente vítima de emoções instáveis - triunfo, desepero e medo.

Realizador: Brian Spiby

22.40 - 24 Horas
23.10 - Remate

RTP 2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio

1º canal, às 20,10: «Palavras Cruzadas»

19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão

78º Episódio: - Quando a terra é invadida por numerosas naves espaciais, o Secretário Geral das Nações Unidas recebe uma das enor - mes criaturas espaciais. Esta revela-lhe as suas intenções pacíficas e promete mostrar aos habitantes da guerra como acabar com as desgraças da guerra, da doença e da fome. Provada a veracidade destas afirmações, o mundo começa rápidamente a encontrar a paz. Mas quando tudo indicava já uma nova era estava a começar, alguem decifra o manual dos seres espaciais, intitulado «Como Servir um Ho - mem» - nada mais, nada menos do que um li - vro de cozinha.

2º canal, às 20.05: «5ª Dimensão»

20.30 - Uma Família às Di - reitas
53º Episódio

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - A Quinta do Dois
23.20 - E de Ler

AMANHÃ

RTP-1

17.30 - Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Palavras Cruzadas
20.35 - Palácio dos Sonhos
21.30 - Tudo é Espectáculo
22.30 - Hitchcock Apresenta
23.00 - 24 Horas
23.30 - Remate

RTP-2

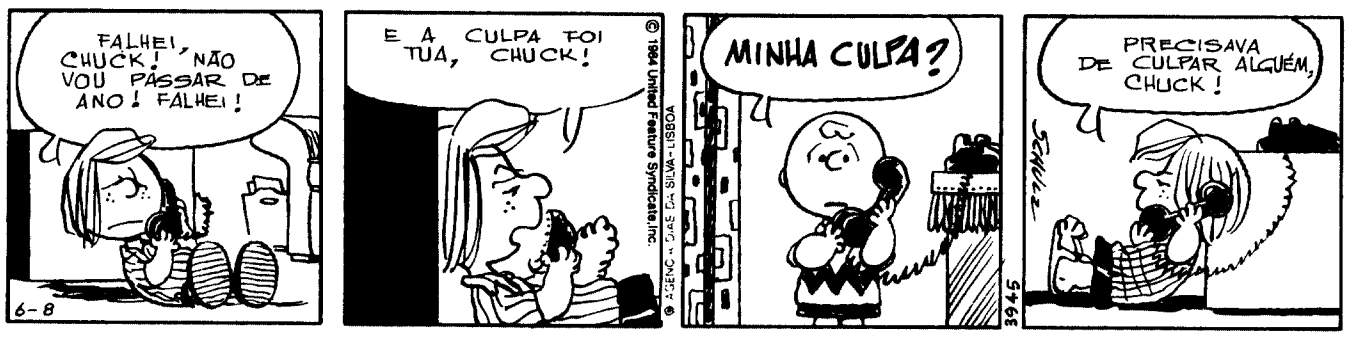
15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.30 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Contraponto
22.30 - O Bravo Soldado Schweick
23.30 - Uma Boa Ideia
23.40 - É de Ler

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 2, 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21). Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira. 40$00 **DEPÓSITO LEGAL: 1426/82**



ÚLTIMA HORA

O Conselho de Ministro aprovou ao fim manhã um decreto-lei destinado a «dignificar a Bandeira Nacional com símbolo da Pátria». O novo decreto estabelece as regras gerais para a utilização da Bandeira Nacional, substituindo a anterior legislação «do princípio do século, dispersa e incompleta», de acordo com o preâmbulo do diploma. «O objectivo destas novas regras é dignificar a Bandeira como símbolo da Pátria» e «avivar o seu culto entre todos os portugueses», diz o texto. O Conselho de Ministros continuava reunido à hora a que foi anunciada a aprovação deste decreto-lei.

Dólar perdeu esta semana quase três escudos

Tal como está a acontecer nos principais mercados financeiros, o dólar voltou hoje a descer em Lisboa, atingindo a cota de 137.25 escudos, a mais baixa desde Junho de 84. De ontem para hoje o dólar perdeu 0,70 em relacão ao escudo e, comparativamente a segunda-feira, já se desvalorizou 2,927 escudos.

Nos últimos dias o dólar acentuara a queda livre em mercados como os de Tóquio, Paris e Frankfurt e, não obstante haver alguns sinais de recuperação nas sessões matinais de hoje, a tendência geral continua a ser de baixa. Ontem, em Paris a divisa norte-americana conheceu a sua mais baixa cotação desde 25 de Maio de 1982 sendo, pela primeira vez vendido, desde então, abaixo de seis francos: 5.925 contra 6.073 na cotação de terça-feira.

As vendas aceleradas de dólares, ontem registadas, ligam-se ao facto de o presidente Reagan não ter feito qualquer menção à desvalorizacão em curso da moeda norte-americana na sua mensagem sobre o estado da União. Cambistas interpretaram essa ausência de referências como confirmação de que os Estados Unidos pretendem mesmo deixar cair o dólar até à paridade de 1,60 marcos (estava ontem em 1,774) e 150 iénes(fechou em Tóquio a 151,20).

Os cambistas recordam, por outro lado, que a nota verde perdeu 44 por cento relativamente ao franco francês no período de dois anos. A 26 de Fevereiro de 1985 o dólar atingiu a cotação recorde de 10,6145 e agora já está a cair dos seis francos.

Segundo as cotações distribuidas esta manhã pelo Banco de Portugal, a cotação oficial em Lisboa, para o dia de hoje, foi de 136.75 a compra e 140.25 a venda, nas notas de 1 e 2 dólares, e 137.25 a compra e 140.75 a venda de notas maiores.

Quebra do mercado não oficial travou a euforia na Bolsa

A Bolsa de Valores de Lisboa não acompanhou ontem o movimento de euforia registado na véspera, tendo o movimento de acções apenas verificado um acréscimo de cerca de 8 mil contos, num total de 438 669 contos.

Este facto ficou a dever-se a uma quebra do mercado não oficial que baixou o seu movimento de transacções de 252 478 contos para 148 937 contos, em que o movimento de acções desceu cerca de 30 mil contos.

O valor global da transacção de acções foi mantido pelo movimento do mercado oficial, onde se registou uma subida de 262 806 contos para 304 465 contos. O volume em dinheiro transaccionado neste mercado, incluindo o relacionado com as obrigações, cresceu de 338 187 para 398 100 contos.

O movimento de ontem foi particularmente animado pela procura de agentes estrangeiros directamente ou através dos bancos instalados em Portugal. Observadores na Bolsa apontavam esta manhã a apetência dos investidores estrangeiros pelo mercado português de capitais como a principal razão para o recorde absoluto de anteontem, e responsável por mais de metade do movimento de acções de ontem.

Contrabandistas largaram a mercadoria e fugiram

Uma patrulha da Guarda Nacional Republicana do Sabugal, perseguiu ontem duas viaturas ligeiras que se tornaram suspeitas e que viria a apreender juntamente com as respectivas cargas. No entanto os condutores das viaturas, uma delas com matrícula falsa, conseguiram fugir momentos antes da chegada dos agentes de autoridade.

Prosseguem diligências para a sua identificação e localização enquanto as viaturas e as mercadorias apreendidas, 200 quilos de marisco e 2 300 quilos de carne de vitela foram postos à ordem do Tribunal.

/D/E/C/A/R/A/S/

CHIANCA DE GARCIA, escritor, dramaturgo, realizador de cinema, colaborador do «DL» morreu, faz hoje, quatro anos. Nascido em Maio de 1898, se fosse vivo teria 88 anos. De «Ver e Amar» (1930) a «Trevo de Quatro Folhas» (1936), e à «Aldeia da Roupa Branca» (1939), sem esquecer «A Rosa do Adro» (1938), Chianca de Garcia marcou, com a sua presença e imaginação, uma fase do cinema português de gosto popular. Em 1939, retirou-se para o Brasil e de lá enviou para o «DL» as suas «Cartas do Brasil» e a interessante série memorialística: «Os Verdes Anos da República de 1910».

MARIA FELIX, a mais famosa artista do cinema mexicano, volta aos estúdios, após prolongada ausência, para protagonizar a película «Eterno Esplendor». A rodagem começa em Março sob a direcção do jovem realizador mexicano Jaime Humberto Hermosillo. Maria Felix desempenhou o principal papel em filmes como «Maclovia», «La Cucaracha», «Dona Barbara» e «La Bandida». A fotografia de «Eterno Esplendor» estará a cargo de Gabriel Figueroa, considerado o melhor operador de câmara do cinema mexicano.

FRANCISCO SOUSA TAVARES foi o convidado de um pequeno-almoço aberto aos jornalistas num hotel de Lisboa. Falou-se de tudo: de política e de políticos, de Cavaco Silva, de Freitas do Amaral, de Mário Soares «monarca constitucional», de um «trabalho confidencial» que referiu mas não divulgou, de outro que lhe foi encomendado pelo secretário de Estado Carlos Pimenta. E, também, do «caso Dopa». Sousa Tavares disse esperar o julgamento sem receios. Mas - permita-se-nos uma curiosidade jornalística - terá sido Sousa Tavares o único cliente da «Dopa»? Outros nomes conhecidos, e sonoros, não teriam utilizado os serviços da «Dopa»?

SOLILÓQUIO é o pseudónimo de um brilhante cronista do espectáculo tauromáquico que soube dar-nos a «Festa» como arte, aventura e cultura. Colaborador habitual do «DL», Solilóquio é o autor de volumes de crónicas de touros e de toureiros muitos dos quais se encontram esgotados. Temos presente, a saída do prelo, a sua mais recente colectânea de crónicas: «Na Arena, ao Cair da Tarde». São crónicas publicadas no «DL» com a única excepção de «A magestade, em seu trono» que foi publicada na revista «Festa». Hoje, damos a cara de Solilóquio, outro dia falaremos do seu livro.

JOAO PALMA FERREIRA, cujo afastamento da presidência do Instituto Português do Património Cultural suscitou reacções desencontradas, foi referido em declarações do presidente da Câmara de Santarém, Ladislau Botas, ao vespertino «A Capital», em termos elogiosos, a propósito das obras de restauro do Convento de S. Francisco. Disse Ladislau Botas: «O dr. João Palma Ferreira foi o grande impulsionador das obras... Tenho a nítida sensação de que se Palma Ferreira tivesse continuado no cargo, as obras estariam muito mais avançadas». As opiniões de Ladislau Botas são um desafio a que o Engenheiro António Lamas terá que dar resposta.

D. MANUEL DA SILVA MARTINS, bispo de Setúbal, apelou ao empenhamento dos professores na educação sexual das crianças «para se tornarem homens felizes». D. Manuel da Silva Martins falava para mais de 200 professores primários de Setúbal, Palmela e Sesimbra reunidos na Salão Stella Maris, em Setúbal, para debaterem o tema «Educação sexual e afectiva na escola primária». Em declarações à agência Lusa, o professor primário António Serrano disse ainda que «no encontro foi referido que os pais muitas vezes são responsáveis pela ignorância sexual dos filhos». O encontro recomendou «a preparação da criança e do adolescente para saberem esperar».

UCAL está em greve

«Não há dúvida que há greve», disse esta manhã ao «DL» o presidente da direcção da Ucal. Apesar de não ter ainda números sobre o seu alcance, Luís Cabral disse que «neste momento, leite há, distribuição é que não», e acrescenta que estão a fazer todos os esforços para «minimizar a repercução no público».

Da parte dos sindicatos, a greve ontem iniciada está a ter uma adesão de cerca de 90 por cento dos trabalhadores, garantiu ao «DL» um membro da Federação dos Sindicatos Químicos.

Este valor refere-se aos trabalhadores que deveriam ter iniciado o seu trabalho no primeiro turno, «período em que está a maioria das pessoas». Segundo os sindicatos, das 18 viaturas que deveriam ter saído às cinco da manhã, apenas sairam quatro, embora segundo aquela federação, os piquetes de greve garantirão o abastecimento de leite a serviços considerados prioritários como hospitais ou creches.

A greve foi convocada contra a discriminação salarial entre trabalhadores filiados em sindicatos da UGT e da CGTP. De acordo com a Federação dos Químicos, a administração não estará a aplicar um acordo de princípio assinado com os sindicatos da CGTP, em que se compromete a actualizar os salários de 700 dos 900 trabalhadores, não vinculados a um contrato colectivo acordado com os sindicatos da UGT, em Dezembro passado, prevendo um aumento de 12 por cento.

A direcção da empresa afirma que o acordo de princípio foi assinado por dois administradores não mandatados para esse efeito, não vinculando a empresa às condições estipuladas.

Joanesburgo anula censura

O Supremo Tribunal de Joanesburgo anulou hoje uma ordem emitida pelas autoridades sul-africanas que proibia os jornais de noticiarem os objectivos de grupos ilegalizados.

A proibição impedia os jornais locais de fazerem qualquer referência ao Congresso Nacional Africano (ANC), que combate o sistema de «apartheid».

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA» SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

N.º 288

Às páginas mais pesadas da literatura portuguesa

Pág. 2

O canteloso Reydis e a sua papisa

Pág. 3

Entrevista com o autor de «A casa do Fogo»

Um professor de Letras, Fernando Campos, sai do anonimato com um romance que disputa público a David Mourão-Ferreira e a José Saramago.

Pág. 5

Robert Musil ou a energia de pensamento

Pág. 4

A propósito de «Golpe de Misericórdia» de Marguerite Yourcenar

Para Jorge Reininho

«SEI que me inscrevo contra a moda, se acrescento que uma das razões que me levou a escrever **O Golpe de Misericórdia** é a intrínseca nobreza das suas personagens. É preciso que nos entendamos sobre o sentido desta palavra, que para mim significa ausência total de cálculos interessados. Não ignoro que existe uma espécie de perigoso equívoco em falar de nobreza num livro cujas três personagens pertencem a uma casta privilegiada de que eles são os últimos representantes. Por demais sabemos que as noções de nobreza moral e de aristocracia de classenem sempre se sobrepõem, muito longe, disso. Cairíamos, por outro lado, no preconceito popular actual, se nos recusassemos a admitir que o ideal d nobreza de sangue, por muito artificial que seja, favoreceu algumas vezes em certas naturezas o desenvolvimento duma independência ou duma dignidade, duma fidelidade ou dum desinteresse que, por definição, são nobres.»

O fascínio que em mim exercem as persoagens, as tramas, os cenários de Marguerite Yourcenar, derivam dessa nobreza por ela realçada em relação a **O Golpe de Misericórdia.** Num século marcado por ensaios de rupturas, dos Futurismos, às «vanguardas» experimentalistas de há vinte anos, uma voz como a de Yourcenar representa algo de singularmente belo e pedagógico. Remar contra a maré não significa em Yourcenar uma atitude de rebeldia adolescente, tão ao gosto das gerações de sessenta que, após o fugaz grito, se remete ao desespero, ao silêncio. Bem pelo contrário, nessa opção da autora definem-se uma maturidade, um rosto, presentes, aliás, nos géneros que visita.

Assim, enquanto o Modernismo impõe a sua imagem do homem dividido, Yourcenar encontra na história antiga, nas fábulas, nas lendas, nas velhas tradições, olhares que tentam desvendar as eternas questões ontológicas. Nos instantes que essas por vezes breves narrativas são, o homem e a arte insinuam um sentido unitário que o Modernismo julgou perdido.

Vários são agora os caminhos insinuando uma mediação diferente com o eu e os outros. Como naquele baixo relevo de José Pedro Croft: primeiro, observamos os gansos conduzidos pelos homens vendados; num outro instante, o homem **funde** o seu rosto na máscara da ave. E um olhar diferente, mais total, sobre as origens se define através dos sagrados rituais. Como em **Dolmen Music,** de Meredith Monk. Ou como as aves de Ana Marchand, iludindo no movimento o seu percurso, e no espaço a identidade (simulada pela diluição). Ou no silêncio ósseo, expectante, narcísico, de Rui Chafes.

Será, então, a demanda de um primitivo, tão próximo da natureza do mítico **original**. À semelhança do que alguns dos melhores poetas americanos mais recentes, como W. S. Merwin, Robert Bly, James Wright, Galway Kinnel, Mark Strand, James Tate e Chales Simic, têm realizado à luz de Jung (Cf. Paul Breslin, **How to read the new contemporary poem**). Veja-se, por exemplo, o excerto seguinte de um poema de Galway Kinnell:

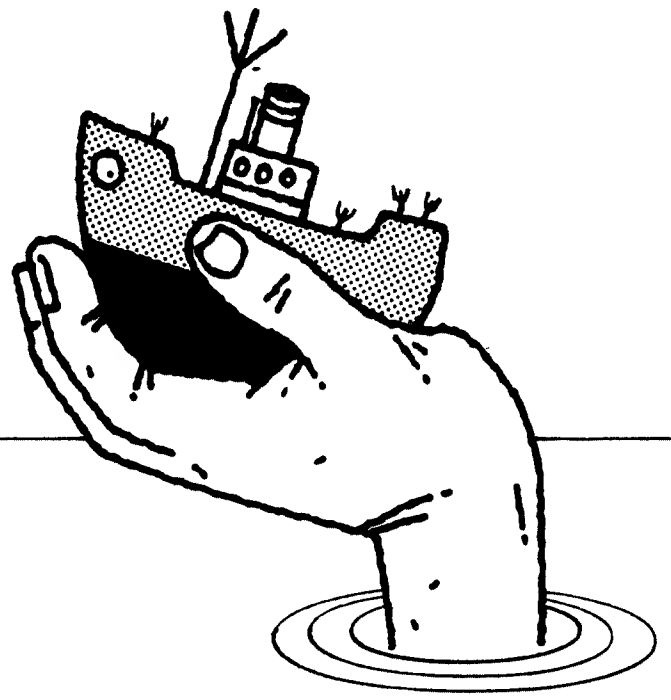
I sit a moment
by the fire, in the rain, speak
a few words into its warmth-
stone saint smooth stone...

A procura desse lugar unitário assume em Louise Glück uma dimensão uterina, matricial. **For My Mother:**

It was better when we were
together in one body.
Thirty years. Screened
through the green glass
of your eye, moonlight
filtered into my bones
as we lay
in the big bed, in the dark,
waiting for my father.
Thirty years. He closed
your eyelids with
two kisses. And then spring
come and withdrew from me
the absolute
knowledge of the unborn.

No século passado, o monismo eufórico de Emerson confirmou esse lugar unitário no presente histórico e não como sucede com estes poetas num distante momento reactualizado apenas na linguagem através de Jung ou de Freud.

Continua na pag. 2



LEITO

Vip

Souza Pinto morre aos 85 anos

O fundador da editora Livros do Brasil, António de Souza-Pinto, faleceu em Lisboa no passado dia 22, com 85 anos. Souza-Pinto criou primeiro no Brasil a Livros de Portugal, lançando posteriormente (em 1944) uma editora «simétrica» em Lisboa, inicialmente destinada a publicar grandes nomes da literatura brasileira entre nós. Jorge Amado, Graciliano Ramos, Erico Veríssimo, Lins do Rego estão entre os autores dados a conhecer ao público português pela Livros do Brasil. Com as suas colecções «Dois Mundos», «Miniatura» e «Vampiro», a editora desempenhou durante décadas um papel de primeira importância no nosso mundo da edição. A Livros do Brasil passa agora a ter à sua frente António Luís Souza-Pinto, filho do falecido.

Filmes portugueses no estrangeiro

O Meu Caso, de Manoel de Oliveira, e **Uma Rapariga no Verão,** primeira longa-metragem de Vítor Gonçalves, estarão no festival de Roterdão, que decorre entre 30 de Janeiro e 8 de Fevereiro. **Uma Rapariga no Verão** passou também em Florença, esta semana, num festival dedicado a jovens realizadores.

Literatura comparada vai a Roterdão

Recentemente criada e tendo como presidente Maria Alzira Seixo, a Associação Portuguesa de Literatura Comparada está a organizar a representação portuguesa para o Congresso que decorrerá em Munique em Agosto de 1988, subordinado ao tema **Espaço e Fronteiras da — e na — Literatura.** Manuel Gusmão, David Mourão-Ferreira, Maria de Lourdes Belchior e Helena Buescu são algumas das individualidades igualmente ligadas aos corpos gerentes da associação.

Manitas de Plata em Lisboa

Manitas de Plata, o inacreditável guitarrista do flamenco, chegou ontem a Lisboa para um concerto (amanhã) na capital e outro (sábado) no Porto. Oportunidade única para ouvir, ao vivo, a espantosa arte deste homem, que encantou — e continua a encantar — gerações.

Marguerite Yourcenar e o «Golpe de Misericórdia»

Continuação da pág. 1

Em Emerson o homem renascia sob a sua dimensão unitária, adâmica, reunindo em si ética e estética. O homem finalmente nobre e belo. Mas o monismo, a inocência de Emerson, provocavam um desajustamento face à realidade, o que o tornou, por vezes, amargo na velhice.

Essa inocência não se encontra naqueles poetas. Nem em Yourcenar. Quando ela surge na autora, é mediada pelo olhar estético, artístico, nobre, que ela observa em certa aristocracia. Olhar definido pelo encontro do sentir, da cultura, da atitude face a si e aos outros, que não se adquire numa qualquer escola, visto se ter insinuado e firmado ao longo da tradição familiar e pessoal.

Essa tradição pessoal poderá ser traçada a partir do **segundo nascimento.** Como afirma Mário Casimiro em «O Seio Materno» (Revista Portuguesa de Psicanálise, n.º 3), «a criança tem de nascer pelo menos duas vezes. Do útero da mãe... ela transfere-se para outro recipiente onde iniciará um novo período de gestação, mais complicado e mais longo, sob o cuidado da mãe ou de quem a substitua...mesmo depois de adquirida a individualidade e a utonomia, permanecerá a nostalgia inconsciente do local da segunda gestação».

Será talvez nesse tempo de separação que se vão firmando traços inconscientemente sentidos e que nas narrativas surgem como distintivos das personagens que as habitam.

Lugares e tempos distantes fornecem as histórias onde aquela atitude desponta: em personagens como o velho pintor Wang-Fô e o seu discípulo Ling errando pelas estradas do reino de Han; ou na amargura irónica do sorriso de Marko; ou na mãe jovem que adia a morte até ao do desmame do menino. Enfim, em todas as personagens que de uma forma ou de outra se afiguram como protagonistas de uma atitude singela, firme, nobre e fatal. E também nos vários narradores a quem se estende aquela essência. No fundo, a quem se estende a empatia dos protagonistas, das suas atitudes, das suas aventuras. Um olhar atento e lúcido como em «O Homem que Amou as Nereidas». Em **Contos Orientais,** lugares e tempos distantes enunciam gestos que a nossa tradição cultural ou já há muito esqueceu ou desconhece. Vejamos o que nos diz o segundo narrador de «O Sorriso de Marko»: «Contei-lha (a história de Marko) tal qual ma ensinaram os camponeses da aldeia onde vivi o Inverno passado, ocupado a abrir um túnel para o Expresso do Oriente. Não que pretenda desfazer dos seus heróis gregos, Loukiadis: esses fechavam-se nas suas tendas em acessos de raiva; gritavam de dor junto aos amigos mortos; arrastavam pelos pés os cadáveres dos inimigos, de roda das cidades conquistadas; mas pode crer que faltou à **Ilíada** um sorriso de Aquiles.»

Ora a **Ilíada,** os seus heróis, os seus amores e paixões, os seus actos de bravura e de desespero, estão para o nosso inconsciente (cultural) colectivo, como a «**stone saint smooth stone**», do poema de Kinnell antes citado, está para o inconsciente individual. Ambos são início, resíduo primodial. Deste modo, os **Contos Orientais** encontram na memória narrativa **estranha** algo que nos falta: na relação com o eu, com os outros.

A arte pode desempenhar aí uma função singular. Mediadora na relação do eu com o real? Não só, mas também. **A arte é aquele sentir e olhar endógeno.** Elemento não adquirido que nasceu num qualquer instante longínquo. Como a nobreza moral. Por isso o seu domínio não é o do subsconsciente mas simo de um inconsciente **naturalmente** capaz de dialogar com o eu. Não se associa à inocência, como em Emerson, mas à lucidez, participando todavia de um eu unitário.

Assim as personagens podem oferecer uma relação diferente com a realidade. Criar, enfim, a sua realidade própria. Aquela que é a verdadeira realidade. E depois desaparecer «para sempre naquele mar de jade azul que Wang-Fô ali mesmo inventara».

Mário Avelar

Poesia em azulejo

As três páginas «mais pesadas» da literatura portuguesa

AINDA um dia se há-de fazer qualquer coisa como o «Guinness-Book» da literatura portuguesa. E será certamente um livro interessante (à letra: que pode interessar), pelo menos como arquivo de curiosidades. Pensando um pouco, nem se compreende que tal livro ainda não tenha sido feito, e custa admitir que a ideia nem tenha ocorrido a algum autor ou editor. Pensando um pouco mais, não tem nada de surpreendente. Nestes domínios (dos livros, da edição deles), está longe de ser a única lacuna. Há aí muita coisa que ainda não se fez. Poderíamos ilustrar com uma infinidade de exemplos, mas quedemo-nos pelo caso dum livro de «records».

Num arquivo assim, de curiosidades, teriam lugar inúmeros «máximos» e outros tatos ou mais ou menos «mínimos». Por exemplo, — e são os casos que ocorrem logo a uma primeira chamada à mais elementar imaginação, — as maiores (e as menores) tiragens, as maiores (e as menores) produtividades, etc., etc., aqui compreendidos mil e um pormenores mais ou menos interessantes à volta de livros e autores, e das histórias e dos bastidores, mais ou menos conhecidos das letras (e já agora, também das artes), em Portugal.

Há muita coisa que se sabe ou julga saber, mas nem sempre ocorre, ou, quando ocorre, não se pode afirmar com grande segurança. Por exemplo, julga-se saber que o escritor mais produtivo, pelo menos em títulos e em volumes, foi Camilo. Mas não se pode dizer isso sem alguma reserva: pode haver quem porventura tenha escrito e publicado mais do que o autor de **Amor d Perdição.**

Também se julga saber que a maior tiragem que alguma vez se fez duma edição de algum livro em Portugal foi a edição (aliás, reedição) de **Versos e Alguma Prosa de Luís de Camões,** de Eugénio de Andrade, em 1977, chancela da Moraes e da Fundação Calouste Gulbenkian para o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades: 500 mil exemplares — é esse, pelo menos, o número que consta.

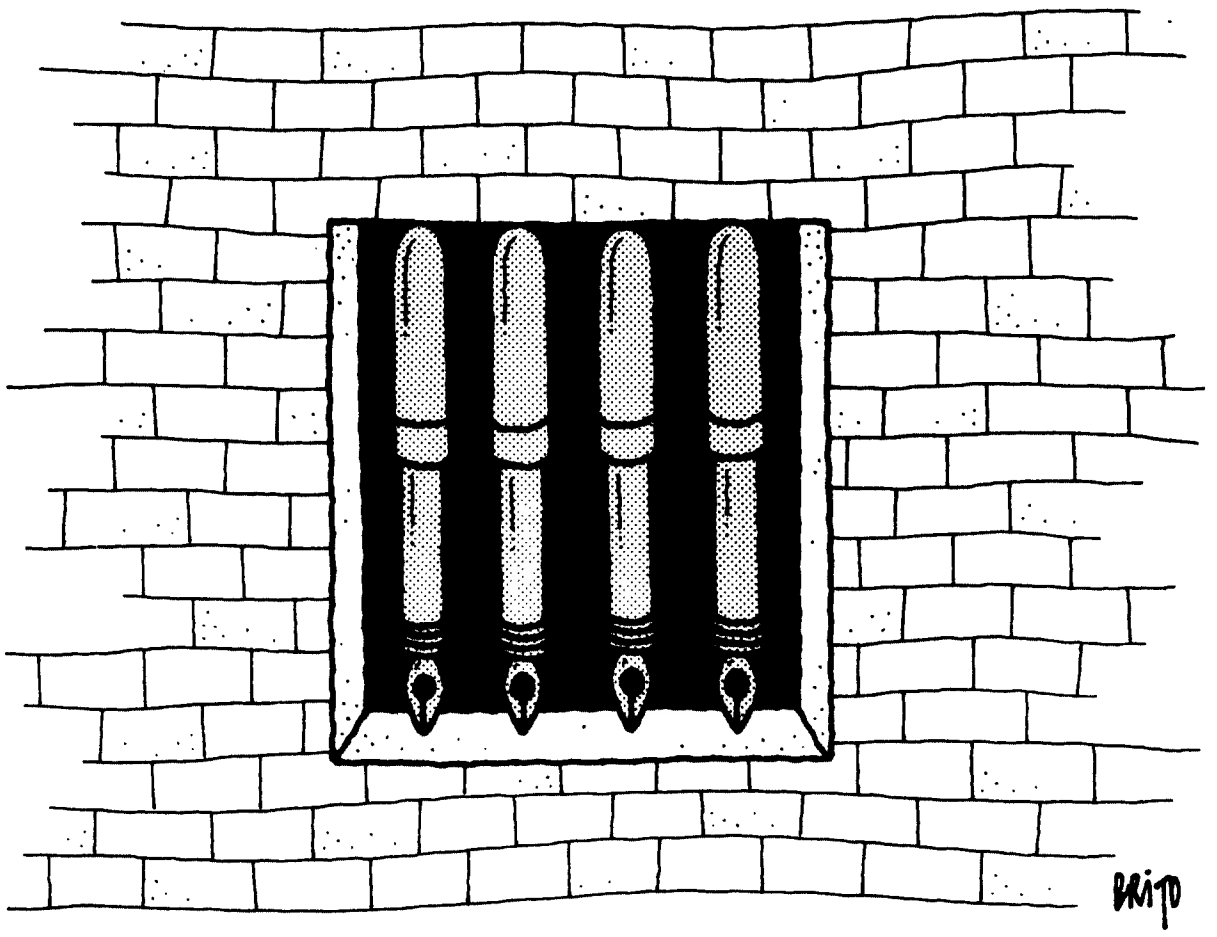
A maior tiragem duma primeira edição (de obra literária, pelo menos) é recente: **Jangada de Pedra,** de José Saramago, 40 e tal mil exemplares.

Mas, já que falamos de factos recentes, aqui fica notícia dum novo recorde nas letras portuguesas: é a publicação da sétima série da **Para cá das Aves,** de José Bebiano, pseudónimo, ou um dos heterónimos (o outro é Ana de Sá), de Carlos Mota de Oliveira, e propõe-se-nos impresso em três azulejos, dentro duma caixa de cartão. As três páginas mais **pesadas** da literatura portuguesa — adianta o poeta, na dedicatória a acompanhar o envio que nos fez.

Não temos mais pormenores, mas também parece que não haverá muito mais curiosidade para além disto: a novidade dos processos, sem precedentes, em casos de autores que tenham a própria obra em curso de publicação.

Cabe aqui dizer alguma coisa de que se trata, José Bebiano, aliás, Carlos Mota de Oliveira, para se ter uma ideia do que isso poderá constituir de maior ou menos valorização.

Carlos Mota de Oliveira não estará num primeiro plano de referências da actual poesia portuguesa. No entanto, os dez ou doze títulos que ele até hoje publicou, ou lhe publicaram, — em livro, caderno, ou cartões soltos dentro duma caixa, — são já uma obra breve mas significativa, no mínimo, e que será importante considerar, por exemplo, numa segunda escolha (ou numa primeira escolha, desde logo, alargada) da poesia portuguesa mais recente, quando porventura for caso de fazer uma antologia desta produção. A constante titular **Para cá das aves** (de que estes azulejos, agora, são a sétima sequência) dá ideia dum projecto que está a ser realizado. Antes disto, porém, houve mais, — e é encontrável nas livrarias em forma de livro, como obra de Ana de Sá, (Ana de Sá, aliás, é o título, e na capa nada mais consta), em edição da Fenda, de Coimbra, aqui há anos. Em tempos saiu, com o nome próprio do autor, uma plaqueta na Inova, título **Anjos.** Falámos aqui desta obra há cerca de dois anos (vd. «DL», 24/1/1985).



Supõe-se que estas três «mais pesadas» páginas da literatura portuguesa não estão à venda nas livrarias, ou em alguma loja de cerâmica, artesanato, comércios afins. Tem, pois, algum cabimento trascrever aqui o poema de abertura, titulado «Praia da Galé», — já que transcrever os vinte poemas ocuparia demasiado espaço, e dispensaria algum leitor de procurá-los na forma de azulejos.

«Praia da Galé» — «Voltas de novo a esta meia geografia de grãos de areia, poesia. / Jurava até lá longe na mãoque jamais seria feliz a tua / chegada, mas acabo por ceder, uma última vez. / Mas não tornes a vir, poesia. / Os corvos dos construtores civis, prósperos, doentios, sem história, / e o poder começam agora a chegar a esta praia. / Por mim resta-me fechar os olhos entre os grãos desta areia e adormecer com eles».

Isto da praia da Galé traz outra ocorrência. Já em tempos, numa das primeiras sequências de **Para cá das aves,** a praia da Galé aparecia, e propunha-a José Bebiano num envio singular de Carlos Mota de Oliveira, — envio singular nas duas acepções do adjectivo, uma das quais respeitante a um grão de areia guardado num pequeno invólucro, a acompanhar os poemas...

Luís de Miranda Rocha

O cauteloso Royidis e a sua papisa

APESAR da contestação do autor Emanuel Royidis ao romantismo, o próprio título da sua obra **Papisa Joana, Uma Biografia Romântica,** encerra o paradoxo presente em todo o texto da constância mais ou menos inquieta entre o Medievalismo, em que cronologicamente os personagens mergulham, e a Contemporaneidade do autor, morador de um século XIX, palpitante em nacionalismos reivindicantes, romantismo exacerbado, cientifismo emergente. É a descoberta do Mediterrâneo pelo Ocidente, de um mediterrâneo bizantino em que o exotismo é o «Domínio».

O republicanismo anticlerical insinua-se no decurso do romance. A lenda que é origem de toda esta narrativa, denuncia a intensa vivência no colectivo diário que Royidis pratica escolhendo, como fonte da sua prosa «(...) a história do misterioso Papa João VIII que durante dois anos, cinco meses e quatro dias orienta a cristandade do seu posto de Supremo Pontífice». (p. 6)

«O prefácio do autor à edição definitiva de Papisa Joana é formado por uma extensa referência às autoridades que se referiram ao caso da Papisa, acompanhada de uma considerável recensão das várias opiniões a favor e contra a sua existência. Poder-se-á certamente pensar que tudo isto tinha pouco a ver com o romance, mas Royidis defendeu-se assim contra os seus críticos, reivindicando o facto de ter inventado muito pouco que não pudesse aliás ser justificado por uma qualquer autoridade na matéria. Acrescentou ainda que o seu retrato de Atenas do séc. IX derivava de fontes que de modo algum podiam ser postas em causa.» (p. 7)

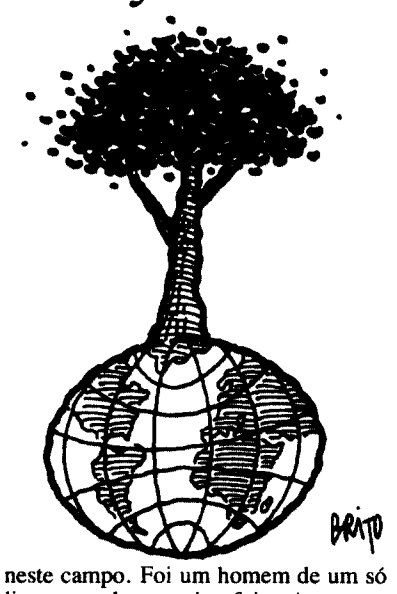
É fundamentalmente o romancista que dialoga. A sua defesa construída no seu posicionar-se como biógrafo, bebendo os factos coligidos por historiadores não é de forma alguma o fulcro da sua composição narrativa. O divórcio, sempre constante entre actualidade (séc. XIX), autor, leitor — autor, leitor — acção, ambiência, tecem uma intricada rede, onde os elementos confluem como presenças diacrónicas, e sincrónicas, identificação íntima não tanto com a personagem mas sim com o mundo interior e exterior de Royidis.

Não é o mergulhar de Mary Renault: «Disturbed by all this, the child's living girdle writhed, and lifted its head. Till now, Philip had not seen it.

«What's that?» His pointing finger shook. «Whts's that upon the boy? That thing of yours? Are you teaching him now? Are you making him into a back — country, snake — dancing, howling mystagogue? I tell you, I'll not endure it, take heed of what I say, before you suffer; for by Zeus I mean it, as you feel. My son is a Greek, not one of your barbarous cattlelifting hillmen...»

«Barbarous!» Her voice rose ringing, then sank to a undertone, like Glaukos when angered «My father, you peasant, sprang from Achilles, and my mother from the royal house of Try. My forbears were rulling men, when yours were hired farm-hands in Argos, Have you looke in a mirror? One can see the Thracian in you. If my son is Greek, it is from me. In Epiros, our blood runs true». (1) Aqui a paixão do escritor pelo personagem fazem-no viver a ficção recriada. O seu personagem histórico, outrora vivo, quente, humano, caminha no seu esforço, marcador do passado. «Precisamente porque ele agrada-me, interessa-me, diverte-me, comove-me, pelos seus méritos, pelos seus triunfos, pelas suas misérias, pelas suas grandezas e, até, pelos seus defeitos e, por vezes, pelos seus vícios. É preciso suportar tudo: uma biografia é um casamento. O meu personagem nunca me deixa indiferente — sobretudo quando me escandaliza». (2)

Para Durrell, tradutor para língua inglesa deste autor grego, Royidis era um «ensaísta e articulista bem conhecido do público de Atenas, não se justifica todavia uma tradução do seu trabalho



neste campo. Foi um homem de um só livro e, tendo-o escrito, foi muitas vezes chamado a defendê-lo, o que fez aliás com grande prespicácia e ironia». (p. 8)

Ensaio que se delinea na busca constante de soluções narrativas, principalmente nos primeiros capítulos da obra, artigo denunciado no presente apelo à modernidade em que se encontrava profundamente mergulhado, arrastando sempre o seu cúmplice «o leitor». Papisa Joana como figura apócrifa foi sempre negada. «Insistiu até ao fim que inventara bastante pouco da história original, o que aliás se comprova através do seu artigo dedicado à existência da Papisa Joana, que se encontra repleto de retórica e de erudição que ele pretendeu deixar de fora no romance». (p. 8)

Debate-se na lenda, o seu critério de credibilidade e autenticidade da tradição. A sua entrada na historiografia faz-se em meados do séc. XIII nas Crónicas do dominicano Martinho Troppau, Martinus Polonus sendo posteriormente retomada, reesrita, e ganhando fascinantes roupagens míticas, pelo impreciso, brumoso do tempo que a envolve.

«E sse o Senhor Deos a nos outorgasse o que a alguũs escrevemdo nom negou, convem a saber, em suas obras clara certidom da verdade, sem duvida nom soomente memtir do que sabemos, mas ahimda erramdo, falsso nom quiriamos dizer; ...

E seemdo achado em alguũs livros o comtrairo do que ella falla, cuidaae que nom sabedormente, mas erramdo muito, disserom taaes cousas. S outros per ventuira em esta cronica buscam fremosura e novidade de pallavras, e nom a certidom das storias, desprazer lhe ha de nosso rrazoado, muito ligeiro a elles douvir, e nom sem gram trabalho a nos de hordenar.» (3) Royidis como moderno é extremamente cauteloso no trabalho de romancista — biógrafo, consciente do seu público, define os propósitos que presidem à sua narração. Pascal é o tradutor do seu estar. «Il y a bien de la difference entre rire de la religion, et rire de ceux quila profanent par leurs opinions extravagantes.» (p. 13) Oferece a forma do seu discurso. «Mas embora eu próprio me reconheça como um partidário das regras, prefiro os métodos do escritor de sagas ou do acusador público que ao pretender descrever um herói ou um tratante, o agarram no berço e o acompanham cronologicamente até à imortalidade ou até à forca» (p. 13) Recorre ao conhecimento histórico, como factor de credibilidade, sublinhada pela ironia e humor com que desfia a sua trama narrativa. É à crónica de costumes que o leitor tem acesso.» O casamento foi feliz. Durante o dia, o monge saltitava de castelo em castelo vendendo orações e rosários sagrados; à noite voltava a sua casa, com as mãos babadas de beijos dos fiéis e o saco cheio de pão. pastéis de carne, bolos e nozes. ...

Judite, quando ouvia o marido cantar no vale, punha sobre um estrado tosco a gamela comum o garfo de ferro, o copo de corno de búfalo e acendia a lareira para aquecer a comida. (...) Depois da refeição da noite, o jovem casal estendia as peles de carneiro numa cama de folhas secas, deitava-se e tapava-se com uma pesada pele de lobo. Quanto mais agreste o vento norte, quanto mais intensa a neve durante o inverno ais se enlaçava este feliz casal. «(p. 15) Ainda que contestada pelo autor toda e qualquer erudição, uma súbtil mordacidade acompanhada pelo conhecimento clássico, se pratica na concretização de todos os intervenientes no romance. A subjectividade íntima e ironizada pontua os factos coligidos interventores no discurso, apelando-se sempre ao leitor. «Enquanto os deixamos navegando sob a divina protecção da Cruz, gostaria de interromper a narrativa para informar o leitor das verdadeiras intenções do bondoso bispo Volscus que o fizeram lançar à mercê das ondas parte considerável da nata eclesiástica inglesa. Para o fazer seremos todavia obrigados a despedir-mo-nos dos bretões e a actuar em terra dos francos» p.17. Recorre à taumaturgia cristã, mesclando-se igualmente as referências à hagiografia, mitologia clássica, Dogma cristão tanto ocidental como bizantino, confluindo os diversos mundos, numa constante transição evolutiva que vive de ritmos distintos.

Este é o invólucro, o contexto, as águas donde parte «O Grego» em busca do Mediterrâneo quente, leitoso, sossegado da escrita.

Notas

(1). Mary Renault, **Fire From Heaven,** Penguin Books, 1984

(2). **História e Nova História,** artigo de Jean Orieux, Teorema, 1986

(3) Fernão Lopes, **Crónica d'el Rei Dom João I da boa memória,** Lisboa, Imprensa Nacional, 1977.

Nota: A tradução portuguesa da obra **Papisa Joana,** editada pela Moraes, é de Mário Avelar

Ana Paula Menino

«A Odisseia de Homero»
João de Barros
Sá da Costa

Fala-nos a «Odisseia» de tantas e tão desvairadas ocorrências — inauditas façanhas e subtis ardis, mortes horrendas e muitas outras desgraças —, todas elas engendradas pelo que há de pior e de melhor nos homens e nos deuses (entre os Gregos, tão próximos!), que bem pequenos, senão míseros, nos sentimos na imensidão das terras e dos mares, no domínio vasto e profundo do Universo...

(Mais de vinte séculos depois de a cítara de Homero ter vibrado, Camões se perguntará: «Onde pode acolher-se um fraco humano,/onde terá segura a curta vida,/ que não se arme e se indigne o Céu sereno/contra um bicho da terra tão pequeno?»).

Dir-se-ia que o Homem está ferido — marcado pelos Fados — de uma definitiva e irremediável pequenez. E que, por isso, Ulisses tanto sobrestime a protecção benfazeja de Minerva, a deusa dos olhos límpidos que, no Olimpo luminoso, dele se apieda e, a tempo, lhe governa os passos.

...Uma coisa há, porém, que, em todos quantos lêem ou escutam a «Odisseia» subido espanto causa e enche de consoladora satisfação (como que os compensando da aludida pequenez) — e, essa, é o engenho, a astúcia, o primado da «sagesse» sobre o embotado senso comum, a vitória da inteligência sobre a ignorância das coisas e das significações.

É, com efeito, pelo sereno ajuizar das situações, pelo raciocínio, pelo ardil, por um nunca quebrar de ânimo, por um nunca soçobrar perante as mais eriçadas dificuldades, a mais monolítica adversidade, que Ulisses, o legendário filho de Laertes, logra avançar, progredir, vencer... Fora já graças a essa fina astúcia, a esse primado do espírito que perpassa por todas as páginas da «Odisseia» e as vivifica, que Ulisses lograra, aquando da terrível guerra de Tróia, penetrar, alojado no bojo do decantado «cavalo de pau», adentro da cidade sitiada...

...Astúcia, prudência, inteligência que agora o leva, na «Odisseia», a iludir não poucas vezes Neptuno, o poderoso e temido deus do mar, seu inimigo desde sempre; a escapar-se, na sinistra ilha dos Ciclopes, ao odioso Polifemo, filho de Saturno (aí, prudentemente, Ulisses se chamará «Ninguém»...); a subtrair-se ao feitiço de Circe; a esgueirar-se, incólume, entre Sila e Caribdes; a resistir ao arrebatador cântico das Sereias.

(Certo que aí, fraca a carne, Ulisses chega a pedir aos companheiros — o que significa, na circunstância, através de um simples franzir dos sobrolhos — que o desamarrem do mastro do navio... Mas essa fraqueza, em boa verdade, só confere humanidade, tocante humanidade, a Ulisses, a esse grande e incomparável Ulisses que não poucas vezes vemos

chorar ao longo do poema — chorar, aliás, que também é um cunho de humanidade...)

Astúcia, prudência, inteligência, dizíamos, que levam o homérico herói a lograr penetrar nos Infernos sem que Cerbero o ataque; a aceitar de Minerva, e oportunamente, a inestimável protecção que a deusa dos olhos límpidos só a raros concede; a rever Eumeu, Árgus, Telémaco; a derrotar os desavergonhados pretendentes (entre eles, o execrável Antino!) que lhe cobiçam a mulher fiel (a sua doce Penélope) e lhe desbaratam a fortuna; a lograr, enfim, o retorno ao lar e ao trono na sua bem amada Ítaca...

(Milénios volvidos, porá Camões na boca do Gama: «Esta é a ditosa pátria minha amada,/à qual se o Céu me dá que eu sem perigo/torne, com esta empresa já acabada,/ acabe-se esta luz ali comigo»...)

Um olhar de ciência literária — mesmo que escassa, esta... — que se lance sobre a «Odisseia» logo permite concluir que o poema, épico embora — «et pour cause...» —, e por demais conforme com uma genericidade de que é paradigma, não deixa de ter muito de narrativo: cantando os feitos famosos levados a cabo por Ulisses desde que, vindo de Tróia, buscava retornar a Ítaca, a «Odisseia», para além de se reportar com pormenor, nomeadamente através de Demódoco, às motivações e episódios do medonho conflito que um dia eclodira entre gregos e troianos, evoca e descreve muito do que a história e a lenda têm vindo a realizar nesse Mediterrâneo tão assediado de interesses e de impérios, nesse mar donde os deuses, reflectindo-se aliás na mente dos homens, se deleitam, incansavelmente, a jogar entre eles o xadrez dos mitos...

Cardinal que comanda toda a trama do poema, o propósito de retornar às praias acolhedoras, à boa terra de Ítaca, adquire a cada passo um «clímax» dramático, mercê de engenhosas e cativantes catálises: de Polifemo aos Feácios, de Calipso a Circe... Cardinal e catálises que relevam de valores como a propriedade, a riqueza, a honra, o prestígio, que bem caros eram já ao homem grego coevo dos lendários feitos que Homero evoca.

Volvidos mais de dois mil anos sobre a inspirada vibração da «cobiçada» cítara de Homero, intentava Camões fazer cessar «tudo o que a Musa antiga canta», ao ver que «outro valor mais alto» se alevantava (ou se alevantara...) — valor, esse, comprovado, real, histórico: o valor dos feitos do Gama e de tantos outros em quem poder não teve a morte...

Mítica, porquanto mera descrição (embora, e sempre, genial!) de feitos míticos a «Odisseia» de Homero entrara, sobretudo a partir do Humanismo e do Renascimento, e definitivamente, na História da Cultura.

Históricos, os gloriosos feitos da lusa gente ganhavam, cantados por Camões, o perfil de um mito. Em definitivo, também.

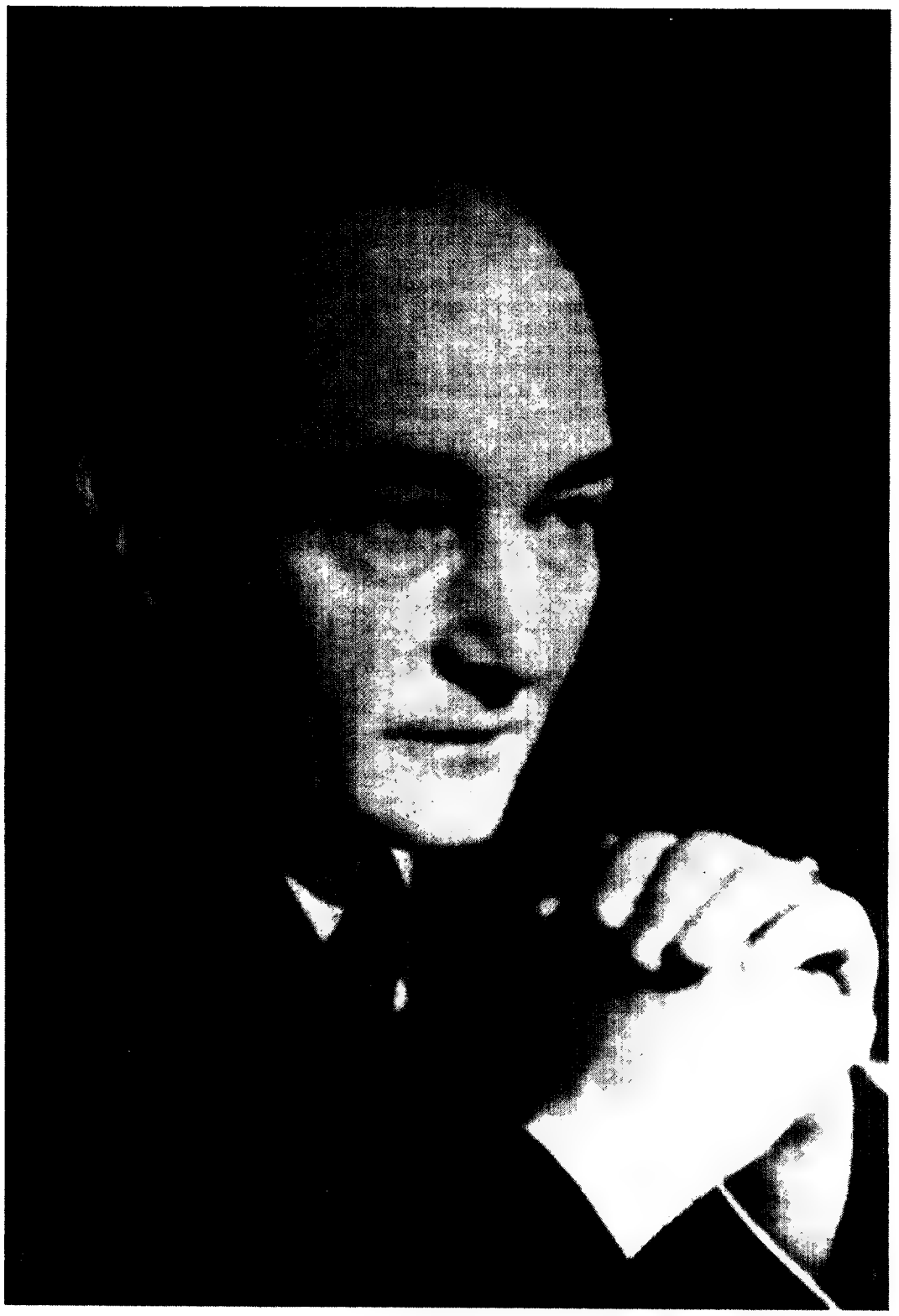
Diferentes, muito diferentes, os dois casos?... Sê-lo-ão, decerto, sob não poucas perspectivas. No que tange, porém, à Poesia — e Poesia com P grande (Homero, Camões...) —, as duas citações são por demais idênticas, pois pouco importa averiguar se a Poesia se (entre)tece sobre (ou de), mitos ou factos, sonhos ou realidades: o que monta é que se consubstancie em verbo, e este, com ou sem um referente concreto, se nos comunique, (re)operando em nós o milagre da criação...

Manuel Alexandre Alvim

Robert Musil

A energia apaixonada do pensamento

«É mais importante escrever um livro do que governar um império. E mais difícil.» O autor desta frase consagrou os seus últimos vinte anos a escrever um livro, o livro da sua vida e da sua época. *O Homem Sem Qualidades.*



ANALISTA glacial, Robert Musil, consagrado em 1930 pelo Colóquio de Viena como «o maior romancista de língua alemã do século», encarnou como nenhum outro escritor a nova consciência artística, liberta de todos os tabus, que aposta na «energia apaixonada do pensamento» e se pode caracterizar por uma certa utopia e um certo misticismo secularizado.

Musil levou até aos limites extremos a dissecação das aberrações e dos sentimentos humanos, mas opôs constantemente ao mundo *impossível* em que vivemos, o sonho de um universo ideal onde todos os conflitos seriam resolvidos. O amor entre o irmão e a irmã, em *O Homem Sem Qualidades*, exprime a imagem desse paraíso onde já não há homens nem mulheres, mas unicamente, para além de todas as contradições, um ser humano hermafrodita («só se pode amar a própria irmã, gémea e siamesa»).

Nessa obra gigantesca, frequentemente comparada ao *Ulisses* de James Joyce por se distinguir de toda a literatura romanesca existente, descreve-se sarcasticamente o declínio da monarquia austro-húngara. Sob o nome de Cacania, a desagregação da civilidade vienense é um símbolo do malogro da cultura em geral, bem como da imagem tradicional do homem e da ordem do mundo.

Os inúmeros estudos e comentários suscitados por *O Homem Sem Qualidades*, os seus milhares de páginas constantemente retocadas ou reescritas, as diferentes versões encontradas entre os papéis de Robert Musil, fizeram esquecer o resto da sua obra, relegando-o para a condição de simples esboço daquilo a que ele chamava o seu «trabalho principal», cuja presença obsessiva enche de uma ponta à outra o diário íntimo do escritor, rigorosamente mantido durante mais de quarenta anos.

Contudo, o homem que morreu no exílio em 1942, aos 62 anos de idade, isolado do mundo — apenas oito amigos acompanharam o seu enterro em Genebra — estreou-se na vida literária com êxito. Tinha apenas 25 anos quando publicou *As Perturbações do Jovem Torless*, livro acolhido com vivo interesse e admiração pelo público e pela crítica. Musil, porém, não escolhera ainda a sua via. Oriundo de uma família da baixa nobreza, frequentou uma escola militar que trocou rapidamente por um curso de engenharia. Nos seus novos estudos, só as matemáticas o interessaram, inclinando-se finalmente para a filosofia e sobretudo para a psicologia.

Estas hesitações e crises de consciência, esta curiosidade universal lembram os princípios de Hermann Broch: também Musil quis dominar todo o saber da humanidade antes de «entrar em literatura». A seus olhos, a literatura representa a súmula da civilização humana: todos os outros estudos eram apenas uma preparação para o grande livro que sonhava escrever.

A sua privilegiada situação financeira permite-lhe esperar, recusando a cátedra de psicologia que uma universidade alemã lhe oferece, mas aceitando ocupar-se durante alguns anos da «Neue Rundschau», a principal revista literária alemã. Escreve pouco; quando, em 1925, começa *o Homem Sem Qualidades*, só publicara um romance, duas peças de teatro e dois volumes de contos e novelas.

A forma rigorosa e clássica de *Torless* é o oposto da nova técnica romanesca que Musil tentará aplicar em *O Homem Sem Qualidades*. Quando o escritor ensaia os primeiros passos na literatura, o romance clássico podia ainda exprimir todos os problemas de um mundo equilibrado: vinte anos mais tarde, esse mundo estava em crise. Contudo, se o primeiro romance de Musil não anuncia o que escreveu mais tarde, explica pelo menos os seus silêncios posteriores. Contando uma história banal, nem por isso deixa de se encontrar constantemente nos limites do indizível e do inefável.

O tema de *Torless* é a «amizade particular» que liga os cadetes de uma escola militar da velha Áustria. Um deles rouba: os camaradas não o denunciam, mas aproveitam a sua descoberta para reduzir o condiscípulo à escravatura. Trinta anos mais tarde, relendo este romance, o autor diria que prefigurava, no amanhecer do século, o sadismo dos campos de concentração e toda a barbárie nazi.

Misturam-se a sensualidade e a vontade de poder nas estranhas cenas onde o ladrão, nu, lê diante dos torcionários algumas páginas de um livro que descreve as crueldades dos Bórgia ou de Tamerlão. Após esses exercícios preparatórios, os jovens carrascos obrigam a vítima a rastejar, uivar ou grunhir como um porco. Dois dos jovens aproveitam-se desse poderio que o acaso lhes conferiu, mas Torless não se contenta com saciar os seus instintos e reflecte sobre o aviltamento do seu condiscípulo. O adolescente descobre com terror que o crime e a vergonha são consubstanciais à vida humana: *Basta olhar nos olhos os jovens casais. Que dizem esses olhos? Isto: pensem o que pensarem, nunca hão-de fazer a mais pequena ideia dos abismos a que temos descido. Nesses olhos, rebrilha a ironia secreta que cobre de ridículo quem pode ignorar tantas coisas, e ao mesmo tempo o terno orgulho dos que atravessaram juntos tantos infernos. Como esses amantes, também eu atravessei tudo isso, mas sozinho.»*

A pureza da infância é uma quimera de que precisamos de nos desembaraçar quando nos tornamos adultos. Torless — e fala certamente em nome de Musil — consegue, no entanto, ultrapassar este desespero. Desperta nele o intelectual: *«Como acontece com todos os que concentraram exclusivamente a atenção no acréscimo das suas faculdades mentais, a simples presença de emoções desregradas e opressivas não tinha grande importância a seus olhos.»*

Só o espírito conta. Um controlo severo do intelecto aniquilará todos os desvios, torná-los-á, se não insignificantes, pelo menos compreensíveis e, o que é mais importante, necessários: *«O que importa já não é saber como agiria eu, mas ter a certeza de que se um dia agisse como a vítima, o sentimento do extraordinário estaria tão ausente de mim como esteve dele.»*

Ernesto Sampaio

Acabados de Chegar na Página 8 • Acabados de Chegar na Página 8 • Acabados de Chegar na Página 8 • Acabados

Fernando Campos, autor de «A Casa do Pó»

Um recado a quem voltou a casa

«Portugal, a casa do pó ? Espero que não. Esse é o meu recado...» Discreto, simples, como que envergonhado pelo crescente interesse dos jornalistas pela sua obra e figura, Fernando Campos, 62 anos, quarenta de professor, veio, há escassas semanas, enriquecer a nova ficção portuguesa com um retrato-romance do quase ignorado frade franciscano e escritor quinhentista, Pantaleão de Aveiro. «A Casa do Pó», é o seu primeiro livro de ficção e o primeiro passo também para a satisfação de um sonho antigo. «Desde moço, tive a ideia de que haveria de ser escritor. Tinha tendência para isso. Sempre escrevi. Mas não tinha muita confianca em mim. Não tinha ainda amadurecido...»

EM quatro longas décadas, de liceu em liceu, de cidade em cidade («levamos vida de saltimbancos»), Fernando Campos publicou apenas alguns trabalhos didácticos. Até que, ao deparar, por volta de 1974, com uma luxuosa 4.ª edição do «Itinerário», numa traquitana de um vendedor ambulante, Fernando Campos decidiu rever o seu estuo da obra e da vida do frade. A «conjura do silêncio» em torno do Frei Pantaleão, cuja naturalidade e datas de nascimento e da morte ainda hoje se desconhecem, levou-o a construir «uma hipótese atrevida», com base numa célebre história de amor do século XVI, história essa que talvez explique o nascimento e percurso, quase clandestinos, do frade-escritor. Sem documentação para provar a sua hipótese, decidiu-se pela ficção, «onde toda a invenção é possível», reconstituindo o «formoso e triste» drama dos amores de Guiomar Coutinho e João de Lencastre e boa parte do «Itinerário».

«Levei — conta — dez anos nessa coisa. Juntei muito material, estudei muito bem a obra, corrigi factos e datas. Metime naquele mundo todo. Mas como não podia provar a minha hipótese decidi escrever um romance, em que se pode dizer tudo o que se quer.»

«Sensível às raparigas...»

Um franciscano bem humorado, brincalhão, apreciador da boa cozinha e do bom vinho (seja português, grego ou palestino) e não distraído da beleza feminina, eis um dos traços dominantes da personagem central do romance. Só ficção? «A construção da figurade Frei Pantaleão vem do estudo pormenorizado da sua obra. Ele nunca fala de si próprio. Esconde-se, ninguém sabe nada dele, há um mistério à sua volta. Mas salta sempre qualquer coisa. Aqui e ali diz a sua piada. É sensível às raparigas. Em Corfu, deixa de ver uma cerimónia de circuncisão para sentir melhor os corpos de duas moças que se encostaram a ele. E há a cena na Palestina com as duas mulheres árabes. Ele esteve quase a resvalar. Soube conter-se a tempo. E o encontro com a grega muito bonita que eu desenvolvo num episódio, que é pura ficção. Outras tiradas suas revelam uma vocação algo tremida. O que é natural. Nesse tempo ia-se para frade por múltiplas razões, como a de ser filho bastardo..»

Durrel e os seus mistérios mediterrânicos, Umberto Eco e o «Nome da Rosa» história-ficção-franciscanos. Influências? Fernando Campos reage. «Acho engraçada essa preocupação de se encontrar sempre influências ou analogias de um bom escritor estrangeiro perante um pobre escritor português. Não li nada de Durrel, e quanto ao de Umberto Eco, quando ele apareceu já o meu, que se passa ao longo de gerações e num largo espaço que é o Mediterrânio, estava pronto».

Destaca, ao contrário, a influência, essa sim, do «Itinerário», e a «grande capacidades de observação e óptima escrita» de Frei Pantaleão. «Tem pormenores excepcionais. Eu nunca poderia descrever a Damasco do século dezasseis sem a sua ajuda. Apenas avivei as cores e dei um tom mais moderno».

«velhos problemas»

O episódio final, com o mesmo título do livro, evoca os últimos dias de Camões e a tragédia-mãe da nossa História: a batalha suicida de D. Sebastião em Marrocos. Fim de uma época? Um recado? «Representa um símbolo e um recado que é moderno. Nós acabámos um ciclo muito importante da nossa História. Regressámos ao nosso país, em pequenino. E tudo aquilo que fizemos ao longo dos séculos já passou, não é nosso. Voltámos a casa. E temos agora uma grande crise de identidade. Portugal não se encontra. E um sintoma é esse, por exemplo, de querer encontrar sempre apoio ou muletas, para dizer que este escritor português para ser bom tem de ser parecido com aquele outro escritor estrangeiro que é bom. É nas Letras, é na Economia. Assim como Frei Pantaleão andava à procura da identidade, eu fiz o último capítulo nessa perspectiva. Temos de acreditar em nós, na nossa identidade, sob pena de sermos absorvidos pela cultura dos outros, pela economia dos outros, por tudo o que nos é alheio, e de o País acabar por ser, também, uma casa do pó . . .»

O livro é — sublinha — mais do que uma «mera incursão pelo chamado romance histórico». Explica-se: «Nele estão, igualmente, velhos problemas da humanidade, problemas seculares, que ainda hoje persistem, nos mesmos cenários, e saltam para outros mais alargados. Por exemplo: as questões de Chipre e da Palestina, e as tentativas hegemónicas das potências. Na época do livro era o poderio turco a ditar a lei, a procurar manter o domínio sobre o Mediterrâneo».

Demasiado erudito? «Se for lido em profundidade poderá, na verdade, ser um pouco erudito para o grande público. Mas há testes feitos, há pessoas que, apenas com a instrução primária, começaram a ler o livro e não o largaram. Talvez devido ao fiozinho de intriga que o move, do princípio ao fim. Claro que, pelo meio, encontraram expressões e referências culturais de mais difícil compreensão. Mas passaram em frente não recorreram ao dicionário. É um livro para ser lido por toda a gente. Além disso, puxar para cima não faz mal nenhum . . .

O novo romance

Conta ter mais dois livros prontos para publicação. Um mais condensado, outro mais extenso. Este último passa-se entre 1876 e 1955, percorre duas guerras mundiais e tem por cenários o Brasil, Portugal e ilhas. «É a história de um meu avô, que foi actor do teatro ligeiro, uma espécie de Herman José de agora, teve grandes momentos de glória e acabou esquecido e na miséria. Deu-me, sobretudo, trabalho a reconstituição da época. Passar do século dezasseis e dos franciscanos para um meio teatral do princípio do século. Está a ver o trabalhinho . . .»

Editora à vista? Ainda não. As editoras têm os seus planos, os seus orçamentos. Eu sou apenas um número . . .»

Não espera viver apenas da escrita? «A maior parte dos escritores não vive dos seus livros. Não estou à espera disso. Tenho a minha reforma de muitos anos de trabalho no ensino.»

«Fui matar saudades»

Nascido em Águas Santas, no concelho da Maia, arredores do Porto, Fernando Campos, não tem a nostalgia do passado ou do «tempo perdido». Em Coimbra, onde se licenciou em Clássicas, foi um «estudante pacato», sem noites de fado ou sonhos de tricanas. Há dias foi ao Porto. «Estive lá numa sessão de autógrafos. Numa manhã livre, um amigo levou-me precisamente à minha terra, à casa onde nasci. É uma casa bonita, num antigo castelo. Chama-se mesmo a Quinta do Castelo. Era a casa de Gonçalo Mendes da Maia. Está um bocadinho degradada e à venda. Estive a matar saudades daquilo . . .»

Confessa gostar muito do Porto, mas admite estar já preso a Lisboa, onde vive, desde 1970, com a família. «Sempre tem outra dimensão, outro rasgo. Talvez, por isso, estive calado tanto tempo. Não terá o calor especial do Porto. Mas as pessoas aqui lançam-se mais para a universalidade . . .»

Sente que o lançamento do livro, as entrevistas, as críticas ou referências em jornais, os autógrafos, afectaram o seu ritmo de vida. Mas escreve todos os dias, «nem que seja uma linha».

«Tenho andado numa roda-viva, sinto-me menos motivado para certas coisas, mas, enfim, lá me vou adaptando. Estou a concretizar um sonho. Desde moço tive a ideia de que haveria de ser escritor. Tinha tendência para isso. Sempre escrevi. Agora tenho mais confiança em mim, estou mais amadurecido . . .»

Prefere não destacar ou citar escritores actuais. «Estou muito pouco leitor desde que escrevo. Para quê destacar este ou aquele? Mas não estou completamente desfasado do que se publica. Faço uma leitura quase de folhear, de apalpar o terreno. Mas sempre lhe digo que à cabeceira mantenho os muito antigos. Sobretudo os gregos. Eles fizeram praticamente tudo . . .»

Eugénio Alves

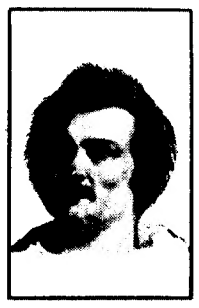
colecção SABER

LUGAR AO SABER

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS
• Prof. A. Amorim da Costa

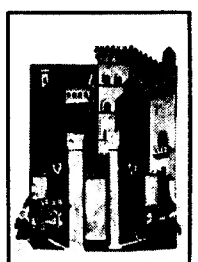
Assistimos hoje a uma contínua adaptação das teorias existentes para poderem explicar os novos factos que cada dia se vão observando. E sente-se, cada vez mais, que não há teorias definitivas.
Daí a importância, em termos de divulgação, quer para alunos, quer para o público mais vasto, desta obra.

INTRODUÇÃO AO ROMANTISMO
• Henry Peyer



Os manuais limitam a vigência do Romantismo ao curto espaço de poucos decénios do século passado. No entanto, para uma definição do Romantismo, se não se pode prescindir do que aconteceu, a compreensão profunda do movimento romântico exige mais do que isso.

2.ª EDIÇÃO



AS ORIGENS DA BURGUESIA
• Régine Pernoud

Que é a burguesia? Quais as suas origens? Quais os traços de natureza económica, política e social e a filosofia de vida que a têm definido ao longo da história?
A autora responde com objectividade, segurança e poder de síntese a estas questões num estudo histórico-sociológico.

3.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

O PRIMEIRO HOMEM
• Jules Carles

Desde sempre o problema da sua origem apaixonou o homem e as mais variadas respostas têm sido dadas.
O presente livro, escrito por um grande especialista francês, é uma síntese brilhante, profunda e clara, da questão, onde o rigor científico está a par de uma visão desapaixonada.

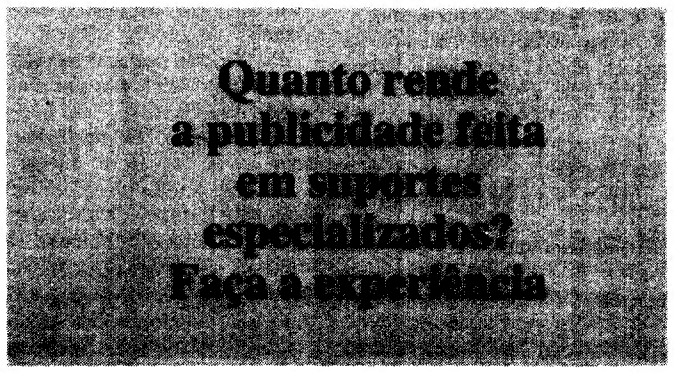
2.ª EDIÇÃO

À VENDA NOS BONS LIVREIROS

EUROPA-AMÉRICA ...
...a memoria no futuro

Na terça-feira

Sete Ponto Sete



Impulsos escatológicos mandatário-polidireccionais

«Virá um tempo em que já nãosuportarão a (...) doutrina; antes, abandonando-se aos caprichos ávidos do que os ouvidos possam solicitar, tomarão para si mestres sobre mestres e, desviando os ouvidos da verdade, voltarão às fábulas.»

ISTO é só um resumo da vida exemplar de José Ninguém Epifenómeno. Ele era como um pastor protestante profissional alcandorado contra a mini-saia, o cinema e o twist. Era zeloso e repressivo para com o seu rebanho, de modo que este tacitamente o concebia como ovelha negra. As suas olheiras denunciavam aquela insónia da cólera própria dum funcionário divio que vê a juventude não substituir a velha prata da casa que vai falecendo. Já não amava a Deus, sim também ele. Não fazia mais que insurgir-se contra a Providência, reclamando uma drástica antecipação do Apocalipse. Desejava Nova Iorque e Moscovo como Sodoma e Gomorra. «Esta obsessão (...) tem consigo uma preocupação de índole cósmica que reside no mais fundo da natureza humana; prediz frustração e sombria relação com os seres mais queridos; ou simplesmente falta de afecto social ou familiar» (Agustina Bessa Luís, **O Apocalipse de Albrecht Dürer**, 1986, p.37) (ver também **O Cosmos e o Coração,** de Pedro Alvim, em D.L. 27/11/86).

A doença foi o pretexto providencial para renunciar ao cargo. Na calma e no repouso perpassou-lhe que «nada na vida dos homens é divino; o divino começa com o sentido do real» (idem, p.99). Inventava assim uma fé dentro da fé contra o desmoronamento. O milagre da cura foi-lhe em parte ministrado por uma enfermeira muito boa,agnóstica. «Tenta ignora a mudança que se deu na sua personalidade, e o tom apocalíptico é sinal de endurecimento da vontade. Mas, na verdade, está morto, vazio, e o deserto é a sua morada (...)» (idem, p.74). Morreu para a fé antiga mas ainda não foi reintegrado no mundo, o real ainda não o acolheu com a forte e fresca lufada cheia de sentido. Nesta delicada fase de transição há um vazio dorido na sua alma a apanhar pó. Germina a implantação do céu no seu cérebro caído em si. Quer amar mais o mundo, mas a antiga «sedução de Deus tornou-o tímido para com a vida, e a indulgência do Senhor captou a sua alma para sempre» (idem, p.80), portanto vai dedicar-se ao estudo, até porque já não lhe sobra muito tempo. Olhando para o espelho é como se visse a sua caveira sorridente, a «(...) terrível carcaça (que) a Terra há-de devorar. Mas lenta, lentamente; que com ela vão os sonhos infantis e a durável espécie do pecado, nosso companheiro até à ressurreição» (idem, p.98).

A doutrina da ressurreição dos mortos começava a parecer-lhe cada vez mais mórbida. Uma ideia de filme de terror. Deixava-se mais facilmente arrastar por impulsos de identificação e solidariedade para com «(...) a plebe trazida ao exterior da sua história, em busca da independência e da justiça» (idem, p.74). «A frágil barca (...), movida por sentimentos memorialistas, ainda ancorada na velha praia da ortodoxia, vai afundar-se» (idem, p.55), anotaria no seu diário em 1968. Está diferente do que era outrora — milagre, de facto —, mas mantém toda a acerbidade, acrimónia e agrura apocalípticas de quando era um vendedor de droga-religião. Sonha com [um mar de vidro misturado com fogo] e [fogo misturado com sangue]. Ao contrário dos heróis terrestres que não passam de teimosos dispostos a morrer por qualquer causa, eleva-se à quinta essência — da reforma da reforma, da metamorfose humana. Descobre te do eu antigo e procura na história exemplo dum homem de sólidações a quem um rio transformou ema e que soube depressa comunicar a sua mudança às massas minando-as m amor.
embrenha-suras ant interditas. «(...) A hostilidade fica restrita à palavra, à palavra proposta à interpretação, manobra do campo satânico mais uma vez» (idem, p.99). Está mais forte que nunca. O médico dá-lhe alta.

Faz-se à estrada da vida. Vai ao Festival de Woodstock em 69. Aproveita depois para dar um salto até à Califórnia e é acolhido por uma comunidade hippie. Numa praia do Pacífico «baptiza-se» em cogumelos. Alucina (?) com uma praga de gafanhotos. [O aspecto dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre as suas cabeças havia uma espécie de coroas semelhantes ao ouro; e os seus rostos eram como rostos de homens. E tinham cabelos como cabelos de mulheres, e os seus dentes eram como de leões. E tinham o seu tronco como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate]. Estava ao mesmo tempo aterrado e saboreava um certo **déjà vu** nesta cena. Não conseguia recordar-se de quê. Eis senão quando surge [um anjo frágil envolto numa nuvem e por cima da sua cabeça estava o arco-íris, e o seu rosto era como o sol, e as suas pernas como colunas de fogo]. Então os tais gafanhotos de S. Francisco afastaram-se aos pulos pela praia fora, levantando muita areia no caminho. Quando esta turba já parecia irreversivelmente afastada, surgiu [um livrinho do tamanho duma sandwiche na mão do anjo]. Já sem medo nenhum, e seguro de que o anjo hermafrodita de Los Angeles não era careta, disse-lhe, como se se sentisse fatalmente compelido a dizê-lo — «Deixa-me lá então ver esse livro...» — Então o anjo bem (a)parecido mostrou a sua voz, que lembrava a do escocês Donovan — «Toma-o e come-o, à confiança; é libanês do melhor, ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será como mel. Verás como ficas.» E como não ficou! Não se esqueçam que José Ninguém Epifenómeno já estava em cogumelos. Imaginem só! Ao fim duma hora, o anjo, que se tinha entretanto deitado ao sol junto dele, confidenciou-lhe que a praga de gafanhotos era real, que os gafanhotos gigantes não eram alucinação, que tinham vindo com ele — anjo — numa grande nave-mãe de outro mundo, e que tudo aquilo não passava duma encenação imprescindível em mais uma empresa regular de intervenção extraterrestre que daquela vez não era por acaso que o escolhia — a ele Epifenómeno — como «cobaia». «Yes, your a most lovely guinea-pig, you holly human!» E prosseguiu (traduzindo, é claro) — «O que é que gostavas mais de saber, já que estás num estado especial?» José Ninguém respondeu — «Para quando e como o fim do mundo?» Então o anjo, ajoelhando-se na areia, avisou-o que o que ele ia ver em seguida era uma projecção holográfica diurna tamanho turístico em ilustração do verdadeiro Apocalipse Cósmico. Viu-se assim pouco acima da areia uma pequena cena animada e colorida dos [astros a caírem do Céu sobre a Terra, tal como os figos verdes que a figueira deixa cair, quando sacudida pela tempestade]. Depois, ainda outra visão, [o céu a recolher-se como um livro que se enrola, dos antigos, é claro, e todos os montes e ilhas a moverem-se dos seus lugares].

Terrífico. E no meio disto, aproveitando o humano basbaque a ver o espectáculo, levanta voo o anjo para não mais voltar.

Depois desta experiência, a José Ninguém Epifenómeno «restava-lhe ser um discípulo lúcido no meio dos sobreviventes loucos dessa experiência única que é amar o indefinível» (idem, p.43). Poderia vir para o D. de L. contar a sua experiência, «mas o silêncio do céu seria uma consequência difícil de remover» (idem, p.57).

A sua alma estava definitivamente assolada pelo sal do Absoluto que só faz sede. Descobriu a necessidade cosmológica do Apocalipse devido ao processo periódico do Universo; passou a bendizer o Eterno Retorno; percebeu a eternidade de tudo e a consubstancialidade do Mundo e de Deus; percebeu o verdadeiro sentido da ressurreição da carne — a ressurreição pelos ciclos do Retorno. Escreveu no seu diário: [Eis que o meu regresso está próximo. Eu sou **também** o Alfa e o Ómega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Último]. E até citou Agustina: «Roma e a Babilónia juntam-se num só sonho formidável de ressurreição que incute nas almas a esperança dos grandes dias» (idem, p.39).

Joel de Lisboa

Novas histórias curtas de Roald Dahl

A Teorema aposta no imprevisto e na artimanha

Roald Dahl já era conhecido dos leitores portugueses através dos seus **Contos do Imprevisto** — uma antologia de histórias curtas em que a ironia se mistura com a produção de situações insólitas, ou à beira do abismo. Agora, na mesma colecção, a **Teorema** publica, dele, **A Grande Artimanha,** nova colecção de histórias curtas em que o tema central é o sexo. As histórias foram originalmente escritas para a revista «Playboy», e Dahl não desarma — nem em matéria de humor nem na concepção de situações bizarras mas plausíveis (muitas vezes no limiar do impossível). Quem gostou de **Contos do Imprevisto** vai, sem dúvida, reencontrar prazer nesta **Grande Artimanha.** Aqui publicamos um excerto de **A visitante,** uma das mais interessantes narrativas do pequeno volume.

O meu anfitrião levou-me para dentro de casa e senti imediatamente aquele arrepio maravilhoso que nos passa na pele quando se sai subitamente dum calor intenso e se entra numa sala com ar condicionado. Estava no hall da entrada. O chão era de mármore verde. À minha direita, havia um arco grande que dava para um salão e tive uma sensação fugaz de paredes brancas muito frescas, quadros excelentes, e mobília Luís XV da melhor qualidade. Que sítio para encontrar no meio do Deserto do Sinai!

E nesse momento surgiu uma mulher a descer lentamente as escadas. O meu anfitrião voltara-se para falar com os criados, e não a viu imediatamente por isso, quando chegou ao último degrau, a mulher parou, poisando o braço nu como se fosse uma anaconda branca em cima do corrimão, e ficou ali de pé, a olhar para mim como se fosse a Rainha Semíramis nos degraus de Babilónia, e eu fosse um candidato que poderia ou não agradar-lhe. Tinha o cabelo totalmente negro e uma figura que me fez lamber os lábios.

Quando o sr. Aziz se voltou e a viu, disse:

— Ah, querida, estás aí? Trouxe-te um convidado. O carro dele avariou-se na estação de serviço... um azar tremendo... por isso convidei-o a passar aqui a noite. Sr. Cornelius... a minha mulher.

— Que agradável — disse ela serenamente, aproximando-se.

Peguei-lhe na mão e levei-a aos lábios.

— Não sei o que dizer perante tanta amabilidade, minha senhora — murmurei. Havia, naquela mão dela, um perfume diabólico. Era quase exclusivamente animal. As secreções irresistíveis e subtis do cachalote, do almiscareiro e do castor estavam todas ali, indiscritivelmente pungentes e obscenas; dominavam por completo a mistura, deixando apenas transparecer leves vestígios dos óleos vegetais puros — limão, cajuput e zeroli. Era soberbo! E outra coisa em que reparei naquele primeiro momento foi isto: quando lhe peguei na mão, ela não a deixou ficar na minha mão, mole como um filete de peixe cru, como costumam fazer as outras mulheres. Em vez disso, colocou o polegar *por baixo* da minha mão com os outros dedos por cima, e dessa forma pôde — e juro que ela o fez — exercer uma pressão suave mas sugestiva sobre a minha mão enquanto eu aplicava o beijo convencional.

— Onde está a Diana? — perguntou o sr. Aziz.

— Está lá fora ao pé da piscina — disse a mulher. E voltando-se para mim acrescentou: — Quer dar um mergulho, sr. Cornelius? Deve estar a morrer de calor depois de ter estado à espera naquela bomba de gasolina horrorosa.

Tinha uns olhos enormes e aveludados, tão escuros que eram quase negros, e, quando me sorriu, a ponta do seu nariz subiu, alargando as narinas.

O Príncipe Oswald Cornelius decidiu, nesse mesmo instante, que não estava absolutamente nada interessado na bela Princesa que o Rei ciumento conservava encarcerada no castelo. Em vez disso arrebataria a Rainha.

— Bem... — disse eu.

— Eu vou dar um mergulho — disse o sr. Aziz.

— Vamos todos — disse a mulher dele. — Emprestamos-lhe uns calções.

Perguntei se não poderia ir primeiro ao quarto tirar da mala uma camisa e umas calças lavadas para vestir depois do banho, e o meu anfitrião disse «Sim, claro», ordenando a um dos criados que me mostrasse onde era. O criado conduziu-me, e subimos dois lances de escadas entrando num quarto branco, grande, em que havia uma cama de casal excepcionalmente grande. De um lado havia uma porta que dava para uma casa de banho bem equipada, com uma banheira azul clara e um bidé a condizer. Estava tudo escrupulosamente limpo e muito a meu gosto. Enquanto o criado desfazia a minha mala dirigi-me para a janela e olhei lá para fora, e vi o enorme deserto escaldante estendendo-se como um mar amarelo desde o horizonte até chegar ao muro branco do jardim mesmo debaixo de mim, e ao lado da piscina estava uma rapariga deitada de costas à sombra dum grande chapéu de sol cor-de-rosa. A rapariga tinha vestido um fato de banho branco e estava a ler um livro. Tinha pernas compridas e elegantes e cabelo preto. Era a princesa.

Que luxo, pensei. O castelo branco, o conforto, a limpeza, o ar condicionado, as duas mulheres deslumbrantes, o marido cão de guarda, e uma noite inteira para trabalhar! A situação parecia ter sido concebida com tal perfeição para meu divertimento que teria sido impossível aperfeiçoá-la. Os problemas que se avizinhavam encantavam-me imenso. Uma simples sedução sem rodeios já não me divertia. Não havia qualque arte nesse tipo de coisa; e garanto-lhes que se tivesse podido, com uma varinha mágica, fazer o sr. Abdul Aziz, o cão de guarda cioso, desaparecer durante aquela noite, não o teria feito. Não estava interessado em vitórias fáceis.

Quando saí do quarto, o criado acompanhou-me. Descemos o primeiro lance de escadas e, depois, no patamar do piso debaixo daquele em que estava o meu quarto, parei e disse com um ar indiferente:

— É neste piso que dorme a família toda?

— É sim — disse o criado — O quarto do patrão é ali — indicou uma porta — eao lado é o da sr.ª Aziz. O outro em frente é da Miss Diana.

Três quartos separados. Todos muito perto uns dos outros. Praticamente inexpugnáveis. Guardei aquela informação na cabeça e desci para a piscina. Os meus anfitriões já lá estavam.

— Esta é a minha filha Diana — disse o meu anfitrião.

A rapariga do fato de banho branco levantou-se e beijei-lhe a mão.

— Olá sr. Cornelius — disse ela.

Estava a usar o mesmo perfume pesado, de animal, que a mãe — âmbar cinzento, almíscar e castor! Aspirei-lhe o cheiro como um cão.

Na minha opinião, era ainda mais bonita do que a mãe, se é que isso era possível. Tinha os mesmos olhos grandes aveludados, o mesmo cabelo preto, e o mesmo formato de cara; mas as suas pernas eram inegavelmente mais compridas, e havia algo no seu corpo que lhe dava uma ligeira vantagem em relação ao da mulher mais velha: era mais sinuoso, mais serpenteante, e devia ser quase decerto bastante mais flexível. Mas a mulher mais velha, que teria provavelmente uns trinta e sete anos e não parecia ter mais de vinte e cinco, tinha um brilho nos olhos com que a filha não podia de forma alguma competir.

Ãn, dó, li, tá... ainda há momentos o Príncipe Oswald jurara que se limitaria a arrebatar apenas a Rainha, e a Princesa que fosse para o diabo. Mas agora que vira a Princesa em carne e osso, não sabia qual havia de preferir. À sua maneira, havia em ambas a mesma promessa de prazeres inumeráveis, uma inocente e interessada, a outra experimentada e voraz. A verdade é que gostaria de as possuir ambas — a Princesa como aperitivo, e a Rainha como prato principal.

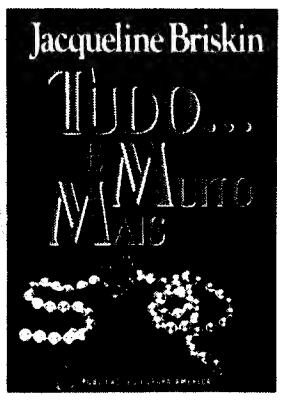
Roald Dahl

in «A grande artimanha» Editorial Teorema

Cá e lá bons autores há!

ALVES REDOL
OS REINEGROS

Uma das grandes obras de reconstituição, evocação e criação romanesca deste século. O romance do inconformismo. *Os Reinegros,* obra publicada pela primeira vez três anos após a morte do autor e agora editada na Colecção «Século XX». É um romance cuja acção decorre nos tempos conturbados da transição da monarquia para a república.



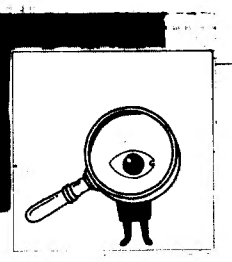
JACQUELINE BRISKIN
TUDO E MUITO MAIS

Desta autora publicamos já *Paloverde* e *O Ónix.* Surge agora a saga romântica de três norte-americanas privilegiadas. Quando a beleza, a riqueza e o amor não são suficientes, um mundo pleno de dramas e de intrigas vem ao de cima. Marylin, a estrela; Roy, a estilista; Althea, nascida na alta-roda: três personagens que podem ser reais.

DOIS TÍTULOS DE OURO NO SEU LIVREIRO

EUROPA-AMERICA ...a memoria no futuro

Acabados de Chegar

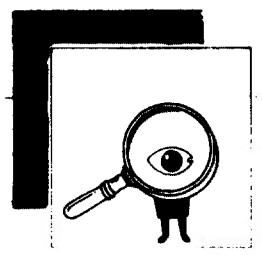


■ O homem que olha, Alberto Moravia, ed. Dom Quixote, col. Biblioteca Universal, trad. Miguel Serras Pereira

Miguel Serras Pereira já tinha traduzido, para a Biblioteca de Bolso da Dom Quixote, os contos eróticos de Moravia. Agora, novo e mais «pesado» empreendimento: este **homem que olha** é o próprio Moravia desdobrado em dois personagens que se confrontam em tudo (pai e filho), inclusive no plano sexual: o velho pai disputa ao filho a mulher deste. Uma reflexão, também, sobre a guerra nuclear total. O tema do romance é o **voyeurismo.** Absolutamente a não perder.

■ 90 e mais quatro poemas, Constantin Cavafy, versão portuguesa, prefácio, comentários e notas de Jorge de Sena

Os leitores portugueses terão começado por conhecer Cavafy através de «O quarteto de Alexandria», de Lawrence Durrell. Aqui, o velho alexandrino, espécie de Borges greco-egípcio, é apresentado como «o poeta da cidade». Entretanto, esta grande antologia, que agora sai em segunda edição, com as magníficas traduções de Jorge de Sena, oferece um conhecimento aprofundado da obra de Cavafy; o Ler Escrever voltará a ele em breve.



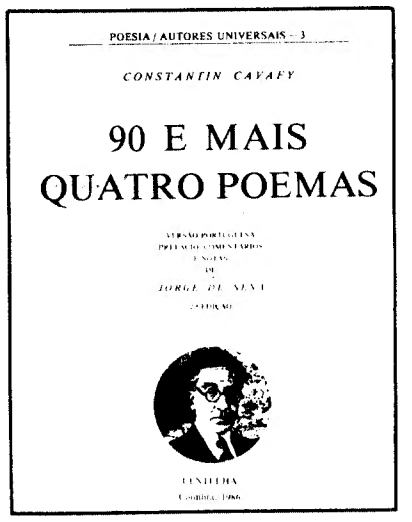
DAVID MOURÃO FERREIRA

UM AMOR FELIZ

■ Um Amor Feliz (2.ª edição), David Mourão-Ferreira, ed. Presença, col. Novos Continentes

Lançado em Novembro passado, **Um Amor Feliz,** primeiro romance de David Mourão-Ferreira, vendeu cerca de 20 000 exemplares em pouco mais de dois meses, o que constitui facto notável entre nós. A **Presença** relança agora o livro em segunda edição, ainda no vigésimo milhar, com uma nova capa do escultor Francisco Simões (a primeira, representando um casal a fazer amor, deu lugar a um ou dois reparos, apenas um dos quais público — o de Jorge Listopad no **JL**). Nesta segunda capa, o casal já acabou de fazer amor e o homem vestiu umas calças, embora a mulher continue nua.

O acolhimento invulgar que o público reservou a este primeiro romance de David Mourão-Ferreira (o livro tem-se mantido, desde o seu lançamento, no «top» das vendas, ultrapassando mesmo a **Jangada de Pedra** de José Saramago e o **À noite logo se vê,** de Mário Zambujal, que também registam um êxito pouco habitual) representa, sem dúvida, o apreço dos leitores por um personagem que conhecem de há longa data como poeta e como apresentador de programas literários (quem se esqueceu do seu «Hospital das Letras», na RTP?), e consagra um modelo de romance que praticamente desaparecera das letras portuguesas: retrato de geração, retrato de uma cidade, sátira política, diário, o amor e o erotismo atravessando, como motor, o movimento de um personagem central desdobrado em narrador, e com quem o autor dialoga intimamente. Esperamos que David Mourão-Ferreira, que já era um grande senhor da literatura portuguesa antes deste romance (que nasceu novela, desenvolvendo-se depois os personagens e as situações um pouco à revelia do autor, como ele descreveu numa entrevista) conclua agora os outros projectos de romance que tem em mãos.



■ «Os Romantismos em Portugal-Modelos Estrangeiros e Orientações Nacionais», Álvaro Manuel Machado, ed. F. Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris (em língua francesa).

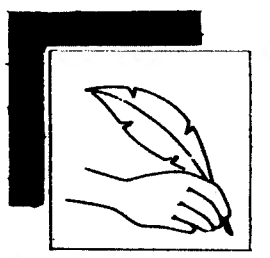
Em edição da Fundação Gulbenkian, através do seu Centro Cultural Português de Paris, acaba de ser publicada a obra de Álvaro Manuel Machado «Os Romantismos em Portugal-Modelos Estrangeiros e Orientações Nacionais».

Esta importante e significativa obra, num total de 719 páginas, além do «Avant Propos», da Advertência e da Introdução, constituída por três capítulo, abrange os Livro I (Modelos estrangeiros do pré-romantismo ao romantismo, com três capítulos sobre os Modelos pré-românticos francesas: Fortune de Rousseau na Europa e herança clássica em Portugal; Os Modelos pré-românticos anglo-germânicos; Young, o pré-romântico nocturno; e do pré-romantismo ao romantismo: Nacionalismo, Exílio e imagens do estrangeiro); Livro II – O romantismo em questão, modelos estrangeiros e consciência nacional-Livro III – Fixação dos modelos. A geração de 70 – Livro IV – Rupturas e Heranças. Anote que cada livro contém diversos capítulos, abrangendo temas diversos e de grande importância e interesse para o desenvolvimento do enunciado nos respectivos livros ao redor dos quais se estudam figuras de cultura portuguesa e europeia. De grande interesse e a destacar é a Introdução de Álvaro Manuel Machado, em que se explica a natureza da obra e o seu significado, pelo que representa na «identificação de uma problemática e a definição de um método. Anotem-se, a concluir, as palavras de apreço para o Prof. Pina Martins, um «aristocrata do espírito», «Avant Propos» em que se referem também os nomes de alguns do nossos melhores escritores, de quem o autor recebeu palavras de encorajamento e de estímulo para a realização da obra, que constitui um documento excepcional no panorama da Cultura portuguesa e europeia.

■ Revista de História Económica e Social

O fascículo 18 (Julho-Dezembro de 1986), da «Revista de História Económica e Social», dirigida pelo Professor Vitorino Magalhães Godinho, tem o seguinte sumário: «Expectativas dos Credores Externos sobre a Solvabilidade do Estado Português, 1881-1910», por Nuno Valério; «Antiquité et Nouveaux Mondes, a propos de Francisco de Holanda», por Sylvie Deswarte; «Contestação e Resistência dos que vivem da terra», por Maria Helena Cruz Coelho; «João Peres de Aboim, da terra da Nóbrega à Corte de Afonso III», por Leontina Ventura; «A Dívida Pública Externa Fundada de Portugal da Guerra Civil à Regeneração», por Maria Eugénia Mata. Na secção dedicada à «apresentação de fontes e dados semitratados», Rui M. Viseu Ferreira publica «Notas sobre os primeiros 100 anos do ensino de Economia na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra». Recensões críticas assinadas por Joaquim Romero Magalhães, Helena de Mesquita Barbas, Francisco Bethencourt.

A primeira das recensões críticas é a comunicação de Joaquim Romero de Magalhães ao colóquio «A Historiografia Portuguesa - 1974-1986», organizado pela Associação dos Professores de História. Texto polémico em que são postas em causa outras revistas de História e a investigação no domínio da História Económica e Social.



O eu nos outros

Outras são as palavras

ERA um vento para além das janelas, um grande aceno de copas pelo céu azul, um murmúrio que vinha até ao conforto da sala — e Jaime, os olhos irónicos em Helena, disse:

—Não ouves uma outra linguagem lá fora...? Não ouves essa outra linguagem que tu dizes existir para além da nossa linguagem verbal...?

—Não ironizes. A tua sensibilidade há já muito tempo que se deu conta da existência dessa outra linguagem... O que acontece em ti, o que te fecha a essa outra linguagem, é o facto de tu leres e escreveres, de andares sempre de um verbo para outro verbo, de um ponto final para outro ponto final... Mas tudo no mundo são reticências, Jaime. Sim, reticências... Reticências que murmuram. As reticências de um rio a correr, de uma brisa pelas nossas caras, de um gato que foge, de uma asa que bate nos ares... Não são formas verbais, não. Mas são outras formas de expressão, outras formas que a realidade possui para se confessar em toda a sua existência, ondulando sempre em longas reticências... É o som de tudo, sabes? É um som que nos é dirigido, que entra em nós, um tanto como uma língua estrangeira que não compreendemos na sua totalidade. Mas que existe, que é, que está sempre dizendo coisas... Por vezes, Jaime, ouvindo o vento por entre as copas, imagino, vê lá, que um sopro e outro sopro, uma brisa e outra brisa, um assobio e outro assobio, estão a dialogar ao longo de uma antiquíssima representação sumida no começo dos tempos... E uma erva, Jaime, já ouviste uma erva a crescer...?

Jaime deteve-se no seu deambuleio pela sala

— Uma erva a crescer...?

— Oh, sim! — disse Helena. — É uma linguagem toda verde, silenciosa quase, sem sujeito, predicado, complemento directo... Uma oração impossível de ser dividida nos seus elementos. Que coisas, no entanto, essa erva não me diz!

E Jaime, inquieto, submisso:

— Que te ama...?

— Mais, muito mais do que isso!

Pedro Alvim